

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**CIDADE DE DEUS, LUGAR POBRE E VIOLENTO. ARTICULANDO
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.**

BRUNO DIAS FRANQUEIRA

VITÓRIA

2011

BRUNO DIAS FRANQUEIRA

**CIDADE DE DEUS, LUGAR POBRE E VIOLENTO. ARTICULANDO
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.
Orientação: Prof. Dr. Lídio de Souza.

UFES

Vitória, Agosto de 2011.

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

F835c Franqueira, Bruno Dias, 1978-
Cidade de Deus, lugar pobre e violento. Articulando
representações sociais / Bruno Dias Franqueira. – 2011.
152 f. : il.

Orientador: Lídio de Souza.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade
Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e
Naturais.

1. Representações sociais. 2. Pobreza urbana. 3. Violência
urbana. 4. Crítica cinematográfica. I. Souza, Lídio de, 1954-. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências
Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

BRUNO DIAS FRANQUEIRA

**CIDADE DE DEUS, LUGAR POBRE E VIOLENTO. ARTICULANDO
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovada em 25 de agosto de 2011, por:

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Lídio de Souza

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

Orientador

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Smith Menandro

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Prof. Dr. Daniel Henrique Pereira Espíndula

Universidade Federal do Vale do São Francisco

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, exemplo de amor e dedicação em minha vida. Ao meu irmão, que me faz ver semelhanças nas diferenças. Ao meu avô e minha avó, outros pai e mãe para mim. À Neila por tantas orações. Ao Matheus pela linda amizade. À Michele, minha priminha. À Ivonete. Ao Sanderson, Rosangela, Agner, Marly, Sarinha.

Aos meus grandes amigos que acompanharam esta jornada. Por respeitaram meus dias difíceis. Por me responderam quando perguntei. Por se alegrarem e terem se cansado comigo. Não preciso citar seus nomes, pois eles estão escritos em meu coração.

Às minhas colegas do PIU que me permitiram conhecer uma nova realidade de vida. À Mariana pela ajuda, amizade e direcionamentos.

Aos entrevistados que cederam tempo e atenção para esta pesquisa. Ao Centro de Referência da Juventude em Vitória e ao Colégio Maura Abaurre em Vila Velha pelas portas abertas.

Ao meu orientador, Lídio de Souza. Pela tranquilidade, paciência e dedicação. Por tratar-me como orientando com a atenção que se oferece a um amigo.

À Aline, minha esposa, minha companheira para vida. Sem você não teria conseguido realizar este sonho.

A Deus. Por tudo.

O lugar não importa. Pode ser qualquer um, contanto que seja pobre e marginal a
esta outrora encantadora cidade.

Alba Zaluar

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Evocações para o termo indutor “lugar pobre”	76
Tabela 2 – Tabela “Motivos para pobreza”	90
Tabela 3 – Tabela “Motivos para pobreza no bairro/comunidade”	94
Tabela 4 – Evocações para o termo indutor “lugar violento”	101
Tabela 5 – Tabela “Motivos para a violência”	109
Tabela 6 – Tabela “Motivos para a violência no bairro/comunidade”	112
Tabela 7 – Evocações para o termo indutor “filme Cidade de Deus”	118
Tabela 8 – IQU do município de Vitória-ES por ranking.....	150

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gráfico “Motivos para pobreza”.....	88
Figura 2 – Gráfico “Motivos para pobreza no bairro/comunidade”.....	91
Figura 3 – Gráfico “Motivos para violência”.....	107
Figura 4 – Gráfico “Motivos para violência no bairro/comunidade”.....	109

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
1. VIOLÊNCIAS E POBREZA – CONCEITOS E CONTEXTOS.....	16
1.1 CONCEITOS E CONTEXTOS DA VIOLÊNCIA.....	16
1.2 CONCEITOS E CONTEXTOS DA POBREZA.....	23
2. ARTE DO REAL: TEORIAS DO CINEMA E SUAS CONEXÕES COM A PSICOLOGIA.....	28
2.1 CINEMA BRASILEIRO DE RETOMADA: VIOLÊNCIA E POBREZA NOS <i>FAVELA-MOVIES</i>	34
2.1.1 Cidade de Deus: síntese narrativa e contextualização.....	39
3. A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	44
3.1 ABORDAGEM ESTRUTURAL E A TEORIA DO NÚCLEO CENTRAL.....	53
4. OBJETIVOS E MÉTODO.....	58
4.1 OBJETIVOS.....	58
4.2 MÉTODO.....	58
4.2.1 Participantes.....	58
4.2.2 Instrumento.....	61
4.2.3 Procedimentos para a coleta de dados.....	62
4.2.4 Procedimentos para organização e tratamento dos dados.....	63
4.2.5 Análise de riscos e benefícios.....	64
5. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE LUGAR POBRE, LUGAR VIOLENTO E DO FILME CIDADE DE DEUS.....	65
5.1 O CONTEXTO SOCIOECONÔMICO DOS PARTICIPANTES.....	65

5.2 SOBRE VIOLÊNCIA E POBREZA.....	69
5.3 SOBRE CINEMA, VIOLÊNCIA E POBREZA.....	71
5.4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE “LUGAR POBRE”.....	74
5.4.1 Núcleo Central das representações sociais de “lugar pobre”.....	76
5.4.2 Elementos periféricos das representações sociais de “lugar pobre”.....	94
5.5 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE “LUGAR VIOLENTO”.....	101
5.5.1 Núcleo Central das representações sociais de “lugar violento”.....	101
5.5.2 Elementos periféricos das representações sociais de “lugar violento”.....	112
5.6 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO FILME “CIDADE DE DEUS”.....	117
5.6.1 Núcleo central das representações sociais de “Cidade de Deus”.....	117
5.6.2 Elementos periféricos das representações sociais do filme “Cidade de Deus”.....	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	134
REFERÊNCIAS.....	140
ANEXO I - MODELO DE QUESTIONÁRIO.....	144
ANEXO II - SINOPSE E FICHA TÉCNICA DO FILME CIDADE DE DEUS.....	148
ANEXO III - ÍNDICE DE QUALIDADE URBANA DE VITÓRIA-ES.....	150

RESUMO

A expressiva reprodução da pobreza e da violência nos meios de comunicação de massa, a exemplo da cinematografia brasileira na contemporaneidade, provocam estudos em diversas áreas das ciências humanas e sociais. Esta pesquisa pretende contribuir com estes estudos, objetivando a apreensão das representações sociais de *lugar pobre*, *lugar violento* e do filme *Cidade de Deus*. O aporte teórico e metodológico empregado foi a Teoria do Núcleo Central das Representações Sociais. Participaram desta pesquisa cem sujeitos, divididos em dois grupos; o Grupo 01 foi formado por cinquenta moradores de bairros de classe média e alta e o Grupo 02 formado por cinquenta participantes moradores de bairros periféricos; ambos foram constituídos por moradores dos municípios de Vitória e Vila Velha, Espírito Santo. Os dados foram coletados por meio de questionário composto por questões de evocação livre, fechadas e abertas. A determinação dos elementos periféricos e dos núcleos centrais das representações ocorreu por meio do software EVOC. Os resultados indicam que as representações sociais de lugar pobre relacionam-se às deficiências estruturais das periferias, à violência e, às carências individuais e coletivas; as representações sociais de lugar violento relacionam-se ao tráfico de drogas, a diferentes formas de violência, e às mortes consequentes do emprego de armas de fogo; e as representações do filme *Cidade de Deus* agregam elementos próprios das representações de lugar pobre e lugar violento. As similitudes entre elementos de representação dos objetos possibilitam reflexões acerca do papel dos media nos processos de comunicação como formadores e reprodutores das representações sociais.

Palavras-chave: Representações Sociais; Pobreza Urbana; Violência Urbana; Cidade de Deus; Crítica cinematográfica.

ABSTRACT

The expressive reproduction of poverty and violence in the mass media, as seen in the contemporary Brazilian cinema, involve studies in several areas of the human science and social science. This research aims to contribute with these studies, aiming at the understanding of social representations of poor place, violent place and the film *City of God*. The theoretical and methodological contribution used in this research was the Theory of the Central Nucleus of Social Representations. One hundred people participated in this research, divided by two groups; Group 01 was a group formed by fifty residents of middle class and high class neighborhoods and Group 02 was formed by fifty residents of suburb neighborhoods; both groups consisted of residents of Vitória County and Vila Velha County of the state of Espírito Santo. The data was collected by a questionnaire consisted of open and closed questions of free evocations. The determination of the peripheral elements and the central cores of the representations were made using the EVOC software. The results showed that the social representations of poor place are related to the structural deficiencies of the suburbs, also related to violence, and individual and collective needs; the social representations of poor place are related to drug trafficking, different types of violence and deaths resulting from the use of firearms; and the representations of the movie *City of God* provide elements of the representations of poor place and violent place. The similarities among elements of the representation of objects allow reflections on the role of the media in processes of communication as trainers and breeders of social representations.

Key-words: Social Representations; Urban Poverty; Urban Violence; Critical Cinematographic.

APRESENTAÇÃO

A proposta deste estudo foi verificar as representações sociais de **lugar pobre** e de **lugar violento** entre jovens e adultos moradores dos municípios de Vitória e Vila Velha, Espírito Santo, Brasil. Utilizamos-nos de evocações livres de palavras ou expressões na perspectiva da Abordagem Estrutural proposta por Jean Claude Abric em sua Teoria do Núcleo Central. Propusemos também verificar as representações sociais do **filme Cidade de Deus**, representativo produto da cinematografia nacional do período conhecido por *Retomada do Cinema Brasileiro*. A motivação desta pesquisa é a crescente exposição verbal e visual de relatos violentos nos meios de comunicação e sua associação direta com a pobreza das favelas ou comunidades periféricas dos médios e grandes centros urbanos do país.

A retomada da produção cinematográfica ficcional brasileira pós-1993, por parte da indústria do cinema no Brasil, resultou na elaboração de películas com uma mensagem globalizada a fim de facilitar sua aceitação nos mercados internacionais, em especial o norte-americano. Este quadro possibilitou o surgimento de um estilo denominado *favela-movies*¹ que exerce fascínio nestes mercados pela apresentação do “exótico” aos olhos dos espectadores dos países ditos como desenvolvidos. Favela, pobreza, violência e tráfico de drogas são elementos muito explorados como imagens estereotipadas da sociedade brasileira.

¹ O termo *favela-movie* refere-se aos filmes que retratam as periferias urbanas e seu cotidiano no período de Retomada do Cinema Brasileiro. Encontrado em “*Favela-Movies e Favela-Series: Novas Representações na Produção Audiovisual Brasileira*” de Lúcia Loner Coutinho, 2009.

Wolf (2008), partindo dos pressupostos da *agenda-setting*, explica que as agendas dos meios de comunicação de massa são elos imprescindíveis entre os fatos e os agentes sociais. Elas dizem ao público “o que pensar” e “quanto pensar sobre algo”, forçando um caminho para o pensamento coletivo, procurando dar sentido à realidade social. Assim, quando fundamenta significativa parte de sua produção nos *favela-movies*, a agenda cinematográfica brasileira implica um modo de “pensar a violência nas comunidades carentes” e “pensar em grande escala – âmbito nacional e internacional”. Para Wolf (2008) a escolha dos temas que estão em sintonia (centralidade) com as experiências pessoais dos públicos de um meio de comunicação é fundamental no processo de assimilação e influência da mensagem. Quanto menor for a experiência pessoal direta do indivíduo com o assunto, mais provavelmente ele será influenciado pela mensagem.

É com base neste aspecto que acreditamos ser de grande importância explorar as representações de violência e pobreza na sociedade urbana e no cinema brasileiro. De um lado, um grupo formado por indivíduos que habitam comunidades consideradas periféricas e/ou carentes e, de outro, um grupo formado por moradores de regiões consideradas de classe média e alta do mesmo perímetro urbano. Torna-se possível então, a partir da análise dos dados encontrados, verificar as representações sociais sobre os objetos relacionados.

O aporte teórico que fundamenta este estudo tem sua matriz na Teoria das Representações Sociais (TRS) de Serge Moscovici com o emprego da Abordagem Estrutural, cujo precursor é Jean Claude Abric que, em 1976,

desenvolveu a Teoria do Núcleo Central das Representações Sociais. Também exploramos conceitos teóricos do cinema que contribuíram para o desenvolvimento de um pensamento psicológico da arte audiovisual; apresentamos um breve quadro do cinema brasileiro na contemporaneidade; refletimos sobre as reproduções² imagéticas da violência e pobreza como uma estética da linguagem fílmica nos *favela-movies*; esclarecemos as bases da pesquisa de campo realizada: participantes, instrumentos, procedimentos de coleta e tratamento dos dados; e, por fim, discutimos os dados obtidos junto aos participantes à luz da teoria proposta.

O primeiro capítulo deste estudo intitula-se “Violências e pobreza – conceitos e contextos”, e nele são apresentados pressupostos conceituais dos termos violência e pobreza – este em associação à noção de exclusão social – em suas díspares possibilidades. Nosso intuito é apresentar uma base para as discussões posteriores acerca dos dados obtidos sobre os objetos de estudo.

O capítulo seguinte, denominado “Arte do real: Teorias do Cinema e suas conexões com a Psicologia”, explora as formulações de alguns dos principais autores no campo das teorias do cinema em suas três principais modalidades de pensamento: as teorias formativas, as teorias realistas e as teorias compreensivas. Nele são destacados estudiosos que privilegiaram os aspectos psicológicos da arte-técnica cinematográfica.

² O termo **reproduções** foi empregado neste trabalho para as manifestações cinematográfico-imagéticas (ou fílmicas) em lugar do emprego da terminologia mais comum: **representações**. Este procedimento se justifica para evitar possíveis confusões, tendo em vista a teoria central deste estudo ser denominada **representações sociais**.

O enfoque do terceiro capítulo, “A Teoria das Representações Sociais”, está na descrição dos conceitos fundamentais da “teoria-maior”, desenvolvida por Serge Moscovici (1961), através de diferentes autores, bem como da apresentação dos pressupostos da Teoria do Núcleo Central para a delimitação dos aportes teóricos empregados na discussão dos dados da pesquisa.

A seguir, o quarto capítulo trata da descrição dos Objetivos do estudo e do Método empregado para a coleta de dados. São apresentados o objetivo geral e os objetivos específicos norteadores da pesquisa, bem como os parâmetros essenciais da sua elaboração: a constituição dos grupos sociais, os critérios para a formação dos grupos, o instrumento de coleta e os riscos possíveis em sua execução.

O quinto capítulo, “Representações sociais de *lugar pobre, lugar violento* e do filme *Cidade de Deus*”, apresenta os dados encontrados pela pesquisa, discutindo-os com base na TRS, identificando os núcleos centrais e periféricos que envolvem os objetos de pesquisa.

São expostas ao final as Considerações Finais acerca do estudo numa breve discussão acerca do papel da comunicação nos processos de formação das representações sociais.

Por fim, são apresentadas as Referências utilizadas na elaboração desta dissertação e os anexos necessários para um melhor esclarecimento de questões abordadas ao longo do texto.

1. VIOLÊNCIAS E POBREZAS: CONCEITOS E CONTEXTOS

Violência e pobreza se apresentam de forma polissêmica se nos permitirmos explorar as diferentes concepções históricas, culturais, sociais ou geopolíticas em que os termos foram e são empregados. Seus significados envolvem os modos como as sociedades veem os fenômenos e os graus de tolerância destas sociedades às suas manifestações. Neste momento, não nos compete exaurir pressupostos conceituais sobre estes fenômenos, cabe-nos apenas fornecer breve apresentação dos termos nos âmbitos sociológico, antropológico e psicossocial para auxiliar a reflexão acerca dos dados posteriormente apresentados.

1.1 CONCEITOS E CONTEXTOS DE VIOLÊNCIA

Amparada em diferentes justificativas, em contextos intragrupalis ou intergrupais, com emprego corporal ou por via de diferentes aparatos, a violência sempre fez parte da história das relações humanas. “Os homens, desde tempos imemoriais, têm a capacidade de destruir-se mutuamente por meio da violência” (ZALUAR, 1996, p.9). As práticas violentas sempre estiveram presentes na história da humanidade, em todos os lugares e culturas, sendo apreendidas em graus diferentes e assimiladas de maneiras simbólicas desiguais. Por essa presença histórica e abrangente, torna-se tarefa difícil apresentar um conceito absoluto que abarque todos os tipos de violência, seus processos e suas práticas. Desta forma,

o sociólogo Michel Misse nos propõe pensar em “violências” em lugar de “violência”. Violências num contexto múltiplo e plural, com “diferentes graus de visibilidade, de abstração e de suas alteridades” (MISSE, 1999, p. 43). Para Misse a violência compreende

[...] em primeiro lugar, uma ideia, a tessitura de representações de uma idealidade negativa, que se define por contraposição a outra idealidade, positiva, de paz civil, de paz social ou de consenso, de justiça, de direito, segurança, de integração e harmonia social. É uma ideia constituída preventivamente, e aplicada retrospectiva e polissemicamente a eventos, coisas, ideias ou pessoas que sejam representados como ameaças à sociabilidade integradora, ao social genérico (MISSE, 1999, p. 43).

O conflito entre idealidades positiva e negativa possibilita tanto uma violência *a priori*, preventiva, quanto uma violência *a posteriori*, coercitiva, resposta a uma agressão primeira, legitimada em determinados casos como uma “contra violência” em favor da manutenção do estado harmônico.

Xavier (2008) por sua vez, propõe uma definição de violência que principia na etimologia da palavra proveniente do latim *violentia*, relacionando-a a *vis* e *violare*, portando os “significados de força em ação, força física, potência, essência, mas também de algo que *viola*, profana, transgride ou destrói” (XAVIER, 2008, p.21). Xavier, então, compreende o fenômeno como uma transgressão ou destruição que pressupõe força ou vigor que se sobressaem à ordem dita “natural”.

Rocha (2001) também salienta que os diferentes conceitos empregados por autores da Filosofia, da Sociologia e da Psicologia e, a diversidade de acepções semânticas atribuídas ao termo, verdadeiramente dificultam uma formulação de conceito comum. Porém, também se manifesta, propondo um pensamento

transdisciplinar onde a violência seria concebida como uma “transgressão das medidas e do ‘justo meio’ (*métron*), estabelecidas pela razão como parâmetros da virtude em geral, e da justiça em particular” (ROCHA, 2001, p. 307).

Recorrendo a Hernández (2002) verificamos que é necessário compreender que a violência é mais que um conceito, “é um termo utilizado na vida cotidiana para designar comportamentos, situações, efeitos de comportamentos e sensações que se vivem, e nesse sentido é uma noção plena de significações variáveis” (HERNÁNDEZ, 2002, p. 59, tradução do autor).

As distintas significações para a violência parecem convergir para o uso de força ou energia contra um “outro” que emerge da interação humana, do homem consigo mesmo, do homem com outros homens ou, ainda, do homem com a natureza. Essa dinâmica da violência é, então, mecanismo de interação social, fenômeno relacional que manifesta modos de vida em sociedade. Hernández salienta:

Se assumirmos que a violência é criada na interação humana, dizemos também que se torna realidade e se reproduz na intersubjetividade social. Ou seja, que a mesma se assenta na existência e produção de consensos sociais intersubjetivos, tanto comunicacionais como interpretativos, que se materializam nas representações e ações coletivas, constitutivas deste espaço relacional (HERNÁNDEZ, 2002, p.62, tradução do autor).

A violência mostra-se como mecanismo de expressão das características da sociedade onde ela emerge, do sistema sociocultural gerador, pois sua dinâmica se manifesta no processo das significações e representações, e nos comportamentos e ações dos sujeitos, onde o nível de valorização emocional dos

atos violentos e seus efeitos, que podem ser visíveis ou não, são conduzidos pelo viés cultural da sociedade.

Emergem violências de modo mais evidente em espaços relacionais onde predominam relações de poder caracterizadas por discriminação, desigualdade ou exclusão social que, em alguns casos, podem ou não ser representadas e significadas como tais. Sob este aspecto, Hernández (2002) recorre a Maturana (1997) em sua afirmação de que é necessário que haja um conflito suficientemente intenso em carga emocional para que os membros de uma sociedade possam refletir sobre suas condutas violentas.

Deste modo, é possível dizer que a violência pode ser considerada um ato comunicativo, pois, por um lado, os conflitos encontram ressonância nos pensamentos, nas conversas cotidianas, nos debates, nos meios de comunicação e nas representações sociais, e por outro, como nos relata Hernández (2002), ela também nos “diz algo” sobre as características dos grupos sociais, e são expressão dos limites de aceitação do outro.

E é com crescente frequência que a temática da violência, no Brasil e no mundo, tem sido levada à apreciação pública nos meios de comunicação de massa e discutida entre estudiosos especializados, principalmente nas áreas das ciências sociais, humanas e da saúde. Desenvolvem-se instrumentos para diagnosticar as causas, avaliar os efeitos imediatos, contabilizar os gastos públicos, analisar as consequências individuais e coletivas, ou simplesmente, se descarregam imagens/sons para os espectadores/ouvintes.

Marcondes Filho (2001, p.20) nos propõe pensar que há uma “cultura da violência à medida que a cultura, como *habitus*, incorpora as práticas da violência”. Esta cultura apresenta-se de diferentes modos e, no caso brasileiro, manifesta-se como forma de conduta; como vetor estruturante da organização social; como exclusão nos sistemas sociais de comunicação; e, como violência “suicidária” contra as futuras gerações. Atribuir à violência caráter de mecanismo cultural implica fazer dela uma linguagem social, organizadora e passível de legitimação, sendo assim convalidada no sentido psicológico e abandonando o aspecto apenas ritual do ato. Segundo Marcondes Filho

[...] uma violência só se realiza quando repercute psicologicamente no campo do arbítrio, provocando mal-estar, que pode ser transformado em atitude reativa, em contenção angustiada e neurótica ou em resignação. Sua existência psicológica, ou seja, o choque do violento não se dá a partir do sofrimento, da imposição arbitrária do outro sobre meu ego, etc., mas sim somente a partir do momento em que se torna “consciência da violência” (2001, p.22).

Marcondes Filho (2001) afirma que nossa sociedade produz cenas amplamente divulgadas, com grande visibilidade e publicidade, bem como violências secundárias que estão presentes nas interações cotidianas entre os indivíduos. Acredita Marcondes Filho (2001) que a violência fundadora da sociedade brasileira é herança de nossa experiência como colonizados e de traços perversos da Metrópole como a institucionalização de uma sociedade escravocrata.

A cultura da violência, no Brasil, é formada pela soma de um estado genérico de decomposição do Estado burguês e dos direitos civis, decomposição inclusive de um certo pacto de civilidade, conquistado nas sociedades ocidentais através de campanhas e processos educacionais humanitários, com traços

eminentemente locais de violência arraigada à cultura (MARCONDES FILHO, 2001, p.25).

A cultura da violência encontra no cinema, na televisão, nos romances e mais recentemente na internet, os canais para a exposição massiva de situações violentas das quais participam indivíduos e coletividades em diversas partes do mundo. São situações que relatam incidentes dos mais triviais aos mais espetaculares, em alguns momentos esperados e noutros surpreendentes. Sob muitos aspectos, essa produção dos meios de comunicação de massa contribui para a formação de realidades e de imaginários individuais e coletivos nas sociedades.

Filmes, romances, noticiários televisivos e internet são consumidos por um número crescente de pessoas interessadas nas construções imagético-imaginárias do medo, desespero, terrorismo, pânico e destruição, e não somente as causadas pelo homem, mas também pela natureza, como terremotos, vulcões ou furações.

A indústria cultural como setor econômico, com grandes investimentos nacionais e transnacionais, expõe as gradações de violência existentes nas sociedades, impressionando leitores, espectadores e audiências.

As violências nos espaços urbanos são o destaque das agendas midiáticas no Brasil. São inúmeros os casos de programas de entretenimento ou jornalísticos para a televisão que atingiram índices de audiência exponenciais ao explorarem atos violentos. Chocam e emocionam, tornam-se assuntos centrais nas conversas cotidianas e se sucedem ou se complementam na busca pela permanente

materialização da violência simbólica no país. Estas violências expressam-se também na cinematografia brasileira com o pretexto de fazerem-se retratos da realidade das cidades, suas dificuldades e seus sujeitos. O sertão nordestino, outrora retratado pelo Cinema Novo – movimento artístico cinematográfico brasileiro, surgido em 1952 inspirado pelo neo-realismo italiano e pela *Nouvelle Vague* francesa –, deu lugar às cidades como espaço para as lutas e conflitos sociais com a produção audiovisual do país a partir da Retomada do Cinema Brasileiro na década de 1990.

Nas cidades, as periferias se tornaram objetos centrais nos discursos midiáticos, apresentando significativa associação das precariedades estruturais dos lugares de pobreza às práticas de violência urbana. Conexões entre fenômenos que são questionadas por Zaluar (2002) quando, ao expor eixos temáticos para reflexões sobre violência e segurança pública no Brasil expõe que, repetidamente, são empregadas de forma reducionista as afirmações: “a pobreza é a causa da criminalidade” e “a desigualdade social é a explicação da violência” (2002, pp.19-21). Segundo ela, são afirmações baseadas na sistematização de um *homo economicus* que vive exclusivamente segundo a lógica mercantilista do ganho e da acumulação material. Tais pensamentos intencionam justificar a criminalidade como uma busca de compensação das desigualdades sociais e desconsideram estudos cujos resultados apontam os pobres como as maiores vítimas de furtos e assassinatos, bem como aos impedimentos sobre o “acesso aos serviços e instituições do Estado, tais como escolas, postos de saúde, quadras de esporte, vilas olímpicas etc.” (ZALUAR, 2002, p. 20).

A centralidade da violência urbana e da miséria dos lugares pobres nas representações midiáticas possibilita visibilidade a grupos sociais considerados invisíveis aos olhos das elites dominantes. Estéticas do realismo midiático apresentam, a exemplo da favela cinematográfica, expressões sociais e imagéticas das experiências urbanas brasileiras, lugares de cenas marcantes de violência, entre pessoas empobrecidas, moradores de casas e ruas precárias.

Sobre os conceitos de pobreza e exclusão social seguiremos nossa análise, explorando pensamentos acerca das precariedades e ausências – materiais e simbólicas – nos espaços urbanos carentes, com vistas à qualificação posterior dos dados obtidos.

1.2 CONCEITOS E CONTEXTOS DE POBREZA

Inúmeras são as significações possíveis à pobreza tendo em vista os diferentes aspectos geográficos, culturais, morais, históricos e ideológicos envolvidos na questão. Na atualidade, o fenômeno tende a ser pensado de forma multidimensional e complexa, por força das múltiplas concepções teóricas que suscita, bem como pela natureza plural das necessidades humanas insatisfeitas ou pelas marginalizações constituídas. Por sua natureza múltipla, o fenômeno da pobreza permitiu distintas formas de pensamento, análises no âmbito das questões sociais dos indivíduos em contexto coletivo ou análises apenas sobre carências individuais. Entre os numerosos pensamentos acerca do fenômeno, Grisotti e Gelinski (2010) destacam como relevantes a “Teoria do capital humano;

a percepção da pobreza a partir dos níveis de renda auferidos; a teoria das capacidades de Amartya Sen [...] e a noção norte-americana de *underclass*” (GRISOTTI; GELINSKI, 2010, p.212). Em comum, tais concepções implicam uma culpabilização individual pela condição de pobreza e a necessidade do desenvolvimento de mecanismos de superação desta condição. O pobre é visto, no contexto do capitalismo moderno, como um indivíduo que deve ser culpado pelos seus fracassos, a ele aplicando uma suposta deficiência moral; como um indivíduo menos competente do que os ricos; e associado à violência, pois o pobre apresenta-se como rude e violento.

Mas pobreza e miséria não são criações das economias de mercado modernas, elas sempre existiram em todas as sociedades. Embora o conceito do que é “necessário para sobreviver” mude de acordo com o lugar de referência, é no contexto da “falta de recursos” para a subsistência que os termos estão amparados.

Zaluar (1996) compreende a pobreza como um conceito comparativo e de qualidade relativa que gira em torno da questão da desigualdade social e deve ser pensada como resultado das “políticas públicas que provocam uma real privação material e uma real exclusão dos pobres nos campos ocupacional, educacional e político” (ZALUAR, 1996, p.41). Banidos do mercado de trocas materiais e do universo simbólico e cultural, os pobres, assim como os rejeitados fisicamente (racismo) ou geograficamente (migrantes, moradores de guetos) são os agentes da construção da noção de exclusão social.

Segundo Xiberras (1993, p.22) “o excluído seria, pois, aquele que é rejeitado para fora dos nossos espaços, dos nossos mercados materiais e/ou simbólicos, para fora dos nossos valores”. São, portanto, os valores e as representações das sociedades que acabam por excluir as pessoas, um contingente de indivíduos relegados ao lugar da carência, da subalternidade. A exclusão desenvolve-se de maneira visível ou materializável através da ruptura dos laços sociais, por ocasião de comportamentos de ódio, evitamento, desconfiança ou rejeição; assim como de maneira invisível, dissimulada, mas perceptível, pois os excluídos tornam-se simplesmente ausentes, invisíveis (XIBERRAS, 1993).

No Brasil, diferentes são as causas de pobreza e de exclusão social. As condutas da Metrópole portuguesa para com os indígenas e, posteriormente para com os negros escravos, estão no cerne das causalidades. As consequências da política escravista brasileira e a ausência de políticas públicas para inserção dos escravos estão presentes na realidade social contemporânea. Uma abolição não acompanhada de programas de ocupação da mão de obra negra, inerte no que diz respeito ao assentamento das populações libertadas, foi impulsionadora de povoações formadas por indivíduos sem mínimas perspectivas de promoção de bem-estar. Assim, na contemporaneidade, as favelas negras e pobres são reflexos das comunidades de ex-escravos miseráveis e sem ofícios.

Em todas as regiões brasileiras a pobreza e a exclusão expõem um sistema discriminatório de natureza econômica, social, política e étnica. Wanderley (2002, p.20) ao citar Sposatti (1996) destaca que esse processo de exclusão

“[...] leva à vivência da privação, da recusa, do abandono e da expulsão inclusive, com violência, de um conjunto significativo da população, por isso, uma exclusão social e não pessoal. Não se trata de um processo individual, embora atinja pessoas, mas de uma lógica que está presente nas várias formas de relações econômicas, sociais, culturais e políticas da sociedade brasileira. Esta situação de privação coletiva é que se está entendendo por exclusão social. Ela inclui pobreza, discriminação, subalternidade, não equidade, não acessibilidade, não representação pública”.

Wanderley (2002) afirma que pobreza e exclusão, apesar de sistematicamente associados em diferentes âmbitos sociais, não devem ser vistas como sinônimos, como um só fenômeno. Porém, indica que “toda situação de pobreza leva a formas de ruptura do vínculo social e representa, na maioria das vezes, um acúmulo de déficit e precariedades” (2002, p.22). As articulações entre os fenômenos são apresentadas por Wanderley (2002, p.25) com base nas seguintes matrizes psicológicas e sociológicas: a) Desclassificação: processo relacional entre os fracassos e sucessos nos sistemas de integração; b) “Desinserção”: inverso à integração. Procura demonstrar o papel fundamental da dimensão simbólica dos fenômenos de exclusão, conduzindo à formação de um fenômeno identitário; c) “Desafiliação”: conduz à ruptura do pertencimento, dos vínculos sociais, agrupando populações com insuficientes recursos materiais e relações frágeis; e, d) Apartação social: processo que identifica o “outro” como um ser “a parte” na sociedade.

Os fenômenos violência e pobreza podem ser estudados na Psicologia Social por diferentes dinâmicas psicológicas, como o estereótipo, a identidade social ou ainda as representações sociais e a ideologia (Jodelet, 2002). A análise desta pesquisa fundamenta-se na Teoria das Representações Sociais, mas também

apresenta breve contextualização das teorias do cinema em associação com o campo da Psicologia para que possamos ampliar nossa reflexão sobre a natureza fílmica dos fenômenos.

2. ARTE DO REAL: TEORIAS DO CINEMA E SUAS CONEXÕES COM A PSICOLOGIA

Não é nosso intuito descrever todas as correntes teóricas do cinema desenvolvidas ao longo do percurso histórico da arte, entretanto, acreditamos ser importante evocar alguns estudiosos que contribuíram para um pensamento psicológico do cinema, pois esta pesquisa elege um filme, *Cidade de Deus*, como um dos objetos para verificação de representações sociais de lugar violento e lugar pobre, objetos centrais da análise.

Muitas teorias foram desenvolvidas ao longo do século XX para a melhor compreensão de elementos cinemáticos tais como a imagem, o som, a montagem, a percepção, o movimento, o tempo, as estruturas narrativas ou a *impressão da realidade*. Este percurso inicia-se em 1916 quando Hugo Münsterberg, psicólogo e filósofo da Universidade de Harvard, escreveu a primeira e mais direta teoria sobre o cinema a partir de seu trabalho intitulado *The Photoplay: A Psychological Study*. Neste trabalho, após uma importante introdução voltada à compreensão histórica do cinema, Münsterberg volta-se à análise da mente humana e sua conexão com a, até então, nova arte/técnica. Para Münsterberg havia a concepção de que todo o processo cinemático constituía-se de um processo mental ao ponto de afirmar ser a mente a fonte para o cineasta e a substância dos filmes. Para ele, “O cinema não é o veículo do mundo, mas da mente. Sua base não reside na tecnologia, mas na vida mental” (ANDREW, 2002, p. 29). Münsterberg (2004) declarava que seus interesses

iniciais pelo estudo do cinema envolviam os meios pelos quais o *photoplay* (filme) influenciava a mente do espectador.

Apesar de avançadas até o momento, as ideias de Münsterberg pouco influenciaram as posteriores teorias do cinema. Em contrapartida, Rudolf Arnheim, mesmo apresentando noções semelhantes às de Münsterberg, teve grande importância. Ao pensar o próprio veículo como matéria-prima de sua teoria, Arnheim concluiu que a composição do material cinematográfico deve constituir-se dos fatores capazes de formar uma ilusão mais que perfeita da realidade. Esta *impressão de realidade* causada pelo cinema é que vai servir de base para amplos estudos da sétima arte. Seu protótipo está na exibição do filme de Lumière, *A chegada do trem na estação Ciotat* (1895) que, como nos conta Bernardet (1986), trata-se de um filme que apresenta um trem deslocando-se em direção a uma estação com a câmera posicionada de forma que a locomotiva projetava-se em direção à plateia, preenchendo praticamente toda a área da tela. Os espectadores ficaram assustados, mesmo constatando que a imagem projetada não proporcionava som algum e que, mostrando-se em preto-e-branco, estava desprovida das cores reais dos objetos. Naquele momento, e para aquele público, a novidade estava na criação da *ilusão do real*: presenciar o movimento de um trem na tela como se este fosse o objeto verdadeiro, logo, passível de ser causador de medo e desastres.

O movimento como fundamento da *impressão de realidade* ganha destaque ao ser estudado por psicólogos como A. Michotte van den Berck e Henri Wallon (AUMONT, 1995). Esta impressão realista acontece com a execução tecnológica

da sucessão de 24 fotogramas por segundo, permitindo o surgimento de fenômenos psicofisiológicos causadores de uma impressão de movimento contínuo. O efeito *fi*, a exemplo destes fenômenos, trata da sucessão de *spots* luminosos apresentados de forma espaçada que, ligados de forma sucessiva proporcionam a visão de um trajeto luminoso contínuo ao invés de pontos separados – configura-se o fenômeno do movimento aparente. Assim o espectador estabelece mentalmente continuidade e movimento onde o que existe é descontinuidade e estática, ignora o espaço entre os fotogramas e preenche-os de realidade ao fazer existir a ação de uma personagem entre duas ações fixas compreendendo as imagens como ações sucessivas. Sobre a imagem em movimento, Aumont (1995, p.149) afirma que “Reproduzir a aparência de movimento é reproduzir sua realidade: um movimento reproduzido é um movimento ‘verdadeiro’, pois a manifestação visual é idêntica nos dois casos”.

Ao compreendermos que o cinema possui a característica de unir o que é fixo e criar a ilusão do movimento e, com essa ilusão de movimento desencadear na mente do espectador a impressão da realidade, é imprescindível que tomemos em nossa exposição o que compreende o cerne da arte cinematográfica, a montagem. Münsterberg defendia que o filme não era apenas um mero registro do movimento, mas tratava-se de “um registro organizado do modo como a mente cria uma realidade significativa” (ANDREW, 2002, p. 29). Esse registro organizado opera a partir de elementos fílmicos como ângulos, composição ou profundidade focal, tornando o movimento um constructo significativo da realidade a partir da dinâmica da montagem. Aumont (1995, p. 62) nos apresenta a montagem como “o princípio que rege a organização dos elementos fílmicos visuais e sonoros, ou

de agrupamentos de tais elementos, justapondo-os, encadeando-os e/ou organizando sua duração”. A organização das propriedades fílmicas proporcionada pela montagem responde às operações mentais conferindo à obra cinematográfica uma direção dramática e narrativa.

É, sem dúvida, Sergei Eisenstein o nome mais representativo dos estudos ligados à montagem. Andrew (2002) nos informa que Eisenstein ao desenvolver uma teoria da montagem recebeu muita influência das teorias do pensamento dialético de Hegel e Marx, além de comungar com as teorias psicológicas em evidência da década de 1920. Mas foi com Jean Piaget que Eisenstein desenvolveu paralelos teóricos mais significativos. Algumas ideias comuns podem ser destacadas como a de *Egocentrismo* onde, semelhante ao que Piaget descreve como pensamento pré-operatório nas crianças, Eisenstein entende a visão das imagens na tela como a corporificação de experiências pré-cognitivas ou um *raciocínio de montagem*. Enquanto Piaget identificava na criança em estágio de pensamento pré-operatório a característica de limitar a mensuração de significados das transformações dos objetos sólidos aos estados terminais dos processos, negligenciando seus estágios intermediários, Eisenstein, reconhece no princípio da montagem a atribuição de significados aos atos iniciais e terminais de um fato fílmico sem a necessidade da exibição de todo um percurso espaço-temporal dos personagens, propositalmente negligenciado, mas que permite perfeitamente a compreensão narrativa da sequência. Não é necessário, por exemplo, mostrar em um filme todo o trajeto de um personagem entre um ponto e outro de uma cidade para compreender seu deslocamento.

A expressão artística oriunda da obra cinematográfica tem na montagem a possibilidade de demonstrar o olhar do artista em relação ao tema por ele explorado. Por outro lado, Andrew (2002) destaca a ideia de Arnheim de que não podemos esquecer que esta expressão particular começa no mundo. Para Arnheim a arte é uma relação constante do artista com o mundo entre dar e receber. O artista recebe estímulos brutos do mundo e devolve-os projetados como objetos imaginativos.

O grau de comprometimento icônico da obra cinematográfica é variável de acordo com a forma como o artista observa o mundo e como ele concebe a matéria-prima da própria linguagem cinematográfica. Documentários realistas como os filmes do pioneiro na categoria Robert Flaherty – a exemplo de *Nanook of the North* – mostram uma preocupação com a realização de tramas que não se apoiam em histórias iniciadas por indivíduos, por personagens. Andrew destaca que “Nunca nesses filmes um indivíduo inicia uma trama, pois a trama deve vir da própria realidade” (ANDREW, 2002, p.104). Esta é a premissa essencial das Teorias Realistas do cinema.

De acordo com Andrew (2002), os ensaios de André Bazin produzidos entre as décadas de 1940 e 1950 foram os mais importantes entre as teorias realistas do cinema. Bazin proclamava ser o cinema completamente dependente da realidade, ao ponto de afirmar que o cinema somente poderia atingir a sua plenitude ao constituir-se como a arte do real. Para ele era necessário em primeiro lugar pensar em uma realidade espacial e visual, o mundo fisicamente real. Desta forma a imagem fílmica não era possuidora apenas de uma realidade da

expressão ou do assunto, era também uma realidade do espaço. “O cinema é antes de tudo a arte do real porque registra a espacialidade dos objetos e o espaço por eles ocupado” (ANDREW, 2002, p.115). Um segundo aspecto abordado por Bazin é o sentido psicológico do cinema onde o realismo está ligado à crença que o espectador deposita na origem da reprodução. De acordo com o aporte tecnológico de que dispunha até então, Bazin via na iconografia deixada no celulóide a matéria-prima da realidade.

Para Martin, o cinema, a partir de uma composição semiótica estruturada na reprodução fotográfica da realidade, constitui-se como uma linguagem onde os “próprios seres e as próprias coisas que aparecem e falam, dirigem-se aos sentidos e falam à imaginação” (MARTIN, 2005, p. 24). O cinema estabelece, portanto, uma representação semiótica mediatizada pelo tratamento fílmico a partir do fato de utilizar-se das imagens dos objetos e não dos objetos verdadeiros.

Independentemente das concepções de reprodução ou não do real e de naturalidade ou artificialidade das imagens no cinema, as obras cinematográficas recebem atenção neste trabalho por seus conteúdos. Estes conteúdos – amores, sofrimentos, ideais, história da humanidade – apresentados nas telas, reproduzem cotidianos das mais diferentes culturas e representações que os grupos têm de determinados temas e objetos.

São a pobreza e a violência, elementos do cotidiano dos grandes centros urbanos brasileiros retratados no cinema, que nos interessam nesta pesquisa. Estes fenômenos sociais são frequentemente explorados na cinematografia nacional, promovendo *impressões de realidade* criadas/apresentadas nas telas dos

cinemas e dos televisores. Muitos títulos do cinema brasileiro recente recorreram a estas temáticas como seus enredos centrais, o que nos faz crer ser relevante apresentar breve contextualização da cinematografia de ficção do país no período conhecido como Retomada do Cinema e após, o filme *Cidade de Deus*, escolhido como título significativo deste período por contemplar em diferentes aspectos os objetos estudados.

2.1 CINEMA BRASILEIRO DE RETOMADA: VIOLÊNCIA E POBREZA NOS *FAVELA-MOVIES*.

Na última década do século vinte e na primeira deste século, o cinema brasileiro recuperou significativamente a produção e distribuição de produtos audiovisuais ficcionais após a grave crise que sofreu ao fim dos anos 1980 e nos três primeiros anos da década de 1990. Esse incremento à produção recebeu o nome de *Retomada do Cinema Brasileiro*, período responsável pela elaboração de uma série de títulos expressivos da indústria fílmica do país. Juntamente com essa retomada na produção audiovisual, o cinema brasileiro redescobriu um antigo hábito dos anos 1950 e 1960, a reprodução fílmica das favelas e periferias dos grandes centros urbanos. A estas produções cinematográficas, repletas de violência e de cenários apresentando labirintos de ruas e becos escuros, foi atribuído o nome de *Favela-Movies*. *Cidade de Deus* (2002) dirigido por Fernando Meireles, uma adaptação do romance homônimo de Paulo Lins, é considerado por Coutinho (2009) como a síntese da produção deste gênero.

Ao longo da história do cinema no Brasil, violência e pobreza sempre foram temas recorrentes. As reproduções da cruel e difícil vida do sertanejo nordestino, dos favelados nas grandes cidades, dos excluídos e dos marginalizados são, há tempos, elementos constituintes da produção imagética do país.

O cinema brasileiro até meados do século XX mostrava a favela de forma romântica, lugar de poesia e solidariedade, exemplificado no filme *Rio 40 graus* (1955) de Nelson Pereira dos Santos no qual meninos vendem amendoins nos pontos turísticos da cidade do Rio de Janeiro. O Cinema Novo, por sua vez, procurava retratar a violência no campo e na cidade, porém, com certo tom de protesto e denúncia, muitas vezes ligado ao processo social e político do país nos anos 1960. Nas décadas de 1970 e 1980 o *milagre econômico* e o *país do futuro* projetados na televisão e no cinema imprimiam a marca da forte censura e forçavam imagens de um país belo, branco e próspero, o que fez a favela ser retratada apenas no âmbito das produções experimentais. O Cinema de Retomada cria uma relação direta entre violência, criminalidade e favelas, suscitando discussões sobre os efeitos da ruptura com o silêncio e invisibilidade a que os pobres estavam relegados. Binkowski afirma que “Num certo pacto de violência, as favelas e as zonas marginalizadas, acinzentadas e esquecidas socialmente, recuperam sua visibilidade através de um show de mortes em massa” (BINKOWSKI, 2010, p.80).

Na mídia as favelas costumam ser associadas à marginalidade, ao crime e à formação de poderes paralelos. Essa formação de poderes paralelos possibilita o desenvolvimento de um cenário violento aos moradores destas comunidades que

são “governadas” pelo tráfico de drogas, formando espécies de repúblicas independentes que, por vezes, declaram guerra a grupos de outras comunidades. Esse quadro faz com que toda a cidade se sinta ameaçada pela existência e atuação destes grupos, que portam armas exclusivas das forças armadas, controlam a entrada e saída de moradores ou até mesmo da polícia em morros, restringem a liberdade de ação da sociedade civil e criam redes de corrupção, em alguns casos com apoio do próprio poder público.

A ausência de atenção e, por consequência, de prestação de serviços públicos às comunidades faveladas, é geradora de “serviços alternativos”. Zaluar e Alvito (2006, p.244) destacam que “a segurança interna é o serviço público mais notadamente ausente e, logo, o principal serviço ‘alternativo’ prestado pelas gangues de traficantes do Rio”. Mesmo em comunidades onde existe um destacamento policial situado no espaço físico comunitário, poucos moradores de favelas confiam na polícia o suficiente para procurá-la quando surge algum problema. Zaluar e Alvito (2006) esclarecem que a falta de confiança é resultado de longa tradição de abusos e violência praticados pela polícia contra as classes de menor poder econômico em geral e, em particular, contra os moradores de favelas.

O filme Cidade de Deus, é um dos exemplos de uma cinematografia que, a partir dos anos 1990, desencadeou uma grande quantidade de películas cujo enfoque é a reprodução imagética do espaço da favela e suas implicações sociais, principalmente a violência atrelada à pobreza e ao tráfico de drogas. Outros títulos podem ser destacados como: Notícias de uma guerra particular (1999), O invasor

(2001), Amarelo Manga (2002), Carandiru (2003), Última Parada 174 (2008), e os consagrados em bilheteira e premiações Tropa de Elite (2007) e sua continuidade Tropa de Elite 2 (2010) – maior bilheteria da história do cinema no país. Podemos citar também os televisivos, Cidade dos Homens (Rede Globo, 2002-2005), Turma do Gueto (Casablanca Produções e Rede Record, 2002-2004), Vidas Opostas (Record, 206-2007) e Força Tarefa (Rede Globo, desde 2009). Hamburger (2006, p.120) afirma que

Recentemente, a exposição de representações da pobreza, em geral associada à violência, aumentou e se sofisticou no cinema, processo que estimula a disputa em torno do controle do que merece e do que não merece se tornar visível e de acordo com que convenções.

Esta visibilidade implica a formação de conhecimento e apropriação de conteúdos por partes dos grupos sociais que opinam e os compartilham através da comunicação entre os indivíduos ou dos meios de comunicação de massa, intensificando a violência e a pobreza como objetos de representações sociais.

Em muitos filmes da Retomada, há significativa exposição de atos violentos chocantes com certo desprezo pela elipse – figura de linguagem imagética para supressão de atos dramáticos. A produção imagética acerca da violência, da morte e da pobreza no cinema toma de empréstimo características de outras linguagens visuais como o videoclipe e a propaganda. Geram imagens frenéticas com ritmo de montagem acelerado e marcadas pelo uso de recursos estéticos como filtros, cores, efeitos de câmera e efeitos especiais.

Em *Cidade de Deus* a construção da realidade espacial cinematográfica que Bazin salientava, assim como em outros tantos títulos do cinema brasileiro recente, passa muitas vezes pela imagem da favela. Em *Cidade de Deus*, a favela é lugar propício a assassinatos, brigas de gangues, tráfico de drogas, furtos, estupros e toda espécie de violações à lei. Essas práticas dificilmente têm algum motivador externo ao ambiente da favela. Nos *favela-movies* as produções cinematográficas dispensam narrativas preocupadas em revelar a existência de uma sociedade fora dos limites das comunidades. Coutinho (2009, p.9) destaca que

É nesse contexto, de uma cultura capaz de se relacionar com a miséria e violência com orgulho, fascínio e terror, que podemos analisar os filmes brasileiros contemporâneos que se voltam para esses temas. Filmes que quase nunca se pretendem “explicativos” de qualquer contexto, não se arriscam a julgar, narrativas perplexas, e se apresentam como “espelho” e “constatação” de um estado de coisas. Também está ausente qualquer discurso político explicativo da miséria e da violência, como nos filmes sobre a favela dos anos 1960.

Coutinho (2009, p. 10) ainda ressalta que “A favela é mostrada de forma totalmente isolada do resto da cidade, como um território autônomo”. Nestes filmes, em poucos casos existem relações entre a favela e os ambientes externos aos seus limites. A sustentação da criminalidade e do tráfico de drogas registradas nas cenas dos *favela-movies* não está amparada na ideia de que é necessário um sistema social para que tais atividades se desenvolvam. A base para a estruturação de um poder paralelo não surge ou interage com os espaços externos aos limites das comunidades.

2.1.1 CIDADE DE DEUS: SÍNTESE NARRATIVA E CONTEXTUALIZAÇÃO

Cidade de Deus inicia com um samba como trilha sonora. Na cena inocente dos preparativos de um almoço na comunidade, a simples fuga de uma galinha é o suficiente para gerar, além de diversão entre os personagens, as primeiras cenas de violência. Crianças e adolescentes fortemente armados correndo atrás de uma galinha deparam-se com a polícia. Assim começa uma narrativa circular que envolve a história da criminalidade na comunidade Cidade de Deus no Rio de Janeiro desde os anos 1960, e é a voz *off* do personagem Buscapé que se encarrega de nos relatar os fatos. O filme é executado a partir de uma montagem alternada onde as histórias dos personagens são contadas de forma separada, até se cruzarem na exposição do conflito central do roteiro. A primeira destas histórias é a do Trio Ternura, formado por Cabeleira (irmão de Bené), Marreco (irmão de Buscapé) e Alicate. O grupo cometia pequenos assaltos e em alguns casos, oferecia à comunidade participação no produto do roubo como na cena em que assaltam um caminhão de gás. Mas a partir de uma investida desastrosa para o roubo de um motel, foi selado o fim do grupo. As mortes causadas por Dadinho (futuramente conhecido por Zé Pequeno), sem conhecimento dos bandidos, causou a repressão da polícia e suas retaliações. Estes foram os primeiros, porém, não os mais importantes bandidos a terem seus feitos contados por Buscapé.

A partir do fim do Trio Ternura, violações à integridade física e moral tornam-se as marcas mais expressivas na narrativa do filme Cidade de Deus. São apresentadas aos espectadores várias sequências de assassinatos, a maioria

deles cometidos pelos traficantes da comunidade, principalmente por Zé Pequeno que, desde criança, demonstra um prazer enorme em matar. Razões muito distintas motivam as mortes. Controle dos pontos de venda de drogas na comunidade, assaltos, vingança, defesa da honra, demonstração de poder, busca de um “estado de ordem” ou simplesmente o prazer por matar. Porém, entre estas motivações, a mais significativa para a narrativa é o controle das “bocas” de venda de drogas e a resolução do conflito entre Zé Pequeno e Cenoura.

A história de Zé Pequeno inicia-se com os delitos cometidos quando ele ainda era menor de idade, sempre com a presença de Bené ao seu lado. Seu desejo de matar, sua intolerância e fúria recebem destaque. Ao completar 18 anos, Dadinho recebe num ritual de umbanda a alcunha de Zé Pequeno e inicia seu processo de dominação da Cidade de Deus pela conquista violenta da “Boca dos Apês”. Práticas de violência tornam-se a essência da narração da história de Zé Pequeno. Em uma das cenas mais marcantes do filme, Pequeno acua entre as paredes de um barraco um grupo de meninos conhecidos por “Caixa-baixa” que praticavam pequenos furtos na comunidade. Muitos fogem, mas dois deles são colocados junto a uma parede e, amedrontados, ouvem a indicativa de que deveriam escolher em que parte do corpo receberiam um tiro em sinal de que eles não poderiam atuar na favela tendo em vista que possuía um dono, Zé Pequeno. Ambos pedem para receber o disparo nas mãos, mas, contrariando-os, Pequeno atira em seus pés. Em seguida, com destaque para closes no choro e no drama das crianças, o traficante ordena que um garoto que andava com ele, conhecido por Filé com Fritas, e aspirante a participar do bando, escolha um dos meninos para matar dando-lhe uma arma na mão. Visivelmente perturbada

psicologicamente, porém intimidada, a criança recebe a tarefa, pois sabia que se não o fizesse, seria ela a vítima e, se fizesse se tornaria merecedora de “conceito”. Dada a situação Filé com Fritas realiza o disparo e mata um dos meninos. A presença da crueldade na representação imagética é densa e aterrorizante, além de dinâmica e contundente.

Em Cidade de Deus o tráfico também tem papel de regulador da vida na favela, de mantenedor da ordem social, de proteção dos moradores. O morador da favela também convive com o traficante “protetor”, “gente boa” que mantém a ordem vigente. Era assim a personalidade de Bené, fiel amigo de Zé Pequeno. O malandro (assim como foi denominado em alguns momentos por outros personagens da trama) acalmava constantemente o ímpeto de Zé Pequeno na busca pelo poder e em sua fúria contra grupos rivais e pessoas que, por algum motivo, o descontentavam. Bené dava presentes sem pudor, evitava tocar em armas, gostava de festas e comprava roupas próprias dos jovens do “asfalto”. Tal aspecto conciliador e protetor evidenciou-se na cena em que promoveu uma festa para anunciar sua despedida da Cidade de Deus e conseqüentemente da vida criminosa. Em um mesmo lugar, nos conta o narrador da história, Bené foi capaz de reunir grupos bem distintos da comunidade:

Bené era gente fina demais para continuar naquela vida de bandido. Ele era tão gente fina que conseguiu reunir na festa de despedida os bandidos, a rapaziada *Black*, a comunidade crente, a galera do samba, os *cocotas* e o Zé Pequeno, que nunca tinha dançado na vida. (Trecho da narração em voz *off* feita pelo personagem Buscapé).

Mas, na mesma festa, Bené é assassinado por engano quando, na realidade, o alvo era Zé Pequeno. Sem Bené não haveria mais o moderador de conflitos,

estava declarada a guerra. Neste momento surge um personagem crucial à trama, Mané Galinha. Após a festa, Galinha teve sua noiva estuprada por Zé Pequeno enquanto assistia a tudo preso pelos outros membros do grupo. Instantes depois, Pequeno decide ir até a casa de Mané Galinha matá-lo. Não logrou êxito, mas assassinou o irmão de Galinha e outro familiar. Neste momento a violência no filme também passa a ter sua motivação nas vinganças pessoais. Mané Galinha não se contentaria até ver Zé Pequeno morto. Galinha conhece Cenoura e se alia ao traficante para lutar contra Pequeno. A partir deste momento, inicia-se a sequência da guerra entre os bandos da Cidade de Deus. Muitas mortes, muitos confrontos até que o roteiro retoma a cena inicial do filme, início da sequência final da narrativa. Um confronto que envolve desta vez, além das duas gangues, a polícia, e revela os ódios escondidos, as vinganças e os insucessos comuns às trajetórias da maioria dos envolvidos na guerra do tráfico. Mané Galinha é morto por um rapaz que teve seu pai assassinado por ele. Cenoura é preso pela polícia. Zé Pequeno é liberado por policiais corruptos, mas logo assassinado pelos mesmos meninos da “Caixa-baixa” que antes se viram encurralados entre os barracos.

Buscapé registra toda a sequência em fotografias. Com seus registros consegue um emprego de fotógrafo num jornal. A Cidade de Deus estava livre. Livre para a “Caixa-baixa”.

Em Cidade de Deus às vielas com casas sujas e pobres, à violência, às agressões e ao tráfico de drogas somam-se as reproduções imagéticas de uma comunidade abandonada pelo Estado e de uma polícia corrupta comprometida

com o tráfico. Tais processos sociais, comuns à agenda da cinematografia brasileira contemporânea, atuam como mediadores na formação de representações sociais.

O cinema, como os demais meios de comunicação, possui papel importante na formação e disseminação ou difusão dessas representações sociais. Espíndula *et al* (2006), citando Bauer, Gaskell e Allum (2002), afirmam que analisar o conteúdo veiculado nos meios de comunicação nos possibilita conhecer concepções advindas dos agentes produtores das mensagens, bem como do público receptor daquele material. Por intermédio dos meios de comunicação são expressos os hábitos, os costumes e as culturas que podem evidenciar o pensamento social vigente e permitir avaliar suas implicações. Através do filme Cidade de Deus – bem como em outros do cinema brasileiro contemporâneo – a violência e a pobreza se afirmam como fenômenos de representações sociais que se estabelecem no cerne dos grupos que opinam e compartilham os saberes adquiridos. Delimitar, pois, os conceitos fundamentais da Teoria das Representações Sociais se faz necessário para a exposição e reflexão dos dados da pesquisa.

3. A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Este estudo fundamenta-se na Teoria das Representações Sociais (TRS), desenvolvida a partir do estudo de Serge Moscovici intitulado *La psychanalyse: son image et son public*, publicado no ano de 1961. Neste projeto, Moscovici pretendia compreender de que forma o conhecimento psicanalítico, antes pertencente a grupos fechados e especializados, adquiria outras significações por parte dos grupos populares.

Com a aplicação de questionários e pela análise de conteúdo da imprensa parisiense, que apenas no período de 1953 a 1956 havia publicado cerca de 1600 artigos sobre a psicanálise em 230 jornais não especializados, Moscovici “lançava uma problemática específica – como é consumida, transformada e utilizada pelo homem comum uma teoria científica – e uma problemática mais geral – como constrói o homem a realidade” (VALA, 1997, p.353).

Através da análise destas problemáticas, o autor propõe o conceito de representação social situando-o nas fronteiras entre a sociologia e a psicologia. Conceito que segundo Moscovici origina-se da Sociologia e da Antropologia apresentadas por Durkheim e Lévi-Bruhl e que também recebe contribuições de Saussure com a teoria da linguagem, das representações infantis de Jean Piaget e da teoria do desenvolvimento cultural de Vigotsky (ALEXANDRE, 2004).

Vala (1997) nos indica que o projeto inicial de Moscovici envolve, em sua problemática específica, a construção de uma nova imagem de homem comum, caracterizando-o como um cientista amador. “Um protótipo desta imagem será

Woody Allen, utilizando nos diálogos dos seus filmes toda a panóplia de conceitos psicanalíticos” (VALA, 1997, p.353). Em âmbito geral ou universal, Moscovici promove a análise “dos processos através dos quais os indivíduos em interação social constroem teorias sobre objetos sociais, que tornam viável a comunicação e a organização dos comportamentos” (VALA, 1997, p.353). Neste âmbito geral, as representações sociais são constituídas não apenas a partir de teorias científicas, mas também pelos grandes eixos culturais, pelas ideologias, pelas experiências e pelas comunicações cotidianas (VALA, 1997).

Moscovici acredita ser fácil apreender a realidade das representações sociais, porém, o mesmo não se dá em relação ao seu conceito. Aspectos históricos, e, sobretudo, seu posicionamento misto entre conceitos sociológicos e psicológicos possibilitam diferentes concepções entre os pesquisadores da teoria. Tal caráter justifica a resistência de Moscovici em propor uma definição precisa para o termo, por acreditar que incorreria na possibilidade de reduzir seu alcance conceitual. Sugere então Moscovici, que as representações sociais podem ser entendidas como

Um conjunto de conceitos, proposições e explicações criado na vida quotidiana no curso da comunicação interindividual. São o equivalente, na nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem ainda ser vistas como a versão contemporânea do senso comum (MOSCOVICI, 1981 apud VALA, 1997, p.354).

Embora se apresente como um conceito complexo e múltiplo, algumas definições são propostas por autores na tentativa de uma sistematização do campo de estudo das representações sociais. Sá (1996) destaca Denise Jodelet (1989) que, de forma concisa, indica que uma representação social trata-se de “uma forma de

conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 1989a apud SÁ, 1996, p.32).

As representações, segundo Abric (1998), configuram-se como uma visão do objeto e do sujeito de forma global e unitária, permitindo defini-las como

“Uma visão funcional do mundo, que, por sua vez, permite ao indivíduo ou ao grupo dar um sentido às condutas e compreender a realidade através do seu próprio sistema de referências; permitindo assim ao indivíduo se adaptar e encontrar um lugar nesta realidade” (ABRIC, 1998, p.28).

Em Sá (1996) ainda é possível verificar a proposição de Willem Doise que, fundamentado em Bourdieu e Moscovici, manifesta conceituação que privilegia níveis de análise posicional e ideológica, apresentando a seguinte definição: “representações sociais são princípios geradores de tomadas de posição ligadas a inserções específicas em um conjunto de relações sociais e que organizam os processos simbólicos que intervêm nessas relações” (DOISE, 1990 apud SÁ, 1996, p.33).

Entre as diferentes definições, um dos aspectos mais destacados é o de que as representações sociais são “socialmente elaboradas e coletivamente compartilhadas” (WAGNER, 1998, p.9). Além destes, Almeida (2005, p.122) indica que as representações sociais ajustam-se a partir de “três aspectos importantes: a comunicação, a (re)construção do real e o domínio do mundo”. O aspecto da *Comunicação* oferece códigos para trocas e para a nomeação e classificação do mundo, das histórias individuais e coletivas. A *(re)construção* do

real implica uma constante dinâmica entre comunicação e representação, capaz de possibilitar aos sujeitos a reconstrução das realidades cotidianas, que só podem ser pensadas a partir das interações entre indivíduos ou grupos e os objetos sociais. Por fim, o *Domínio do mundo*, permite que o indivíduo se situe no mundo e o domine.

As representações sociais têm funções essenciais que dizem respeito ao papel que exercem na dinâmica das relações sociais e nas práticas. Tais funções segundo Abric (1998) são: a) Função de saber: permite aos atores sociais a aquisição de conhecimentos e sua integração a um quadro assimilável e compreensível para eles próprios; b) Função identitária: situa os indivíduos e os grupos dentro do campo social, admitindo a elaboração de uma identidade social e pessoal gratificante; c) Função de orientação: orienta os comportamentos e as práticas como resultado dos fatores de definição de estratégias cognitivas, de produção de um sistema de antecipações e expectativas, e, da prescrição de práticas ou comportamentos obrigatórios; d) Função justificadora: permite justificar, *a posteriori*, os comportamentos e tomadas de posição face ao outro grupo.

Estas funções das representações atuam em um sistema de pensamento denominado por Moscovici como universo consensual. No universo consensual, a sociedade é entendida como um grupo de pessoas iguais e livres, na qual cada membro do grupo tem a possibilidade de falar em nome dele e sob seu auspício (Moscovici, 2003). Parte-se da compreensão de que todos podem adquirir competências para o diálogo em uma dada circunstância. Os indivíduos agem

como “amadores” que, em encontros em locais públicos, expressam suas opiniões e revelam seus pontos de vista assumindo o papel de professores, doutores, sociólogos, astrônomos, etc. “No universo consensual, a sociedade é uma criação visível, contínua, permeada com sentido e finalidade, possuindo uma voz humana e agindo tanto como reagindo como um ser humano” (MOSCOVICI, 2003, p.51). A institucionalização do universo consensual se faz nos bares, nos clubes, e noutros ambientes de interação social onde prospera a conversação entre os indivíduos, que, em longo prazo, cria estabilidade, mantendo e consolidando o grupo.

Em contrapartida, Moscovici propõe um segundo sistema de pensamento por ele denominado universo reificado. No universo reificado, por sua vez, a sociedade divide-se num sistema de papéis e classes compostas por membros desiguais. Neste universo a competência adquirida determina o grau de participação do indivíduo conforme o mérito (MOSCOVICI, 2003). No universo reificado é que residem o certo e o errado, o verdadeiro e o falso, o qualificado e o não qualificado. Este universo transforma a sociedade em um sistema de entidades sólidas, invariáveis, indiferentes à individualidade e sem identidade. “Esta sociedade ignora a si mesma e a suas criações, que ela vê somente como objetos isolados, tais como pessoas, ideias, ambientes e atividades” (MOSCOVICI, 2003, p.50).

É no primeiro, no universo consensual, que habita a produção das representações sociais, lugar caracterizado por estar em movimento contínuo, formando

cúmplices sociais que se protegem e permitem a fala em nome do grupo, tornando o convívio social possível.

Moscovici (2003, p.54) ao salientar “que a finalidade de todas as representações é tornar familiar o não-familiar ou a própria não-familiaridade”, reforça a importância do universo consensual como ambiente de segurança e estabilidade, onde indivíduos ou grupos se sentem a salvo de riscos e conflitos.

Ao demonstrar que uma representação implica a transformação de um saber científico, que é produto do universo reificado (a psicanálise), em um saber do senso comum, produto do universo consensual, Moscovici (2003, p.60) postula a elaboração de “dois mecanismos de um processo de pensamento baseados na memória e em conclusões passadas”. São eles: a ancoragem e a objetivação.

Na ancoragem há a “incorporação ou assimilação de novos elementos de um objeto em um sistema de categorias familiares e funcionais aos indivíduos e que lhes estão facilmente disponíveis na memória” (ALMEIDA, 2005, p.126). Pela ancoragem os indivíduos e grupos, classificam e dão nomes às coisas, com o intuito de evitar os riscos do estranhamento causado pelo que é incógnito. Esse processo enquadra o novo em nossos sistemas de categorias “e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada” (MOSCOVICI, 2003, p.61). O objeto ou ideia que é comparado a uma categoria já estabelecida adquire as características dessa categoria sendo nela enquadrado. Quando atribuído nome àquilo que não possuía nome, classificado o que não pertencia a classe alguma, este objeto torna-se passível de ser imaginado, representado. A representação, segundo Moscovici (2003, p.62), “é,

fundamentalmente, um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes”. Ao categorizarmos alguém ou alguma coisa, escolhemos entre os paradigmas de nossa memória o que nos possibilita estabelecer uma relação positiva ou negativa com o representado. Em todas as classificações do não-familiar há a necessidade de defini-las como conformes ou divergentes da norma.

Classificar e atribuir nomes são aspectos da ancoragem das representações que retiram o objeto do anonimato e o localizam no âmbito de uma cultura. “É neste sentido que o processo de ancoragem é, a um tempo, um processo de redução do novo ao velho e reelaboração do velho tornando-o novo” (VALA, 1997, p.363).

A objetivação, segundo Vala (1997, p. 362), “diz respeito à forma como se organizam os elementos constituintes da representação e ao percurso através do qual tais elementos adquirem materialidade e se formam expressões de uma realidade vista como natural”. É tornar concreto aquilo que é abstrato. Tem a propriedade de transformar um conceito em imagem de uma coisa (ALMEIDA, 2005), descobrindo sua qualidade icônica. As imagens são assimiladas e “o que é *percebido* substitui o que é *concebido*” (MOSCOVICI, 2003, p.74).

Vala (1997) explica que o processo de objetivação envolve três momentos. O primeiro trata da seleção e descontextualização das informações, das crenças e ideias acerca do objeto de representação. Neste momento apenas parte da informação sobre o objeto tem utilidade. A segunda etapa corresponde à organização dos elementos, denominada por Moscovici (2003) *esquematização estruturante*, afirmando que as noções básicas que constituem uma

representação se encontram organizadas constituindo um padrão de relações estruturantes. A terceira etapa é a naturalização, momento em que os conceitos e relações se constituem em categorias naturais e adquirem materialidade. Não somente o abstrato torna-se concreto através de imagens e metáforas, mas também a percepção torna-se realidade, fazendo com que realidade e conceitos sejam equivalentes.

Para Moscovici (2003, p.71) a objetivação “une a ideia de não-familiaridade com a realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade”. Ordaz e Vala nos indicam que

O conhecimento (ideias ou crenças) sobre um fenômeno, quando objetivado, não só é visto como exterior aos indivíduos, como informação, e por isso válido, como se torna um estímulo, como se tratasse de uma realidade física, para a organização de comportamentos e de novos conhecimentos. (ORDAZ; VALA, 1998, p. 91)

Ainda de acordo com Ordaz e Vala (1998) a objetivação das representações sociais se processa através da figuração, da ontologização e da personificação. A figuração diz respeito à transformação de conceitos em imagens; a ontologização atribui às palavras e às ideias características próprias das coisas ou dos seres; a figuração caracteriza-se por conferir materialidade a um conceito através da associação de um rosto a uma teoria que dela se torna símbolo, a exemplo de Freud e a psicanálise.

Sobre os mecanismos de ancoragem e objetivação, Moscovici (2003) nos indica que

[...] são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas e partir do que já é conhecido. (MOSCOVICI, 2003, p.78)

Os pressupostos teóricos descritos fazem referência à proposta de Moscovici para uma teoria das representações sociais como uma “grande teoria” psicossociológica que conheceu desdobramentos. Almeida (2005) destaca três grandes pesquisadores: Jodelet, Doise e Abric – discípulos de Moscovici – como desenvolvedores das principais abordagens nos estudos das representações sociais.

Denise Jodelet, na *Escola des Hautes Études en Sciences Sociales*, em Paris, privilegia o enfoque histórico e cultural, mantendo-se fiel à proposta inicial de Moscovici. Willem Doise, em Genebra, trabalha com uma perspectiva de caráter mais sociológico, enfatizando a inserção social como fonte de variação das representações. Por fim, Jean-Claude Abric, da *Université de Provence*, pesquisa as estruturas das representações, privilegiando sua dimensão cognitiva.

A partir da Abordagem Estrutural de Jean-Claude Abric é que foi efetuada a análise dos dados obtidos nesta pesquisa. Desta forma, consideramos importante contextualizar suas bases.

3.1 ABORDAGEM ESTRUTURAL E A TEORIA DO NÚCLEO CENTRAL

A teoria do núcleo central das representações sociais foi proposta em 1976 por Jean-Claude Abric por meio de sua tese *Jeux, conflit et représentations sociales* na Université de Provence. Sua hipótese central diz respeito à organização interna das representações e está destacada por Sá (1996) nos termos que se seguem:

A organização de uma representação apresenta uma característica particular: não apenas os elementos da representação são hierarquizados, mas além disso toda representação é organizada em torno de um núcleo central, constituído de um ou de alguns elementos que dão à representação o seu significado (ABRIC, 1994a apud SÁ, 1996, p.62)

Segundo Almeida (2005) a teoria indica que toda representação está organizada em torno de um núcleo, um elemento fundante, composto por “um ou mais elementos, mais estáveis, coerentes, consensuais, e historicamente definidos” (ALMEIDA, 2005, p.132).

O núcleo central de uma representação é determinado pela natureza do objeto representado, pelo tipo de relações que o grupo tem com o objeto e pelos valores e normas sociais atuantes no ambiente ideológico do momento e do grupo (ABRIC, 1998). São duas as funções fundamentais do núcleo central: a) função geradora: promotora de criação e transformação de significados das representações; b) função organizadora: unificadora e estabilizadora da representação através do núcleo central.

Sua propriedade de configurar-se como elemento mais estável é que assegura a continuidade da representação em contextos móveis e evolutivos. São os elementos do núcleo central que mais resistem às mudanças sociais. “De fato, toda modificação do núcleo central provoca uma transformação completa da representação” (ABRIC, 1998, p.31). Núcleos centrais organizados de forma diferente configuram representações diferentes.

A presença de um núcleo estruturante de uma representação implica a presença de elementos periféricos a ele associados. Em torno do núcleo, então, organizam-se os elementos periféricos, essenciais ao conteúdo das representações por ocasião dos seus componentes mais acessíveis, mais vivos e mais concretos. São elementos menos estáveis que permitem variações ou modulações individuais. São resultado da ancoragem de uma representação, projetando-se como face compreensível e transmissível da representação.

Os elementos periféricos são mais susceptíveis às adaptações necessárias às evoluções do contexto social, pois as informações novas ou as transformações ambientais podem ser por eles assimiladas. Os elementos periféricos, portanto, constituem o aspecto móvel e evolutivo de uma representação.

Dado que a mudança do núcleo central modificaria por completo a representação, são os elementos periféricos que têm a função de defesa da representação. Estes elementos admitem novas interpretações, ponderações e mesmo contradições possibilitando a evolução da representação, defendendo-a de sua completa desestruturação.

O duplo sistema de representação, composto por um sistema central, de determinação essencialmente social, e um sistema periférico, cuja determinação é mais individualizada e contextualizada, permite entender a natureza contraditória da representação de ser, concomitantemente, estável e móvel, rígida e flexível.

Sá (1996) relaciona os principais métodos para a “colocação em evidência das propriedades de saliência e de conexidade dos diferentes elementos da representação” (p.115). São eles: a hierarquização de itens; a indução por cenário ambíguo; a evocação ou associação livre de palavras.

O método de hierarquização dos itens consiste em solicitar aos sujeitos que escolham numa lista pré-estabelecida, os itens mais importantes ou característicos do objeto de representação (SÁ, 1996). Apresenta como principais variantes as *triagens hierarquizadas sucessivas* que consistem em produzir uma listagem com muitos elementos (32 em geral) em uma tarefa de evocação livre e subdivididos sucessivamente em grupos de elementos mais e menos característicos ou representativos do objeto (SÁ, 1996); e *escolhas sucessivas por bloco* que permitem evidenciar relações de similitude no interior da representação e relações de antagonismo ou exclusão. O procedimento consiste numa série de escolhas por blocos de itens, atribuindo às escolhas escores positivos e negativos.

O método de indução por cenário ambíguo envolve hipóteses sobre a participação de elementos no núcleo central e a identificação em definitivo da composição do núcleo. O método consiste em constituir um grupo de participantes que são incumbidos de produzir um texto sobre certo objeto e, com os textos, é elaborada

uma lista de itens que vão proporcionar a criação de um cenário ambíguo onde o objeto não é explicitado aos sujeitos. Posteriormente são analisados os cenários em relação às representações antes apreendidas (SÁ, 1996).

A *associação ou evocação livre* consiste em pedir aos sujeitos que indiquem palavras ou expressões que lhes venham à lembrança imediatamente a partir de um termo indutor apresentado pelo pesquisador (SÁ, 1996). Esse método possibilita, segundo Abric (1994a) citado por Sá (1996, p.116) “criar um conjunto de categorias, organizadas em torno destes termos, para assim confirmar as indicações sobre seu papel organizador das representações”. É a partir da combinação dos critérios de frequência de evocação e ordem média de evocação de cada palavra que se torna possível levantar quais são os elementos que pertencem ao núcleo central. Esse procedimento resulta um quadro composto de quatro quadrantes no qual os elementos são organizados segundo graus de centralidade. O quadrante superior esquerdo envolve os elementos mais suscetíveis a pertencerem ao núcleo central da representação, pois são os mais frequentes e mais prontamente evocados.

Este último, a *associação ou evocação livre*, foi o método escolhido para a realização desta pesquisa. Objetivamos com esse método encontrar os elementos centrais das representações de objetos que, em nossa sociedade atual e em especial nos meios de comunicação de massa, estão demasiadamente associados, a violência e a pobreza. Os demais procedimentos metodológicos envolvidos na realização da pesquisa acerca das representações sociais de lugar

pobre, lugar violento e do filme Cidade de Deus – interlocutor imagético dos objetos primeiros – são descritos na sequência.

4. OBJETIVOS E MÉTODO

4.1 OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo central identificar representações sociais de 'lugar pobre' e de 'lugar violento' entre moradores de áreas urbanas dos municípios de Vitória e Vila Velha, ES, a partir da abordagem estrutural da TRS, identificando os elementos centrais e periféricos das representações dos objetos.

Temos como objetivos específicos: a) Identificar as representações sociais acerca do filme Cidade de Deus, título escolhido como representante da cinematografia brasileira; b) Verificar diferenças e semelhanças nas representações sociais de lugar pobre e de lugar violento entre dois grupos com diferentes inserções econômicas, políticas e sociais; c) Analisar se as representações sociais dos objetos são análogas às representações contidas ou veiculadas nos filmes.

4.2 MÉTODO

4.2.1 PARTICIPANTES

Os participantes foram distribuídos em dois grupos distintos, cada grupo composto por 50 indivíduos com faixa-etária entre 16 e 35 anos, de ambos os sexos. Intentamos com a formação de dois grupos, uma análise comparativa

entre sujeitos que vivem realidades sociais diferentes, mesmo morando em um mesmo perímetro urbano. O critério para a composição dos grupos principia pela localização geográfica das residências dos participantes, moradores das cidades de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo e Vila Velha, município pertencente à Região Metropolitana da capital de Estado. O Grupo 01 foi formado por moradores de bairros considerados de classe social alta ou média/alta (A e B) e o Grupo 02 por moradores de bairros considerados periféricos e/ou com renda média/baixa ou baixa (classes C, D e E). O índice qualificador destas localidades no município de Vitória foi o IQU (Índice de Qualidade Urbana), em conformidade com os dados fornecidos no site da prefeitura da cidade. O IQU atribui valor de 0 a 1 para o nível de desenvolvimento social e econômico da localidade; quanto mais próximo de 1, mais elevado será o desenvolvimento do bairro. Foi empregada a linha de corte do IQU da seguinte maneira: o bairro foi considerado de classes alta e média/alta se seu indicador fosse igual ou superior a 0,65; abaixo deste indicador, a localidade classifica-se como média/baixa ou de baixa renda. O município de Vila Velha por sua vez, a partir de contato realizado junto à Secretaria Municipal de Ação Social, informou não possuir indicadores equivalentes aos de Vitória para uma precisa distribuição sociodemográfica de seus bairros. Foi indicado pela Secretaria convencionar os bairros da orla nordeste do município e o bairro Centro como localidades de maior nível econômico, enquanto os demais bairros deveriam ser enquadrados como periféricos.

Outro critério para a escolha dos participantes foi a exigência de ter assistido ao filme *Cidade de Deus*, não importando há quanto tempo a audiência havia acontecido.

Para a composição do Grupo 01 os participantes foram escolhidos por indicação, envolvendo indivíduos com diferentes atividades profissionais e sociais, desde que respeitados os critérios antes relacionados para a inserção neste grupo. Para o Grupo 02, a maioria dos participantes foi escolhida entre participantes de projetos sociais e educacionais nos dois municípios. Em Vitória o escolhido foi o Centro de Referência da Juventude, projeto que recebe indivíduos com idades que costumam variar entre 15 e 35 anos que atuam em atividades culturais de diferentes naturezas como o hip-hop, o grafite, o audiovisual e a dança. A escolha deste projeto governamental ligado à juventude de Vitória se explica pela possibilidade de contato com moradores de bairros periféricos, alguns com expressivos índices de criminalidade, com redução substancial de riscos à integridade do pesquisador e dos participantes, sabendo-se que os temas em análise são questões de delicado trato nas comunidades circunstanciadas. Em Vila Velha, a primeira estratégia para levantamento de dados envolveu o contato com escolas estaduais que ministram aulas do projeto de Educação para Jovens e Adultos (EJA) em bairros considerados periféricos. O contato foi realizado com os coordenadores de duas escolas estaduais no município que atendiam um público de diferentes bairros. As coordenações pedagógicas das escolas foram as responsáveis pelo agendamento de datas e indicações de alunos que pudessem responder ao questionário da pesquisa.

Os dois grupos também envolveram respondentes que não pertencem às instituições ou projetos sociais citados.

4.2.2 INSTRUMENTO

O instrumento de coleta de dados foi um questionário semiestruturado com perguntas fechadas, para evocações livres de termos e/ou expressões e uma questão aberta (Anexo I). Tanto para o Grupo 01 quanto para o Grupo 02 o questionário foi composto por questões distribuídas em 03 (três) blocos temáticos associados e complementares.

O primeiro bloco de questões é de natureza sócio-demográfica (sexo, idade, profissão, local de residência, escolaridade e renda familiar). O segundo bloco, nomeado *Sobre violência e pobreza*, suscita as primeiras perguntas sobre as percepções e representações do espectador acerca dos objetos. São apresentadas questões fechadas e para evocações, e nele estão inseridas as questões fundamentais desta pesquisa, as evocações livres para os termos indutores *lugar violento* e *lugar pobre*. Para uma melhor compreensão do ambiente de elaboração e difusão destas representações, o questionário propôs verificar neste bloco de perguntas a inserção social dos participantes, e identificar as percepções que estes sujeitos possuíam dos motivos para a violência e de pobreza em âmbito da sociedade e em sua comunidade de inserção. No terceiro bloco, nomeado *Sobre cinema, violência e pobreza*, abordamos mais propriamente questões relacionadas ao filme *Cidade de Deus*, incluindo a questão

para as evocações acerca da película e a solicitação de breve sinopse da narrativa.

4.2.3 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

Os participantes pertencentes a ambos os grupos foram contatados pessoalmente, por intermédio de telefone, pela internet ou pelo gestor do projeto social, para que fossem marcadas as aplicações dos questionários. Para os participantes do Grupo 01, os questionários foram aplicados em locais que lhes fossem convenientes, agradáveis e/ou seguros. Para os participantes do Grupo 02, os questionários foram aplicados, em sua maioria, nos locais de interação social de que participavam, nos dias e horários acordados com os gestores das instituições. Para os que não se inseriam em projetos sociais a forma de contato foi idêntica à empregada aos sujeitos do Grupo 01. Todos os participantes foram esclarecidos de que se tratava de uma pesquisa para o Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, tendo como objeto as representações sociais de *lugar pobre* e de *lugar violento* nas grandes cidades brasileiras, além daquelas relacionadas ao filme *Cidade de Deus*. Não houve limite de tempo para os sujeitos elaborarem respostas às questões propostas.

O questionário foi aplicado individualmente ou em pequenos grupos de indivíduos, não sendo permitido o conhecimento das respostas por qualquer outra pessoa além do pesquisador. Nos momentos em que respondentes estiveram no mesmo

recinto, estes foram devidamente distanciados para que a privacidade fosse mantida. Os questionários aplicados não continham identificação pessoal dos sujeitos.

4.2.4 PROCEDIMENTOS PARA ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS

Os dados obtidos nesta pesquisa foram organizados por meio de tabulação manual para as questões de fechadas do instrumento e para a questão aberta que solicitava ao participante indicar o ritmo musical mais característico de lugares pobres. O software EVOC foi utilizado para a análise das questões de evocação livre de palavras e expressões acerca dos termos indutores *lugar pobre*, *lugar violento* e *filme Cidade de Deus*. Com o uso do EVOC objetivamos verificar os elementos pertencentes aos núcleos centrais e periféricos dos objetos. Para as demais questões foram realizadas análises de conteúdo com o estabelecimento de categorias de palavras, utilizando-se o critério de semelhança semântica.

Esta pesquisa intencionava analisar a questão que solicitava a sinopse do filme *Cidade de Deus* (número 16 do instrumento) a partir do software Alceste, porém, a insuficiência de conteúdo semântico coletado junto aos participantes não permitiu seu emprego. As sinopses realizadas pelos participantes nesta questão foram então empregadas como material de apoio aos dados encontrados em outras respostas.

4.2.5 ANÁLISE DE RISCOS E BENEFÍCIOS

A coleta de dados para uma pesquisa cuja temática é a violência e a pobreza relacionadas às representações destes temas no cinema brasileiro recente, mas que também é alusiva às representações destes fenômenos no contexto onde o participante tem moradia, pode causar riscos à integridade do participante caso alguma opinião por ele expressada venha a ser disponibilizada para domínio público através de gravação audiovisual ou da identificação formal escrita. Indivíduos ligados a organizações criminosas ou simplesmente contrários às repostas dos participantes, podem intentar contra a integridade física deste sujeito. Por este motivo não foram empregados Termos de Consentimento Livre e Esclarecido para os participantes da pesquisa. Adotamos apenas a prática do acordo verbal para a concessão das informações pelo participante.

5. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE LUGAR POBRE, LUGAR VIOLENTO E DO FILME CIDADE DE DEUS.

Os resultados obtidos na pesquisa, assim como suas análises, são expostos a seguir. Em primeiro momento com o relato do Contexto socioeconômico dos participantes; logo após são apresentados os dados das questões fechadas com dados sobre cinema, violência e pobreza; e por fim, as representações de lugar pobre, lugar violento e do filme Cidade de Deus.

5.1 O CONTEXTO SOCIOECONÔMICO DOS PARTICIPANTES

Os participantes desta pesquisa, um total de 100 respondentes, foram divididos em dois grupos, compreendendo 50 indivíduos cada. O Grupo 01 foi formado por participantes moradores de bairros com maior poder econômico nos municípios em foco. Por sua vez, o Grupo 02 foi composto por sujeitos que moravam em bairros considerados periféricos, ou de baixa renda, nos dois municípios.

A quarta questão do instrumento de pesquisa solicitou aos participantes que indicassem o bairro onde moravam. Esta informação foi fundamental para a distribuição dos sujeitos nos grupos de estudo. Entre os participantes do Grupo 01, foram 13 os bairros representados por respondentes; no Grupo 02 foram 26 os bairros. Esse número de bairros – 39 ao todo – não nos permite pensar nas cidades de forma geral, pois não temos todas as microrregiões compreendidas,

entretanto, configura-se muito abrangente em suas realidades e potencialidades distintas. Mas, afora a localização de moradia do participante, outros fatores demográficos receberam atenção na coleta de dados. Os percentuais de gênero dos participantes é o primeiro deles que expomos.

Considerando a variável sexo, os grupos apresentam uma composição semelhante: Grupo 01 obteve informações de 25 mulheres e o mesmo número de homens. No Grupo 02 foram 26 mulheres e 24 homens que responderam às questões.

As faixas etárias em ambos os grupos concentraram participantes na faixa de 18 a 25 anos – 56% para o Grupo 01 e 52% para o Grupo 02 – seguidos pela faixa compreendida entre 26 e 35 anos com 40% (Grupo 01) e 28% (Grupo 02).

São homens e mulheres que ocupam um amplo espectro de profissões. Por razão da faixa etária escolhida para a abordagem, os resultados se fazem proeminentes na categoria *estudantes*. Somam-se 23 os participantes do Grupo 01 que postulam a condição de estudantes, predominantemente universitários. Além dos estudantes, as profissões são muito distintas (professores, publicitário, médico, etc.), porém, apresentando em comum o fato de constituírem-se de atividades que suscitam um nível superior de escolaridade. O Grupo 02 organiza-se de forma semelhante, mas novamente é mais estratificado que o Grupo 01. Entre eles, 16 se declararam estudantes, enquanto os demais manifestaram outras 25 ocupações. Ao contrário do que foi encontrado no Grupo 01, as profissões dos indivíduos do Grupo 02 demandam níveis de escolaridade mais baixos

(estampador, manicure, motorista, pintor, etc.). Surge também no Grupo 02 a presença de *desempregados e do lar* (mulher).

Os dados referentes à escolaridade dos participantes indicam uma diferença entre os grupos que pode ser pensada como justificadora das disparidades encontradas nas profissões. Enquanto 86% dos participantes do Grupo 01 cursam ou concluíram o ensino superior, o percentual dos que estavam na mesma condição entre os pertencentes ao Grupo 02 reduzia-se para 24%. No Grupo 02, a maioria dos participantes (66%) possuía escolaridade em nível médio, em curso ou completo.

Mattos (2008) relata em seu estudo sobre a dinâmica da segregação espacial na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), aspectos sócio-ocupacionais que, na capital, indicam uma concentração de profissionais em níveis de Direção, Empregadores ou Profissionais de Nível Superior nos bairros da região leste da cidade como: Praia do Canto, Jardim da Penha, Mata da Praia e Enseada do Suá. Em Vila Velha, a maior densidade destes profissionais habita o noroeste da orla, mais precisamente os bairros Praia da Costa, Itapuã e Itaparica, reduto da classe média e alta do município.

Estas informações sugerem uma dinâmica social na qual a natureza das ocupações está associada à relação entre escolaridade e poder econômico do indivíduo.

Apesar do estabelecimento do critério para composição dos grupos, que o participante seja morador, por um lado, de um bairro tido como nobre ou, por

outro, de um bairro reconhecido como periférico, a renda familiar do sujeito não foi requisito para sua alocação em um ou outro grupo. Cada qual poderia apresentar renda compatível ou não com a média da localidade. O constatado foi que o Grupo 01 abrigava 74% de seus membros com renda acima de cinco salários mínimos, percentual que projeta o padrão econômico das regiões. O Grupo 02 revelou uma incidência maior de sujeitos com renda familiar média entre 01 e 03 salários, em percentual de 40%. O Grupo 02 também explicita percentual significativo entre aqueles que assinalaram receber valores de até um salário mínimo, 18%. Somam-se 58% dos participantes do grupo com renda familiar reduzida. Mas o Grupo 02 possui também sujeitos de indicaram possuírem padrão monetário mais elevado: 22% afirmam receber renda familiar entre 04 e 05 salários e 20% deles apontam renda acima de 05 salários mínimos.

Mattos (2008) indica que a população de Vila Velha com maior capacidade financeira está localizada na faixa noroeste do município e que no restante do município prevalecem bairros com moradores com baixo rendimento. O crescimento desordenado do município proporcionou aglomerados segregados economicamente, caracterizados por favelizações e invasões, a exemplo do complexo de bairros da Grande Terra Vermelha. O município de Vitória, por sua vez, tem nos bairros da região leste os moradores com maior rendimento econômico e nos bairros da região oeste, os moradores com renda mais baixa.

[...] o processo de expansão desordenada da RMGV resultou no surgimento de bairros periféricos, no qual grande parte da população encontra-se numa situação de desemprego, como consequência do perfil da população dos mesmos, oriunda das atividades agrárias e de migrantes, constituída por trabalhadores com baixa ou nenhuma qualificação profissional, que de forma crescente e gradativa foram se instalando nos municípios da

RMGV. Essa situação intensifica a fragilidade social de uma ampla camada populacional, majoritariamente jovem, que conseqüentemente, por não possuírem condições de inserção no mercado formal de trabalho, acabam se tornando as maiores vítimas da sedução do mercado ilegal de trabalho e da violência urbana na RMGV (MATTOS, 2010, pp.257-258).

5.2 SOBRE VIOLÊNCIA E POBREZA

Procuramos verificar através de perguntas fechadas, algumas noções preliminares dos sujeitos acerca das temáticas violência e pobreza em suas localidades.

Quando perguntados se consideravam violento o lugar em que moravam, 72% dos participantes do Grupo 01 responderam negativamente, e 28% acreditavam que suas localidades de residência eram sim lugares violentos. Entre os integrantes do Grupo 02, os relatos mostram uma divisão equitativa entre as opiniões, pois, 52% dos participantes entendem que seus bairros não são violentos, enquanto 48% consideram seus bairros lugares de violência.

Para identificar de que forma os participantes classificariam seus bairros em relação à pobreza/riqueza perguntamos como classificariam o lugar de moradia apresentando três possibilidades de resposta: a) pobre; b) classe média e c) rico. Entre os membros do Grupo 01, nenhum deles afirmou que seu bairro poderia ser visto como um bairro pobre. Todos se dividiram entre as outras opções, com predominância para a classificação de classe média: 80% dos sujeitos. O restante deles, 20%, entendeu tratar-se de um bairro rico. Entre os participantes do Grupo

02 nenhum participante indicou considerar seu bairro rico. Mesmo situados em regiões consideradas pelas administrações públicas como zonas periféricas, 68% deles percebem seus bairros como de classe média, ao passo que 32% visualizam seu lugar de moradia como um bairro pobre. As respostas indicam um caráter valorativo das respectivas localidades pelos participantes, sejam eles do Grupo 01 ou do Grupo 02. Tal condição viabiliza pensarmos que as representações estão amparadas no desenvolvimento de uma identidade social que valoriza o grupo de pertencimento.

Nos discursos midiáticos é estreita a relação entre bairros pobres, violência e tráfico de drogas. Perguntamos aos indivíduos qual a influência do tráfico de drogas sobre os fenômenos violentos em seus bairros, propondo uma escala cuja gradação se apresentava em: a) nenhuma; b) fraca; c) forte; e, d) muito forte. Todos os integrantes do Grupo 01 indicaram algum grau de influência do tráfico em relação à violência. Entre eles 42% acreditam que esta influência é fraca, 46% disseram que a influência era forte, e, 12% pensam que a influência é muito forte.

No Grupo 02, diferentemente do encontrado no Grupo 01, três indivíduos (6%) disseram não ver o tráfico de drogas como agente influenciador da violência. O percentual de 30% deles acredita ser fraca a incidência deste fator, outros (38%) consideram a influência forte e 26% indicam o grau muito forte.

Com o intuito de integrar fatores sociais com suas reproduções imagéticas nos *favela-movies*, foi solicitado aos participantes que respondessem um conjunto de questões *Sobre cinema, violência e pobreza*.

5.3 SOBRE CINEMA, VIOLÊNCIA E POBREZA

Este conjunto de perguntas objetivou verificar apreensões dos participantes sobre os elementos que se destacam no filme *Cidade de Deus*, suas associações aos fatores componentes da violência e da pobreza nas localidades de moradia, bem como na cidade do Rio de Janeiro, cenário para a realização do filme em análise e, de muitos outros filmes que congregam da mesma linguagem fílmica.

As cenas de violência apresentadas no filme acontecem na cidade onde você mora? Esta pergunta revelou que, no Grupo 01, 68% dos participantes sinalizam positivamente e 32% não percebem tais cenas como parte de sua realidade local. O Grupo 02 demonstra resultados muito semelhantes e apresenta 70% dos sujeitos afirmando que as cenas se repetem em suas cidades, ao passo que 30% não acreditam que as cenas dos filmes acontecem em seus municípios.

Quando estreitados os laços sociais e perguntados se as cenas dos filmes acontecerem ou não nos bairros onde eles moram, os dados tornam-se mais discrepantes no Grupo 01 e revelam que 86% não identificam estes eventos violentos nos bairros onde moram. Apenas 14% acreditam que tais reproduções de violência dos *favela-movies* estão presentes em seus bairros. Estes dados indicam uma perspectiva para a atribuição dos fatos violentos aos bairros periféricos, pois, reconhecer sua cidade como violenta e não identificar a violência em seu bairro é atribuir ao outro o papel de personagem – e possivelmente, agente – do fenômeno. Em contrapartida, os participantes do Grupo 02 dividem-se, revelando um percentual de 48% dos participantes crendo que as cenas

violentas de Cidade de Deus são presentes também em suas comunidades, enquanto 52% não creem que as ações das cenas do filme aconteçam em seus bairros.

Considerando que participantes do Grupo 01 poderiam não reconhecer seus bairros como pobres, o que já foi confirmado e demonstrado anteriormente, a pergunta sobre a pobreza na narrativa fílmica apresentou caráter mais abrangente, e solicitou respostas acerca do reconhecimento das cenas de pobreza expostas no filme como cenas de seu contexto social no bairro ou na cidade de moradia. O Grupo 01 apresenta os seguintes resultados: 66% dizem que as cenas de pobreza de Cidade de Deus são também realidade em suas cidades e 34% responderam que as cenas não são condizentes com a cidade ou bairro onde moram. No Grupo 02, 58% dos integrantes respondem afirmativamente, enquanto 42% respondem negativamente.

Perguntados se as cenas de violência do filme acontecem também no cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, cenário em que foi produzido, o Grupo 01 é unânime: todos acreditam que as cenas de violência do filme ocorrem nas ruas e bairros da cidade. Entre os integrantes do Grupo 02 o resultado não foi muito diferente, 96% deles também pensam ser iguais às violências fílmicas as violências das ruas da cidade. Apenas quatro entre os 100 participantes responderam negativamente. Também perguntamos se as cenas de pobreza mostradas em Cidade de Deus equivalem exatamente ao que são as comunidades cariocas. O Grupo 01 indica 66% respondendo “sim” e 34%

respondendo “não”. No que diz respeito ao Grupo 02, os dados evidenciam percentuais de 74% para resposta positiva e 26% para a resposta negativa.

Evocando a presença do bandido Bené em Cidade de Deus, considerado o “malandro gente boa”, perguntamos se o participante acreditava existirem bandidos “gente boa” em bairros violentos. No Grupo 01, a ordem de 72% das respostas é positiva, *versus* 28% respondendo que não. Por seu turno, o Grupo 02 novamente apresenta percentuais quase idênticos aos encontrados no Grupo 01, pois nele, 70% responderam que existem bandidos “gente boa”, enquanto 30% responderam não existirem.

Quando perguntados se os filmes mostram os moradores dos bairros pobres como eles são, 64% dos participantes do Grupo 01 indicaram crer que os filmes retratam exatamente o que são os moradores dos bairros pobres, e 36% respondem negativamente. O Grupo 02 corrobora a impressão dos membros do Grupo 01 e apresentam os mesmos índices.

À pergunta, Cidade de Deus representa bem a vida na periferia das cidades? Novamente os grupos manifestaram os mesmos pensamentos e foram obtidos os mesmos percentuais. Para os dois grupos, os que acreditam que Cidade de Deus representa a vida na periferia estão na ordem de 80%.

Cidade de Deus se passa entre os anos 1960 e 1980, e as músicas que compõem sua trilha sonora fazem referência aos sucessos da época, em língua portuguesa ou internacionais. Clássicos da *disco music* e Wilson Simonal são exemplos desta seleção musical. Perguntamos aos sujeitos qual o ritmo sonoro

lhes vinha à mente quando pensavam em comunidades pobres, e os números foram favoráveis ao funk, estilo musical que não está presente no filme, pois, no momento histórico retratado no filme, o ritmo não existia como na atualidade.

O Grupo 01 resultou em 86% das menções ao funk enquanto o Grupo 02 indicou o funk em 84% das respostas. Outros ritmos foram citados: samba, rap, hip hop, pagode e até o gospel, mas todos eles com percentuais baixos.

Os dados descritos até o momento nos prestam os esclarecimentos acerca dos participantes da pesquisa, dos fenômenos pobreza e violência nas localidades dos participantes, bem como as representações elaboradas na interseção entre o filme e o cotidiano. Iniciaremos as análises das evocações dos indivíduos sobre os termos indutores *lugar pobre*, *lugar violento* e *filme Cidade de Deus* apresentando os dados referentes às questões de evocação livre de palavras e expressões apresentadas pelo instrumento de pesquisa. Metodologicamente as Tabelas 1, 2 e 3 expressam as representações para os dois grupos estudados. Com estas tabelas, objetivamos facilitar a visualização dos dados e a consequente compreensão dos elementos comuns e díspares das representações identificadas.

5.4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE “LUGAR POBRE”.

Déficit e precariedade são a tônica da ruptura social causada pela pobreza dos indivíduos e das sociedades. No filme *Cidade de Deus* a caracterização das

carências, expressas nos diálogos e nas imagens, revela uma comunidade em ruptura com a cidade, distante das prioridades das políticas públicas. É o lugar pobre que não faz parte dos programas oficiais, dos projetos macroeconômicos. Mas a comunidade Cidade de Deus no Rio de Janeiro é apenas um signo icônico da favelização e da violência gerada pelo tráfico de drogas nos diversos centros urbanos do país. As precariedades, as ausências, os produtos da miséria, e em especial as violências, pertencem ao ideário de representações dos brasileiros que as vivenciam em suas experiências do dia a dia ou daqueles que a consomem como produto midiático.

É a tangibilidade das representações sociais que objetivamos com a apresentação dos dados que se seguem. A familiarização do não-familiar que “atrai e intriga pessoas e comunidades enquanto, ao mesmo tempo, as alarma, as obriga a tornar explícitos os pressupostos implícitos que são básicos ao consenso” (MOSCOVICI, 2003, p.56).

Núcleo central e elementos periféricos das representações de lugar pobre são, pois, apresentados a partir da Tabela 1 e discutidos à luz da Teoria das Representações Sociais.

5.4.1 NÚCLEO CENTRAL DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE “LUGAR POBRE”.

Tabela 1 – Evocações para o termo indutor “lugar pobre”.

GRUPO 01					
f \geq 14 e OME<2,9			f \geq 14 e OME \geq 2,9		
Atributos	f	OME	Atributos	f	OME
Infraestrutura-deficiente	14	2,286			
Falta-saneamento	18	2,611			
Fome	15	2,600			
Sujeira	14	2,357			
Violência	21	2,667			
F<14 e OME<2,9			F<14 e OME \geq 2,9		
Atributos	f	OME	Atributos	f	OME
Descaso-governo	10	2,700	Barracos	10	2,900
Desigualdade	09	2,444	Desemprego	05	3,000
Drogas	06	2,000	Doenças	06	4,000
Favela	08	2,500	Educação-precária	13	4,077
Pobreza	11	2,727	Falta-opportunidade	06	3,500
Tráfico-drogas-armas	09	2,444	Moradores-rua	08	3,375
			Tristeza-sofrimento	05	3,400
GRUPO 02					
f \geq 17 e OME<2,8			f \geq 17 e OME \geq 2,8		
Atributos	f	OME	Atributos	f	OME
Falta-saneamento	17	2,529	Infraestrutura-deficiente	18	3,111
Fome	18	2,444			
Pobreza	19	2,316			
Sujeira	19	2,316			
Violência	18	2,389			
F<17 e OME<2,8			F<17 e OME \geq 2,8		
Atributos	f	OME	Atributos	f	OME
Barracos	12	1,917	Desigualdade	05	3,000
Drogas	07	2,286	Educação-precária	16	3,563
Tráfico-drogas-armas	05	2,200	Moradores-rua	08	3,625

A visualização da Tabela 1, na qual “f” significa “frequência de evocações” e “OME” designa “Ordem média das evocações”, explicita em seu primeiro quadrante, as palavras/expressões que são mais evocadas e em primeiras posições, logo a composição do núcleo central das representações sociais sobre o fenômeno. Em relação ao Grupo 01, este quadrante apresenta as palavras/expressões: **Infraestrutura-deficiente**, **Falta-saneamento**, **Fome**, **Sujeira** e **Violência**. Para o Grupo 02 as palavras/expressões mais prontamente evocadas listam-se com: **Falta-saneamento**, **Fome**, **Pobreza**, **Sujeira** e **Violência**. Estes elementos centrais são os que aparentemente constituem o pensamento social, permitindo uma ordenação e compreensão da realidade de indivíduos e grupos (SÁ, 1996).

A *infraestrutura-deficiente* é associada à vida dos moradores de lugares pobres, por parte dos indivíduos que moram em bairros com maior poder econômico, através da enunciação de distintas associações. Os bairros pobres são representados como lugares de ausências e precariedades. Por sua organização espacial diferente daquela empregada em bairros nobres, é representado como espaço de desorganização, onde os indivíduos vivem em situações precárias de vida. A escassez de água é uma das características desta precariedade estrutural relatada, mas já há muito percebida como constante em comunidades carentes, assim como comprova o trecho do texto de Carvalho (1993, p.31) ao expressar que “o abastecimento de água, apesar da sensível melhoria nos últimos anos, continua a representar um problema em diversas comunidades”. Esta era a realidade em favelas cariocas em pesquisa de 1991 e, vinte anos após, ainda é relatado como sinal pobreza de um lugar.

A constituição estrutural das ruas nas comunidades pobres é outro fator incluído em *infraestrutura-deficiente*, relatadas como esburacadas, sem asfaltamento, feitas de terra ou de barro. Ruas que prejudicam a mobilidade, que colaboram com acidentes e facilitam a incidência de doenças entre os moradores. A estrutura material do aparelho público é marcada como precária ou como ausente.

Expor *infraestrutura-deficiente* como representação de lugar pobre para sujeitos que estão fora deste contexto social implica pensar a dualidade elites *versus* classes subalternas na elaboração de políticas, comportamentos e imaginários sociais ao longo da história do país.

São os aspectos comuns aos bairros nobres que constroem imagens de aparatos necessários a uma vida social saudável. Não tê-los ou acreditar não tê-los, em sua totalidade ou parcialidade, postula um espaço social doente, incompleto.

A *infraestrutura-deficiente* é o único elemento componente do núcleo central das representações de lugar pobre presente entre aqueles que formam o Grupo 01 e que está ausente no núcleo das representações entre os sujeitos do Grupo 02. As precariedades e ausências dos espaços sociais estão presentes entre as representações de moradores de bairros periféricos, porém de forma menos significativa. O Grupo 02 faz evocações de elementos categorizados por *infraestrutura-deficiente* em grande quantidade, mas em suas últimas posições, o que faz o termo constituir a primeira etapa dos elementos periféricos da representação (quadrante superior direito da tabela de elementos das representações). Entre os membros do Grupo 02, aspectos que dizem respeito à

fraca participação do poder público, como a falta de uma coleta de lixo adequada e um sistema de transporte ineficiente, são componentes desta precariedade estrutural. Outros indicadores locais de carência também são destacados, tais como ruas esburacadas, sem calçamento e espaços de lazer precários.

Se o Grupo 01 apresentou o termo *infraestrutura-deficiente* como próprio do núcleo central da representação de lugar pobre, o elemento *pobreza* é fator diferente na representação dos integrantes do Grupo 02.

Os outros termos pertencentes ao núcleo central das representações de lugar pobre para os moradores de bairros de classe média e alta (Grupo 01), *Falta-saneamento, Fome, Sujeira e Violência* coincidem com os elementos que compõem o núcleo das representações entre os sujeitos que moram em bairros periféricos (Grupo 02).

A falta de saneamento básico é resposta marcante entre os respondentes dos dois grupos do estudo, expressa em primeiros lugares e com altas frequências. A única palavra/expressão associada ao elemento *falta-saneamento* é “esgoto a céu aberto”, algo muito frequente em bairros pobres. “Do ponto de vista da relação favela x ‘asfalto’, parece existir um consenso, do qual o poder público também participaria, sobre a ‘naturalidade’ da convivência do morador da favela com esgotos não tratados, a céu aberto” (CARVALHO, 1993, p.30).

Mas não é preciso que o bairro seja considerado uma favela para que esta situação possa ocorrer. A cobertura de rede de esgoto no país, mesmo crescendo gradativamente nas últimas décadas, ainda é precária e abrange uma parcela

reduzida da população na maioria dos municípios brasileiros. É tratada de forma desigual para os diferentes extratos da sociedade e se manifesta com soluções também distintas. Segundo Razzolini e Günther (2008) os acessos à água potável e a redes de esgoto das classes média e alta das cidades costumam ter soluções seguras e localizadas, enquanto nas áreas de população de baixa renda os acessos precários comprometem a qualidade de vida e a saúde das pessoas. É o que relatam ao indicar ser comum que os esgotos sanitários coletados pelas redes internas dos condomínios de alto padrão, são lançados a céu aberto, atingindo, em muitos casos, as periferias carentes das cidades.

Essas últimas, áreas de exclusão social carentes de infraestrutura de serviços urbanos, ainda padecem com a incerteza do acesso a água sanitariamente segura para suprir as necessidades básicas de abastecimento em pleno século XXI, quando a atenção é voltada para questões ambientais de ponta como mudanças climáticas e geração de energia renovável (RAZZOLINI; GÜNTHER, 2008, p.23).

Assim como foram para infraestrutura, representações de falta, precariedade e ausência são evocadas para saneamento. Para os membros do Grupo 02, são palavras que advêm das experiências cotidianas de serem incomodados pelos cheiros dos esgotos, do medo de doenças e riscos à saúde, das dificuldades de locomoção nas ruas. Entre os integrantes do Grupo 01 são, em grande parte, advindas da mediação dos signos expressos nos meios de comunicação de massa.

Outro elemento pertencente aos núcleos centrais das representações nos dois grupos está representado pela palavra *fome*. Um dos mais significativos aspectos da pobreza se revela na escassez ou falta de alimentos. A fome é sinal de um

processo de exclusão social que se caracteriza pela privação das capacidades básicas dos sujeitos. Segundo Codes (2008, p.20)

[...] o acesso a alimentos e bens, por parte de alguns grupos da população, é função de uma série de fatores legais e econômicos. [...] a disponibilidade de um bem, em um dado espaço, não garante que certos grupos de indivíduos tenham capacidade de adquiri-los por meio de mecanismos como a produção própria, a criação de empregos, sistemas de preços e a constituição de reservas públicas. [...] não é a escassez de bens que gera a miséria e a fome, mas a incapacidade de obtê-los.

A fome é um estado significativamente individual, de múltiplas faces e gradações. Pode ser processada a partir das experiências físicas necessárias à manutenção do corpo, algo passível de relativização ao passo que indivíduos necessitam de diferentes quantidades de comida e em intervalos também distintos. Sob seu aspecto fisiológico é categorizada em momentânea, aguda e crônica; esta última equivalente a modalidades de desnutrição, caracterizada por elevada deficiência energética (MONTEIRO, 2003). Mas a fome também pode ser pensada num estado de experiências “vivas pelo indivíduo e por outros, em uma intersubjetividade de apreensão do mundo” (FREITAS, 2002, p.57). “A experiência do faminto se constitui como vivências no nível da consciência e encerra significados que objetiva e subjetivamente são atribuídos pelo sujeito ao tentar compreender sua condição de faminto” (Ibidem).

Desta feita, à fome se atribui uma dimensão biológica e uma dimensão sociocultural que se associam.

De fato, as representações da fome colhidas na etnografia estão condicionadas à tradição de como a comunidade apreende diferentes sensações. Este conhecimento apresenta uma série de significados os quais se encontram como enunciados culturais,

cujo entendimento requer a compreensão de variados elementos para a explicação da sobrevivência no mundo, como as crenças, os hábitos e tantas outras capacidades adquiridas (FREITAS, 2002, p.56-57).

A fome, portanto, pode ser entendida fora do contexto da pobreza, mas as evocações desta pesquisa a associam diretamente aos processos de exclusão que geram a desigualdade, às comunidades pobres e aos indivíduos incapacitados, por sua condição de subalternidade de participar do mercado produtor.

Assim como a *fome* constitui elemento central na representação de lugar pobre, outras deficiências também se revelam. A falta de higiene é comum aos núcleos das representações dos dois grupos e está categorizada pelo elemento *sujeira*. Esta que, em alguns casos, é manifestada como característica dos espaços públicos, em outros, é característica dos espaços privados e, em algumas evocações, como particularidade dos sujeitos. Portanto, a sujeira é representada como inerente ao lugar e aos indivíduos do lugar.

Está nas crianças que correm pelas ruas, com roupas sujas e pés descalços; mostra-se na falta de higiene dos moradores que não colaboram com a limpeza e com o asseio do ambiente em que vivem; e é objetivada pelo lixo espalhado pelas ruas. Por um lado, a sujeira assume a natureza de uma preocupação com a saúde e sob a culpabilização do indivíduo que não tem asseio, falta-lhe a higiene necessária às diferentes atividades do dia a dia. As crianças são distanciadas das práticas de higiene, habitando um lugar que, já sujo, não pode oferecer outro resultado senão a sujeira daqueles que lá habitam. Por outro lado, está nas

estruturas sociais, nos espaços de convívio. As ruas estão sempre repletas de lixo e, na ausência de aparelhos governamentais, neste caso um serviço de coleta de resíduos satisfatória, resulta num lugar de feiura e mau cheiro. Oyen (2003) expõe que as representações sobre os pobres, assim como as justificativas para suas pobreza são majoritariamente negativas, ao ponto de suscitar o pensamento de que são sujeitos que gostam de viver no meio da sujeira e que seus comportamentos são grandes causadores de degradação ambiental.

Como resultado e/ou resposta ao quadro das ausências e precariedades, das sujeiras e da fome, a *violência* emerge como elemento com significativa frequência.

Entre os participantes – em ambos os grupos – o elemento *violência* pouco se estratificou. A criminalidade, algumas vezes tratada por crime organizado, apresenta-se como expressão da violência. Outra evocação foi a da violência como abuso sexual. Entre os moradores de bairros de classe média e alta (Grupo 01) a violência foi representada essencialmente através de evocações de furtos e roubos e, entre moradores de bairros periféricos (Grupo 02) por agressões físicas e assassinatos.

As agressões físicas assumem papel importante na composição de representações sociais de violência, pois estão muito presentes, senão nas experiências pessoais, nos meios de comunicação que ampliam suas agendas para a apresentação de crimes e barbáries. Estas agressões são mais frequentes, segundo estudo de Alba Zaluar (2009) na cidade do Rio de Janeiro, em áreas que concentram os mais pobres e que, justamente, são os espaços dominados pelo

tráfico de drogas ou outras formas de crime organizado, como as milícias. Esta mesma tendência encontramos na Região Metropolitana de Vitória em pesquisa de Mattos (2008) sobre segregação espacial e violência na região. A autora indica que áreas periféricas como a formada pelos bairros Terra Vermelha, Cidade da Barra, Barra do Jucu, Riviera da Barra e São Conrado (sul do município); Aribiri, Glória, Jaburuna e Cristóvão Colombo (na porção norte); e outros bairros como Ponta da Fruta, Vale Encantado, Cobilândia, Nossa Senhora da Penha, São Torquato e Argolas, apresentam elevadas taxas de crimes letais.

Mattos (2008) salienta que em Vitória os maiores índices de criminalidade e agressões figuram em áreas de mais baixa renda como a formada por bairros do sudoeste da Ilha a exemplo do Morro do Romão, Forte São João, Vila Rubim, Ilha do Príncipe, Morro do Moscoso, Morro do Quadro, Caratoira e Santo Antônio; na área noroeste com os bairros São Pedro, Resistência e Condusa; e na região central e adjacente formada por bairros como São Benedito, Consolação, Bairro da Penha, Horto, Santos Dumont e Maruípe.

Mas a violência pode e deve ser pensada em diferentes contextos que não apenas a agressão física. Souza (2008) enumera alguns destes contextos:

- 1) nas relações de gênero pelos valores patriarcais; 2) nas relações discriminatórias baseadas na origem étnica e na sexualidade; 3) nas relações educacionais autoritárias; 4) na exploração do trabalho, cada vez mais acentuada nos tempos de globalização econômica; 5) na escravização de homens, mulheres e crianças; 6) na corrupção, que vitima enormes contingentes de pessoas; 7) na volatilidade, que caracteriza o deslocamento acelerado do capital entre países e continentes e que fragilizam e condenam nações inteiras; 8) no fortalecimento do tráfico e da distribuição internacional de drogas, que produzem as mazelas que já conhecemos, entre muitos outros (SOUZA, 2008, p.172).

Portanto, para Souza (2008) a criminalidade é apenas uma das faces da violência, “o que indica que para a sua compreensão deve-se necessariamente admitir que se trata de um fenômeno multifacetado e multideterminado” (p.171).

Souza nos indica que a transformação de valores sociais fundamentais, já comentadas por Velho e Zaluar, “afetou de modo significativo os processos de categorização social que fundamentam tanto a exclusão social e moral quanto a violência” (2004, p.68). Esta mudança de valores processa-se no evidenciar do individualismo e do consumismo, que, em associação com o machismo, torna os apelos do crime organizado sedutores aos olhos dos jovens. O resultado desta sedução é o envolvimento em diferentes formas de violência e mortes precoces de jovens, principalmente do sexo masculino (SOUZA, 2004).

É isso que se vê nos locais onde o tráfico impera. Há diversos casos de filas de meninos que esperam a sua vez para ingressar no tráfico e participar do triunfo onipresente que ele permite. Eles sabem que o preço é o risco iminente da morte. Mas a morte já se avizinhava antes, quando não se tinha nada [...] (ENDO, 2009, p.37).

A transformação dos valores sociais implica em transformações expressivas da violência, esta “torna-se uma linguagem, uma forma de reconhecimento e, portanto, de identidade” (SOUZA, 2004, p.69). Uma linguagem expressiva tão significativa e marcante que, assim como propusemos anteriormente, baseados no pensamento de Marcondes Filho (2001), efetiva uma “cultura da violência” que tem na difusão cotidiana e intensificada de atos brutais seu apelo elementar. A violência como *habitus* social estabelece um processo de naturalização e aceitação do fenômeno que nos habilita a ter condutas violentas até mesmo como

uma necessidade para a vida no lar, nas relações amorosas, no trânsito ou em tantas outras situações da vida (SOUZA, 2004).

Fleury (2007) corrobora a visão de Souza ao afirmar que a mídia tem papel determinante na propagação da cultura da violência à medida que atua na reprodução de “normas de exclusão e na reificação de identidades sociais polarizadas” (p.1424). Para Fleury, a difusão constante de valores individualizantes e de consumo, ao suplantarem normas e condutas solidárias, impossibilita a construção de vínculos sociais capazes de recuperar o convívio urbano nas cidades.

A televisão, a literatura e a cinematografia brasileiras, historicamente colocaram-se como canais de mediação das representações da violência e da pobreza. Não somente uma cultura da violência, mas um apelo à “estética da fome”, como proposta por Glauber Rocha no Cinema Novo – apresentação da fome pela fome, numa desqualificação do pobre latino – se fazem presentes em doses substanciais em diversos meios de comunicação. Remodelada na última década do século XX e nos primeiros anos deste século, essa estética da fome expõe expressões visuais que vão ao encontro das evocações feitas pelos integrantes do Grupo 02 para o elemento *pobreza*, fator diferencial do núcleo central deste grupo em relação ao Grupo 01.

Ter o elemento *pobreza* como representação para lugar pobre pode parecer redundante, e de certo modo o é, mas se explica à medida que encontramos um amplo espectro de possibilidades para situar essa pobreza, em níveis, situações ou características. Os respondentes do Grupo 02 representam a pobreza sob a

mesma chancela das precariedades quando salientam que situações de vida com poucas perspectivas de sucesso são comuns àqueles que moram em comunidades pobres. A pobreza do lugar está nas crianças descalças e quase sem roupas, nos adultos mal vestidos, feios. O lugar pobre é cenário para pessoas humildes, carentes e que vivem na miséria. A pobreza do lugar o caracteriza como favela, mesmo que tecnicamente o termo não se aplique.

Grisotti e Gelinski (2010) afirmam que podemos estudar a pobreza como um fenômeno proveniente de condições que afetam os indivíduos, como os processos econômicos e produtivos que incluem/excluem dos mercados, ou pode ser pensada como manifestação das carências individuais. Esta última, mais simplista que a primeira, está presente nas representações que o Grupo 02 faz do que é ser lugar pobre. É o lugar da falta, da carência, da precariedade, e das consequências que envolvem este quadro.

Verificamos também o que os participantes pensam serem fatores motivadores para a pobreza em âmbito geral e também na comunidade em que estavam inseridos. Para apresentar características mais gerais das motivações, foram elaboradas categorias que agruparam respostas semanticamente semelhantes. Estas categorias foram assim denominadas: *Comportamental*, *Político-governamental*, *Criminalidade*, *Societal*, *Precariedades* e *Outros*. A Figura 1 (Gráfico “Motivos para pobreza”) apresenta os dados fornecidos pelos integrantes do Grupo 01 e 02 e nos auxiliam na análise dos elementos das representações apreendidos por meio das evocações livres.

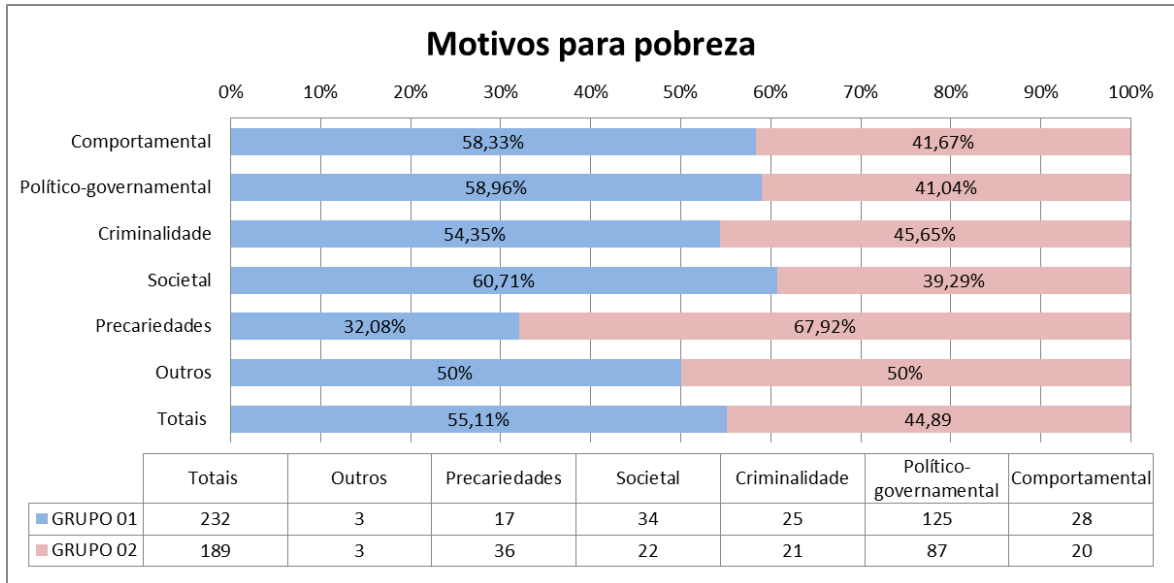


Figura 1 – Gráfico “Motivos para pobreza”.

Aplicando uma análise comparativa entre os grupos, a Figura 1 mostra que os integrantes do Grupo 01 são responsáveis por 58,33% das palavras evocadas, enquanto o Grupo 02 por 41,67% das evocações. Entre os membros do Grupo 01 são comuns termos como acomodação, comodismo, conformismo, pouco comprometimento, falta de disposição para o trabalho e preguiça. Mas estas expressões também surgem entre os participantes do Grupo 02, moradores de bairros periféricos que, em princípio, poderiam manifestar um pensamento contrário ao de acomodação, mas, ao invés disso, o reiteram com expressões como comodismo e falta de responsabilidade.

A comparação entre os grupos indica na categoria Político-governamental uma maior presença dos integrantes do Grupo 01 (58,96%) do que no Grupo 02 (41,04%). As precariedades nas áreas da educação, cultura, segurança e saneamento formam a tônica do conteúdo do Grupo 01; pensamento compartilhado com os sujeitos do Grupo 02. Em ambos os grupos, a educação é

destaque. Também em ambos os grupos, mas principalmente entre os membros do Grupo 01, destaca-se o pensamento de que existe para com determinados segmentos da sociedade um descaso do governo, com ênfase no que diz respeito à promoção de políticas públicas eficientes. Os governos, segundo participantes dos dois grupos, também não são capazes de serem promotores de oportunidades aos indivíduos.

A criminalidade está presente nas indicações da presença do tráfico de drogas, de bandidos, da violência, de agressões e principalmente, da corrupção – Grupo 01 (54,35%) e Grupo 02 (45,65%). É na corrupção que os participantes, em maior incidência, ancoram a criminalidade. Para o Grupo 02, a prostituição também é uma realidade criminosa.

As evocações ligadas a processos sociais foram alocadas na categoria Societal. Os que habitam bairros de classe média e alta (Grupo 01) destacam-se nas evocações desta natureza: 60,71% do Grupo 01 e 39,29% para o Grupo 02. Pertencem a esta categoria evocações como capitalismo, desestrutura familiar e concentração de renda.

Em contrapartida, os participantes de bairros periféricos (Grupo 02) foram mais determinados a atribuir às precariedades dos bairros as motivações para a pobreza, 67,92% contra 32,08% do Grupo 01. Nas evocações categorizadas como Precariedades surgem os termos pobreza, moradores de rua, sujeira, fome, doenças, moradia em barraco e altas taxas de natalidade. Também surgem as precariedades de habitação, financeiras, de higiene, de saúde e familiar.

Esses dados podem também ser processados por meio da razão do número de evocações de cada categoria pelo total de evocações feitas pelo grupo. Verificamos assim o percentual de evocações de cada categoria representa no total de evocações produzidas. Esse procedimento nos possibilita analisar os dados numa perspectiva interna dos grupos.

A Tabela 2 “Motivos para pobreza” indica o destaque que o Grupo 01 dá a categoria Político-governamental com 53,87% das evocações do grupo. Esta mesma categoria também é predominante entre as evocações do Grupo 02 com 46,03% das palavras/expressões citadas. O Grupo 01 segue com a seguinte ordenação valorativa entre as categorias: Societal (14,65%), Comportamental (12,06%), Criminalidade (10,77%), Precariedades (7,32%) e Outros (1,25%). O Grupo 02 tem a ordem que se segue após a categoria Político-governamental: Precariedades (19,04%), Societal (11,64%), Criminalidade (11,11%), Comportamental (10,58%) e Outros (1,58%).

Tabela 2 – Tabela “Motivos para pobreza”.

CATEGORIA	GRUPO 01 (%)	GRUPO 02 (%)
Comportamental	12,06	10,58
Político-governamental	53,87	46,03
Criminalidade	10,77	11,11
Societal	14,65	11,64
Precariedades	7,32	19,04
Outros	1,25	1,58

Observando a distinção entre as ordenações é possível identificarmos a importância dada a cada categoria pelos dois grupos da pesquisa. Destaque para a relevância das precariedades das localidades entre os indivíduos do Grupo 02.

Para ressaltar um contexto mais específico, perguntamos os motivos para a pobreza no bairro em que os participantes moravam. Trabalhamos com as mesmas categorias construídas para o diagnóstico do panorama macrossocial. A Figura 2 (Gráfico “Motivos para pobreza no bairro/comunidade”) apresenta os resultados comparativos entre os grupos.

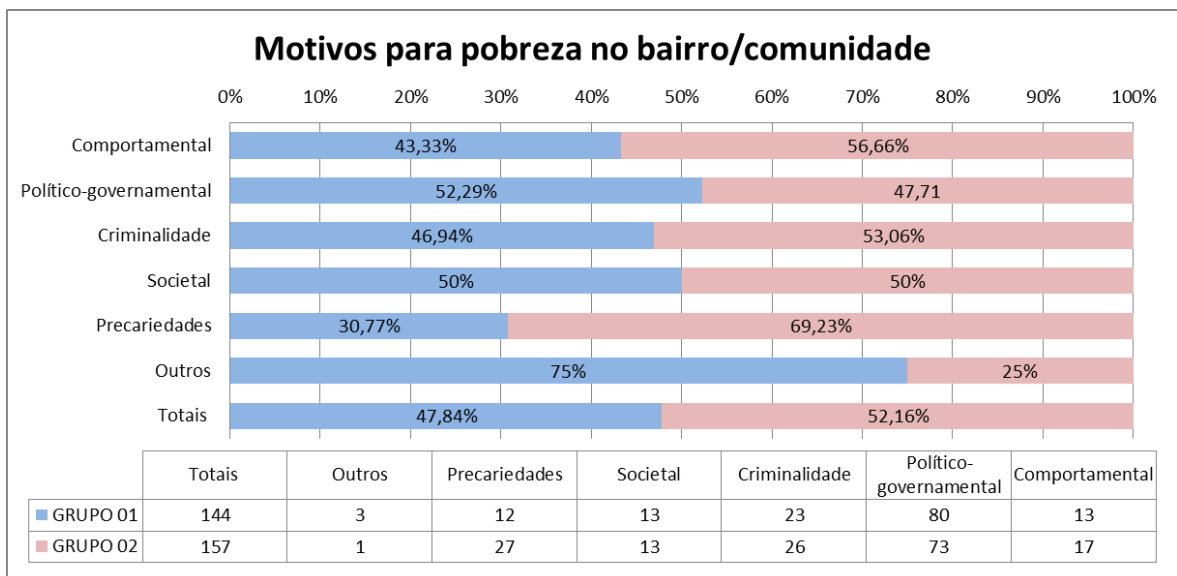


Figura 2 – Gráfico “Motivos para pobreza no bairro/comunidade”.

O primeiro ponto a destacar sobre as motivações de pobreza na localidade de moradia dos sujeitos está na confirmação de uma expectativa: alguns participantes do Grupo 01 não responderiam a esta questão em decorrência de não representarem seus bairros como pobres. Foram 15 os participantes que assim procederam, sem apresentar uma evocação sequer, e muitos outros foram

minimalistas em suas respostas. Porém, não reconhecer seu lugar de moradia como um bairro pobre não implica a ausência de pobreza. Em diferentes formas ela pode se apresentar, a exemplo dos meninos nos sinais que pedem esmolas ou vendem produtos, ou dos homens e mulheres que dormem sob as marquises enquanto o comércio não abre suas portas. São cenas de pobreza que estão no cotidiano de bairros de classe média e alta, mas que são negligenciadas por um número significativo de pessoas. O Grupo 02 também conta com participantes que, ao pensarem seus bairros como não-pobres, não enxergam neles razões para a pobreza. Também à semelhança do Grupo 01, no Grupo 02 muitos são os participantes que evocam poucas significações para a pobreza local.

Neste e noutros casos, podemos ver em funcionamento o conceito de Abric (2005) de zona muda das representações, compreendida como a face não verbalizada da representação. Manifesta-se quando o indivíduo ou o grupo não quer expressar publicamente ou explicitamente a representação; a zona muda é determinada pela situação social na qual a representação é produzida. Abric (ibidem) citando Guimelli e Dechamps nos indica que as zonas mudas formam um subconjunto de cognições que, mesmo disponíveis, não são expressas pelos sujeitos em condições normais de produção, e que, se fossem expressas, poderiam questionar os valores morais ou as normas valorizadas pelo grupo. Evidencia-se tal condição no fato de os indivíduos não manifestarem abertamente um contingente de motivações para a pobreza em um bairro que o grupo não representa como pobre. Fazê-lo, implicaria romper com a imagem positiva que o grupo constrói e necessita preservar para estabelecer processos de interação e de comunicação social.

Não formular respostas ou ocultar elementos nas repostas oferecidas pode indicar um posicionamento velado do sujeito em relação ao objeto representado. Índícios de pobreza, mesmo em lugares de alta renda são visíveis nas calçadas dos grandes centros urbanos, não expressá-los também implica uma posição frente aos fatos.

Mas, mesmo com frequência menos significativa que no âmbito macrossocial, o Grupo 01 assinala condicionantes de pobreza em seus bairros. A acomodação surge novamente como a característica mais expressiva nas evocações, e a criminalidade associada ao tráfico de drogas também merece destaque. Porém, é na categoria precariedades que as esmolas, os mendigos e os vendedores de rua são relacionados à pobreza do lugar. É pobreza que pertence ao outro, que está presente por força das circunstâncias, mas que deveria ser expurgada para que se mantivesse a ordem normativa.

A grande responsabilidade do processo está na falha do governo em ser promotor de condições de vida satisfatórias. Na precariedade da educação, nas infraestruturas deficientes dos bairros, na falta de cultura e no descaso caracterizado pela ineficácia das políticas públicas é que paira a culpabilização por uma pobreza que não pertence ao grupo.

Na Tabela 3 “Motivos para a pobreza no bairro/comunidade”, Grupo 01 e Grupo 02 novamente veem nas relações Político-governamentais a maior porcentagem da responsabilidade sobre a pobreza nos locais onde vivem – Grupo 01 com 55,55% e Grupo 02 com 46,49% das evocações em relação aos totais de palavras/expressões lembradas.

O Grupo 02, nesta questão, ainda destaca as motivações provenientes das Precariedades estruturais e da Criminalidade com bastante intensidade. A fome, os barracos, os muitos filhos, os animais nas ruas e a pobreza em si, são os motivos evocados para explicar das fragilidades de seu lugar de moradia. O Grupo 01 manifesta destacável preocupação com a Criminalidade (15,97%).

Tabela 3 – Tabela “Motivos para pobreza no bairro/comunidade”.

CATEGORIA	GRUPO 01 (%)	GRUPO 02 (%)
Comportamental	9,02	10,82
Político-governamental	55,55	46,49
Criminalidade	15,97	16,56
Societal	9,02	8,28
Precariedades	8,33	17,19
Outros	2,08	0,63

5.4.2 ELEMENTOS PERIFÉRICOS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE “LUGAR POBRE”.

Além dos elementos constituintes do núcleo central da representação de lugar pobre, delimitamos os elementos periféricos da representação, aqueles mais susceptíveis às adaptações ao contexto social, os aspectos móveis da representação.

Na composição das periferias das representações é que podemos identificar com maior clareza a variabilidade e diferenciação das representações construídas por participantes dos grupos em estudo.

Tendo em vista que os núcleos centrais dos grupos muito se assemelham, é no arranjo das periferias próxima e distante que identificamos a mobilidade das representações. A primeira diferenciação entre as periferias das representações construídas nos grupos reside na ausência de elementos na periferia próxima – quadrante superior direito da Tabela 1 – para o Grupo 01 e a presença do termo infraestrutura-deficiente neste quadrante para o Grupo 02.

O quadrante inferior esquerdo, denominado zona de contraste, ainda caracterizado por apresentar palavras/expressões menos frequentes, porém, com importância na ordenação das evocações, exhibe *drogas* e *tráfico-drogas-armas* como aspectos comuns. Categorizamos o tráfico de drogas e de armas em um elemento apenas como forma de simplificar o entendimento e por seu entrelaçamento nas práticas criminosas. Não os agrupamos com o elemento *drogas*, pois o consumo e o tráfico de entorpecentes ilícitos envolvem implicações sociais e legais díspares em nossa sociedade. Zaluar (1996) promove uma visão conjugada dos fenômenos, pois identifica que o tráfico localizado nos bairros mais pobres das cidades também demoniza o usuário. Apesar de não criminalizá-lo legalmente, o criminaliza socialmente pela repressão e isolamento, que dificultam as chances de tratamento. O consumo e a comercialização de drogas aumenta a violência, expõe os jovens a uma perspectiva de morte precoce, forma uma polícia mais repressiva e que se projeta autoritária para alguns segmentos da

população, além de possibilitar o desenvolvimento de uma indústria da corrupção para assegurar os lucros da atividade.

As drogas, juntamente com o tráfico de drogas e armas, expõem os elementos de representação que associam a criminalidade aos bairros pobres. Mas as precariedades, tão presentes na formulação do núcleo central, estendem-se à periferia da representação e, na zona de contraste do Grupo 01 se materializam na presença dos elementos *favela* e *pobreza*.

Muito embora a favela seja característica da cidade do Rio de Janeiro, se expande e passa a ser termo empregado noutras cidades do país como sinonímia de bairro com precária qualidade estrutural, baixa renda dos moradores e altos índices de criminalidade. Os *barracos* são as formas de moradia mais emblemáticas na iconografia das favelas e estão presentes em elementos da periferia das representações de lugar pobre para os moradores do Grupo 02. Ao elemento *barracos* estão relacionadas expressões como *casas de tábuas* e *casas de madeira* – moradias frágeis e de durabilidade breve, mas que se pretende duradoura por força das circunstâncias. Este elemento expressa o aspecto da representação pautado na materialidade objetiva da vida em bairros carentes.

O Grupo 02 não dispõe na zona de contraste de elementos característicos de processos macroeconômicos que justifiquem a pobreza, mas o Grupo 01 apresenta as palavras/expressões *descaso-governo* e *desigualdade* com esta cunhagem.

O Grupo 01 apresenta uma representação pautada em aspectos sociais de mais amplo espectro, possivelmente em decorrência de uma maior inserção nos espaços acadêmicos e culturais e no processo facilitado de acesso à informação.

O descaso dos governos – não importando se municipais, estaduais ou federal – gera desemprego, corrupção, mortes, revoltas e desigualdades. Mesmo considerando o desencadear de um processo de alteração da pirâmide social brasileira – num alargar de seu cume e estreitar de sua base – a desigualdade de oportunidades de trabalho, de renda e de aceitação social, ainda é significativa no Brasil.

Este elemento *desigualdade*, para o Grupo 02, está relacionado apenas no quarto e último quadrante da Tabela 1, correspondente à periferia mais distante da representação. Esta palavra e as que se encontram neste quadrante, foram evocadas com menor frequência e em últimas posições. A periferia distante configura-se como a parte mais frágil às mudanças da sociedade em uma representação. Propicia adaptações ao contexto social e a mobilidade necessária à evolução da representação, preservando seu núcleo. O Grupo 02, diferentemente do Grupo 01, aloca a *desigualdade* na periferia mais distante.

Os dois grupos evocam a figura do morador de rua (“*Moradores-rua*”) para suas representações de lugar pobre. Estes moradores de rua, em sua maioria, são mendigos que se dedicam a pedir esmolas, e que por vezes, retratam o déficit econômico que resulta na falta de moradia para grande número de brasileiros, fazendo destes sujeitos, que não têm onde dormir, ocupantes de calçadas, traços de feiura aos bairros e insegurança às classes médias. São os “sem-teto” das

metrópoles. Também são objetivados nos meninos que na rua se criam. Crianças que foram “largadas” pelos pais, pelos parentes, pelo Estado. Perambulam pelas avenidas e ruas, pedem esmolas, fazem pequenos “bicos” para sobreviver, vendem produtos nos semáforos de trânsito, cometem delitos, usam drogas, pouco brincam e nunca estudam.

A palavra *barracos* que o Grupo 02 elegia figuração no terceiro quadrante, está para o Grupo 01 no quarto quadrante, e indica o pensamento social do grupo sobre a forma de moradia equivalente àqueles que habitam os bairros pobres das cidades.

Também há no Grupo 01 a visão das *doenças* como marca de um lugar pobre. Possível resultado da associação de elementos como: esgotos a céu aberto, limpeza urbana deficitária, lixo acumulado nas ruas e moradores que não são adeptos das práticas de higiene.

Novamente, elementos de ordem societal figuram entre os elementos da representação dos participantes do Grupo 01. O desemprego é um deles. Incapacitados de participarem dos mercados produtivos, os moradores de bairros pobres retroalimentam a cadeia de miséria. São inválidos economicamente e precisam tentar alternativas para a sobrevivência. Em alguns casos, projetam-se nos trabalhos informais, das pequenas vendas de produtos ou da prestação de serviços pouco especializados. Em outros, deixam-se seduzir pelos atrativos do tráfico de drogas e da criminalidade que pode gerar tanto altos rendimentos quanto altos riscos de vida. O desemprego é consequência da falta de oportunidade (“*Falta-oportunidade*”) de trabalho pelos empregadores privados

que, muitas vezes, preconceituosamente não ofertam vagas em suas empresas aos moradores de bairros pobres por desconfiança e medo. A falta de oportunidade também advém da ineficácia governamental em gerar renda, condições de trabalho e educação de qualidade.

A educação precária (*“Educação-precária”*) constitui outro elemento das representações de lugar pobre para os dois grupos do estudo. A precariedade está nas estruturas físicas das escolas, abandonadas, depredadas, mal equipadas, sucateadas; está na baixa qualidade do ensino oferecido, principalmente nas escolas públicas, que se faz defasado, atrasado, incapaz de atender às necessidades das comunidades.

As crianças estão fora das escolas, tornando-se pessoas ignorantes, sem educação (tanto no sentido escolar quanto no sentido das condutas morais). Crescem cidadãos de baixa escolaridade ou até mesmo analfabetos, impossibilitados de concorrer igualmente às vagas de trabalho no mercado produtivo.

Por fim, o Grupo 01 apresenta elementos que não pertencem às representações apreendidas junto ao Grupo 02: a *tristeza* e o *sofrimento* de viver num bairro pobre. Não somente os indivíduos questionados não produziram elementos positivos para lugar pobre, como no Grupo 01 alguns participantes evocaram esses sentimentos negativos. Lugar pobre é lugar de sofrimento. As festas, as confraternizações e as partilhas não são percebidas.

As representações sociais de *lugar pobre* entre moradores de bairros de classe média e alta (Grupo 01) e entre moradores de classe média baixa e baixa (Grupo 02) apresentam mais elementos semelhantes do que elementos de diferenciação. Compõem-se como representações diferentes por força dos elementos diferentes em suas presenças ou ordenações, assim como podemos confirmar com base na proposta de Abric (1998, p.31) que indica que “duas representações definidas por um mesmo conteúdo podem ser radicalmente diferentes, caso a organização destes elementos, portanto sua centralidade seja diferente”. Sutilmente diferente neste caso, mas diferente. E pela sutileza desta diferença nos parece mais interessante pensar nas igualdades, nas proximidades, nas semelhanças.

Os dois grupos sociais representam o objeto *lugar pobre* de forma muito similar e conduzem seus discursos e práticas por caminhos muito próximos. Uma primeira hipótese para esta condição está na mediação das representações pelos meios de comunicação de massa que alcançam, de forma abrangente e padronizada, extratos diferentes da população.

Moscovici (2003) explica que o “homem da rua”, de convívio público, fora substituído pela figura do “homem diante da televisão” e, por nossa vez, cremos ser conveniente pensar, na atualidade, no “homem diante do monitor”. As mediações da informação pelos veículos de notícias, pelos programas de entretenimento ou redes sociais na internet, exploram temáticas que rompem as barreiras da não-familiaridade e fazem emergir objetos concretos antes tidos como abstratos.

5.5 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE “LUGAR VIOLENTO”.

5.5.1 NÚCLEO CENTRAL DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE “LUGAR VIOLENTO”.

Tabela 4 – Evocações para o termo indutor “lugar violento”.

GRUPO 01					
f \geq 15 e OME $<$ 2,8			f \geq 15 e OME \geq 2,8		
Atributos	f	OME	Atributos	f	OME
Armas	15	2,733	Medo	15	2,867
Drogas	18	2,500			
Tráfico-drogas-armas	24	2,167			
Violência	25	2,440			
F $<$ 15 e OME $<$ 2,8			F $<$ 15 e OME \geq 2,8		
Atributos	f	OME	Atributos	f	OME
Favela	06	2,500	Infraestrutura-deficiente	06	3,167
Mortes	12	2,500	Bandidos	12	2,917
Pobreza	14	2,786	Descaso-governo	05	3,000
			Educação-precária	07	3,571
			Falta-segurança	11	3,455
			Polícia	08	3,750
GRUPO 02					
f \geq 12 e OME $<$ 2,7			f \geq 12 e OME \geq 2,7		
Atributos	f	OME	Atributos	f	OME
Drogas	27	2,111	Armas	12	3,000
Mortes	25	2,360			
Tráfico-drogas-armas	18	1,889			
Violência	27	2,630			
F $<$ 12 e OME $<$ 2,7			F $<$ 12 e OME \geq 2,7		
Atributos	f	OME	Atributos	f	OME
Bandidos	11	2,636	Educação-precária	06	3,000
Medo	06	1,833	Falta-segurança	08	3,750
			Pobreza	05	3,200
			Polícia	06	3,167
			Prostituição	10	2,900

Assim como processadas para o termo indutor *lugar pobre*, verificamos as representações sociais de 'lugar violento' entre os grupos estudados, comparando seus pontos comuns, estabelecendo suas diferenças e discutindo os resultados a partir da Teoria do Núcleo Central.

De forma análoga à Tabela 1 (ver p.75), elaborada para as representações sociais de lugar pobre, as representações de *lugar violento* apresentam um número expressivo de elementos semelhantes nas representações apreendidas junto aos moradores de mais alta renda (Grupo 01) e aos moradores de baixa renda (Grupo 02).

Para as representações de lugar violento, a Tabela 4 evidencia, no quadrante destinado às palavras/expressões pertencentes ao núcleo central, as seguintes indicações para o Grupo 01: ***Armas, Drogas, Tráfico-drogas-armas e Violência***. Para o Grupo 02 as palavras/expressões foram: ***Drogas, Mortes, Tráfico-drogas-armas e Violência***.

Os núcleos centrais dos grupos têm nos elementos *drogas, tráfico-drogas-armas* e *violência* seus pontos comuns. São discordantes apenas na presença do elemento *armas* no núcleo do Grupo 01, sendo *armas* elemento que no Grupo 02 se aloja na periferia mais próxima; também o elemento *mortes* os diferencia, pois, se no Grupo 02 as mortes pertencem ao núcleo, no Grupo 01 o elemento encontra-se no quadrante equivalente à zona de contraste.

Apesar de serem empregadas em contextos completamente diferentes, é na associação com o tráfico de drogas e com o contrabando, que o elemento *armas*

é mais evocado. As armas estão no centro dos confrontos entre bandidos, e nos confrontos destes com a polícia. Tiroteios são evocações comuns entre os participantes dos dois grupos, com relatos de certa constância de ocorrência nos bairros de moradia por alguns integrantes do Grupo 02.

As armas são imprescindíveis ao processo de territorialização das cidades pelo tráfico de drogas. As bocas de fumo são defendidas pelos “soldados” do tráfico, fortemente armados com fuzis, metralhadoras e granadas. Muitos destes artefatos são restritos às forças armadas e, todos, apresentam poder bélico incompatível com o ambiente urbano em que estão inseridas. O tráfico responde, nas últimas décadas, por uma concentração de armamentos de guerra nos morros e favelas, destinada ao confronto com a polícia e as forças armadas e à conquista de novos territórios do tráfico. “Mas não há qualquer objetivo político ou coletivo em defender esses ‘territórios’, o interesse é apenas econômico e militar” (MISSE, 2008, p.383).

Fora do contexto do tráfico, as armas têm serventia a outros tipos de condutas criminosas como os assaltos, furtos e assassinatos, pois, para os participantes, as armas estão nas mãos dos criminosos, dos bandidos. A polícia é representada, mas não pelo uso das armas, e sim pela sua presença nas comunidades, de maneira indiferente em muitas ocasiões, em outras, como aliada dos bandidos.

As armas são representadas apenas pelas armas de fogo, outros tipos de armamentos não participam das evocações.

Por efeito do emprego das armas de fogo, as *mortes* colaboram para uma naturalização da violência. As mortes do lugar violento não se dão por ação do envelhecimento, são homicídios e assassinados que culminam no constante encontro de cadáveres nas ruas e locais de “desova”.

Misse (2008) indica que às drogas é atribuída a principal responsabilidade pelo aumento da violência, seja pelo efeito que causam nos consumidores, seja pelos crimes que são cometidos na busca por capital para a compra do produto, ou pelos conflitos internos que este mercado provoca. Acrescentamos a este quadro as constantes incursões policiais às comunidades carentes que resultam em confrontos armados e nas vitimizações de civis por “balas perdidas”. As *drogas* têm grande relevância nas representações de lugar violento entre os participantes, constatável nas altas frequências de evocações dentro dos grupos, principalmente do Grupo 02 e na ordenação de evocação baixa.

Os participantes do Grupo 01 apresentam as drogas como elemento isolado ou em associação com o tráfico. No Grupo 02 o tráfico de drogas e armas é prontamente evocado, porém, com menor frequência que o elemento *drogas*. Integrantes do Grupo 02 associam as drogas ao consumo de usuários e destacam que os lugares violentos são cenários de pessoas drogadas que circulam por “todos os lados”. Neste grupo, há espaço inclusive para a menção a determinado tipo de droga, o crack. Mas o lugar violento também pode ser aquele que recebe a droga vinda de outros bairros vizinhos a ele, assim como foi possível identificar na conversa informal com alguns participantes: “a parte do morro que eu moro não tem muita droga não, tem mais na parte de trás do

morro”. Da mesma forma que o ocorrido no estudo de Guareschi et al (2003), tal discurso pode ser adotado numa tentativa de preservação da imagem do lugar onde vive o indivíduo.

Mas os atributos negativos acomodados nas representações de lugar violento não colaboram com a preservação de imagens positivas. E a violência é um destes atributos. Novamente expressamos certa redundância ao permitirmos a inserção do elemento *violência* para a verificação das representações sociais de lugar violento, porém, este é elemento destacado pelos sujeitos. Grupo 01 e Grupo 02 ampliam as possibilidades de violências para evocações muito semelhantes. As brigas, que para alguns são constantes e a qualquer instante, fazem parte do cotidiano do lugar violento; nelas as ameaças estão presentes, porém, resultam na maioria dos casos em agressões físicas.

A violência contra o patrimônio está presente entre os dados obtidos nos dois grupos. Os assaltos são processos violentos inerentes às representações do Grupo 01 e do Grupo 02. O vandalismo é evocado no Grupo 02.

Mesmo com a incidência da violência patrimonial, a violência contra o outro é muito mais proeminente. Seguem-se os estupros e os sequestros, além de algumas citações da palavra *guerra* como forma de ancoragem ao processo social de extrema violência.

A necessidade da existência do outro como componente do sistema de ocorrência da violência, nos possibilita pensá-la como processo identitário. Misse (1999,

p.41) enfatiza em sua tese sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro que

Violento é o outro, criminoso é o outro, corrupto é o outro, ainda que esse outro possa ser uma parte de mim mesmo e que a auto-acusação, a culpa ou sua neutralização façam de mim, ao mesmo tempo, acusador e acusado, criminoso e vítima.

Souza (2008, p.174) nos diz que “Na perspectiva psicossocial [...] só construímos o NÓS em contraste ou oposição a um ELES que é diferente”. Para Souza (2008, p.174) “a constituição da identidade social só é possível através do processo de comparação e categorização social, que exigem a diferenciação nas relações de alteridade”. Apesar de destacar que a dialética identidade/alteridade nos possibilita essencialmente encontros intersubjetivos que resultam na solidariedade e no reconhecimento do outro em sua diferença, explica que há também possibilidades do surgimento de identidades fundamentalistas que separam e segregam. E esta segregação oriunda da negação da alteridade aos diferentes grupos sociais implica estigmas negativos aos grupos e, por vezes, fazem justificar violências contra eles.

Objetivamos com o instrumento de coleta de dados, verificar as motivações para a violência em âmbito geral na concepção dos participantes dos dois grupos estudados. Empregamos semelhante estrutura categorial desenvolvida para a análise do fenômeno da pobreza, consistente nos itens *Comportamental, Político-governamental, Criminalidade, Societal, Outros*. A diferenciação, ocorrida em função do objeto em pauta, está na presença da categoria *Pobreza* em lugar de *Precariedades*. A Figura 3 (Gráfico “Motivos para a violência”) apresenta

resultados comparativos entre os grupos que nos servem de apoio para a análise das evocações sobre lugar violento.

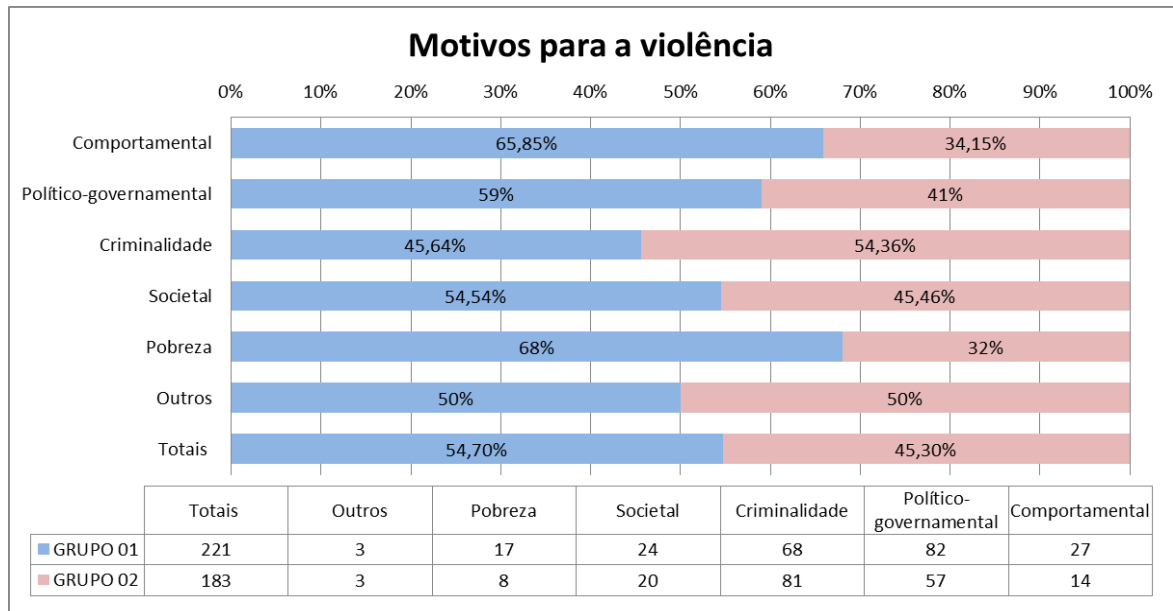


Figura 3 – Gráfico “Motivos para a violência”.

Com vistas aos aspectos associados à categoria Comportamental, o Grupo 01 apresenta um número amplo de motivações para a violência se comparado ao Grupo 02. Nesta categoria 65,85% das evocações foram feitas pelos moradores de bairros de classe média e alta (Grupo 01) e 34,15% pelos moradores de bairros de classe média baixa e baixa (Grupo 02). Os integrantes do Grupo 01 indicaram atributos como preconceito, ganância, falta de caráter, crueldade, alcoolismo e falta de valores sociais como possíveis características geradoras de violência.

Para os respondentes do Grupo 02 esta categoria abarca preconceito, impaciência, revolta, rebeldia, falta de amor, ostentação e covardia.

Assim como ocorreu para o objeto lugar pobre, a categoria Político-governamental foi a mais expressiva em termos de evocações de palavras/expressões. O Grupo 01 foi responsável pelo maior número de evocações para esta categoria de motivações. Ao Grupo 01 associam-se 59% das palavras na contrapartida de 41% do Grupo 02. A Tabela 5 (abaixo) mostra que a questão Político-governamental é, internamente, a maior motivação para a violência: 37,1% das evocações.

A criminalidade é também a categoria que merece mais destaque entre as evocações do Grupo 01 representando 30,77% do total de suas evocações. Mas é para o Grupo 02 que a categoria tem mais significativa relevância; 44,26% das evocações acerca dos motivos da violência entre os participantes do Grupo 02 estão associados à Criminalidade. Para o Grupo 02 a criminalidade causadora da violência se evidencia no tráfico de drogas e armas, o consumo das drogas, as agressões físicas, a corrupção, a prostituição e a polícia. O Grupo 01 também atribui ao tráfico de drogas e armas, aos bandidos, às armas, à corrupção e às milícias responsabilidade pela produção de atos violentos.

Precariedades nas prestações de serviços públicos também estão presentes no pensamento dos sujeitos dos dois grupos, destacando um processo de falência educacional como motivo para o desenvolvimento de uma cultura da violência. Seguem-se a má qualidade na educação, a falta de políticas públicas, a baixa infraestrutura nos bairros, a falta de oportunidades no mercado de trabalho; o desemprego e o descaso do governo.

A concentração de renda e o sistema capitalista, também são evocações relevantes. Os dois grupos ainda salientam a *desestruturação familiar* como

motivo para a violência. No Grupo 01 a mídia surge como motivação; no Grupo 02 a ausência ou inversão de valores sociais também são causadores de violência. A pobreza é também responsável para os grupos, mas em menor escala.

Tabela 5 – Tabela “Motivos para a violência”.

CATEGORIA	GRUPO 01 (%)	GRUPO 02 (%)
Comportamental	12,21	7,65
Político-governamental	37,1	31,14
Criminalidade	30,77	44,26
Societal	10,86	10,92
Pobreza	7,69	4,37
Outros	1,35	1,64
Totais de evocações	221	183

Aos participantes também foi solicitado que indicassem motivos para a violência em seus bairros/comunidades. Os resultados comparativos entre os grupos estão indicados na Figura 4 (Gráfico “Motivos para violência no bairro/comunidade”).

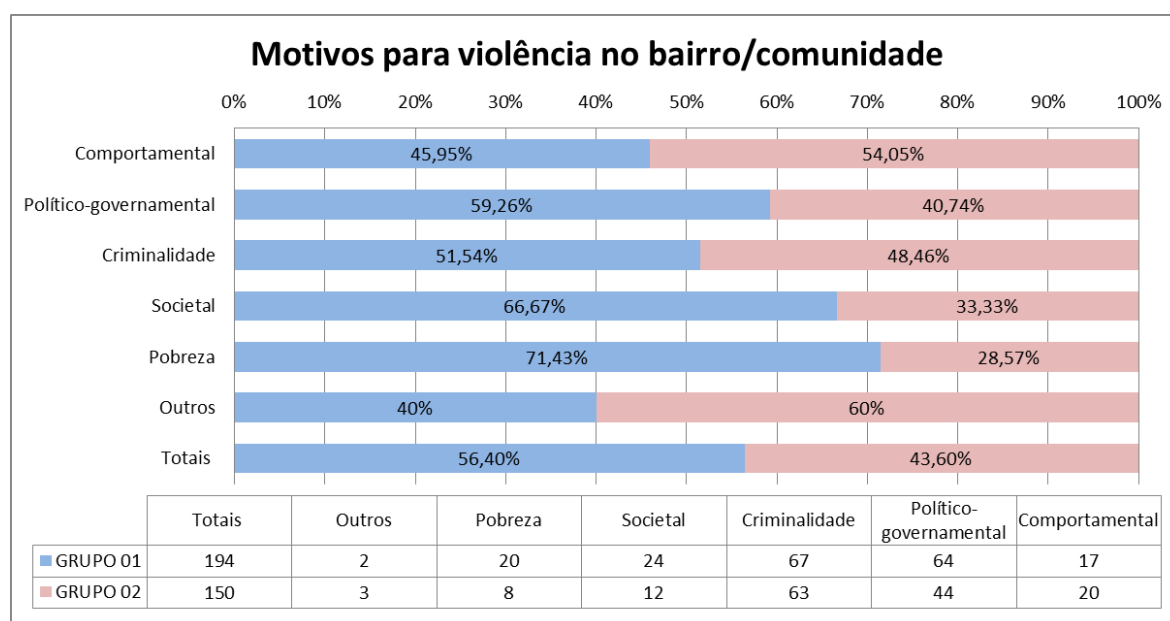


Figura 4 – Gráfico “Motivos para violência no bairro/comunidade”.

O Grupo 02 (54,05%) é ligeiramente mais propenso a dispensar qualificações individuais como motivos para violência em seus bairros. Nas comunidades periféricas as ações individuais são: preconceito, revolta, estupidez, farra, alcoolismo, ostentação, traição, ciúmes, impaciência, desrespeito, acomodação e desinformação.

As ações dos sujeitos que podem ser consideradas motivos para a violência nos bairros de classe média alta (45,95%) são, segundo os participantes, o alcoolismo, a covardia, a crueldade, a ganância, a falta de amor, o preconceito e a desinformação.

Novamente os participantes do Grupo 01 demandam mais evocações Politico-governamentais para análise que o Grupo 02: 59,26% e 40,74% respectivamente.

Entre os elementos que compõem esta categoria, a educação precária da população é atribuída como a maior responsável pela violência local. As ausências de infraestrutura, cultura e segurança, aliadas ao desemprego, à falta de oportunidades e ao descaso do governo são os outros fatores motivadores da violência nos bairros/comunidades de acordo com os participantes.

Em nível local, a criminalidade é a categoria que mais se destaca entre as motivações para a violência. E o papel do tráfico de drogas e armas é o mais significativo na produção de eventos violentos. As drogas, as agressões, a corrupção e a prostituição recebem atenção dos dois grupos. O Grupo 02 em especial evoca a figura da polícia como promotora de violência em comunidades carentes. Há certo equilíbrio entre os grupos quando a questão é designar à

criminalidade papel de promotora de violência, 51,54% para o Grupo 01 e 48,46% para o Grupo 02.

A análise interna das evocações dos grupos, possibilitada a partir da Tabela 6 (abaixo) indica que a Criminalidade constitui os maiores percentuais em ambos os grupos, superando inclusive a categoria Político-governamental. No Grupo 01 corresponde a 34,53% das evocações do total do grupo; no Grupo 02 corresponde a 42% das lembranças do grupo.

Quando retornamos a comparação entre os grupos, identificamos que a pobreza destaca-se nas evocações muito mais para o Grupo 01 do que para o Grupo 02. Mais que o dobro de participantes do Grupo 01 em relação ao Grupo 02 entende que a pobreza é um fator motivador de violência em seus bairros. Os participantes de classes de maior poder aquisitivo destinam à pobreza o papel de promotora de violência e veem na fome, nos meninos de rua, nas favelas/morros e na alta taxa de natalidade elementos perigosos.

Na categoria Societal, o Grupo 01 apresenta 66,67% das evocações, destacando a concentração de renda como principal motivador de violências. Em seguida destacam o capitalismo e a desestrutura das famílias. Com metade das evocações do Grupo 01, o Grupo 02 destaca a desestrutura familiar, a concentração de renda e o capitalismo como motivos. Internamente esta categoria também é mais significativa para o Grupo 01 (12,37%) do que para o Grupo 02 (8%).

Tabela 6 – Tabela “Motivos para violência no bairro/comunidade”.

CATEGORIA	GRUPO 01 (%)	GRUPO 02 (%)
Comportamental	8,76	13,33
Político-governamental	32,99	29,33
Criminalidade	34,53	42
Societal	12,37	8
Pobreza	10,31	5,33
Outros	1,03	2
Totais de evocações	194	150

5.5.2 ELEMENTOS PERIFÉRICOS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE “LUGAR VIOLENTO”.

Tanto o Grupo 01 quanto o Grupo 02 apresentam apenas um elemento na composição da periferia mais próxima – segundo quadrante da Tabela 2. No Grupo 01 figura o elemento *medo* enquanto no Grupo 02 apreendemos o elemento *armas*.

As armas do tráfico, dos bandidos, do crime organizado são enfatizadas pelos participantes do Grupo 02. Estão nas mãos daquele que comete delitos, quase nunca nas mãos reguladoras do Estado. Quando as armas estão relacionadas à polícia, sugere-se a corrupção na instituição, circunstância que aproxima policiais de criminosos.

O medo, por seu turno, é muito mais expressivo entre os participantes de classe média e alta. O lugar violento promove 2,5 vezes mais medo entre os integrantes do Grupo 01 do que entre os integrantes do Grupo 02.

Segundo Roazzi, Federicci e Carvalho (2002, p.180) o medo altera-se “com a idade, gênero, classe socioeconômica, nível de desenvolvimento cognitivo e outras variáveis de natureza individual ou social”.

O componente socioeconômico parece ser o determinante deste medo aumentado. Os moradores de bairros nobres não vivem as realidades das periferias, recebem informações pela imprensa, por relatos de conhecidos, por conversas informais. A não-familiaridade provoca o medo por envolver o desconhecido, por oferecer riscos, possibilitar conflitos.

Roazzi, Federicci e Carvalho (2002), apresentam definições para o medo, a partir de Ainsworth (1981) ao dizerem ser “a consciência de uma ameaça, que pode assumir inúmeras formas” (p.180); e a partir de Morris e Kratochwell (1983) como “uma reação emocional mais ou menos intensa perante um perigo específico, real ou imaginário” (p.180).

Os bairros violentos são representados como ameaçadores àqueles que lá habitam e mais ainda àqueles que residem em áreas mais favorecidas economicamente, alvos das investidas do crime.

Neste aspecto, seja por intermédio de experiências reais ou imaginárias, o medo constitui-se em um forte sentimento que influencia pensamentos e práticas das

peças. Medo este que, como os outros componentes da representação, é também um elemento negativo, uma emoção negativa acerca do objeto.

Um dos maiores geradores de medo nas favelas é o *bandido*, persona presente nas representações de lugar violento entre os participantes do Grupo 01 e do Grupo 02. Para o Grupo 02, *bandido* integra a zona de contraste, ou seja, ainda pertence à periferia próxima da representação. Mostra-se ligeiramente menos evocado que entre os respondentes do Grupo 01, porém, tem ordem média de evocação menor, ou seja, é elemento representado mais prontamente. No Grupo 01, por critério de ordem de evocação, encontra-se na periferia mais distante.

Os bandidos tornam-se mais significativos ao ideário das cidades por intermédio da exibição midiática da sujeição criminal³ dos infratores nos noticiários policiais e nos produtos televisivos e cinematográficos que, em muitos casos, estão pautados em um discurso da relação criminalidade-pobreza.

Guareschi *et al* (2003) enfatiza que este discurso da criminalidade associada à pobreza se manifesta tão intenso que extrapola a sujeição criminal do infrator.

A mídia e a polícia enunciam discursos que objetivam todos os habitantes da favela como bandidos em potencial, como dito anteriormente; existe uma luta por imposição de outros sentidos que não esse sobre as pessoas da favela. Não obstante, a pobreza é tomada como razão que, muitas vezes, leva as pessoas a roubar, traficar ou mendigar, pois esta é uma forma mais fácil de ganhar dinheiro quando não se tem trabalho. Dessa forma, são interpelados por outros discursos acerca da pobreza aos quais resistem em diversos momentos, tendo como correlato o discurso da bandidagem, ou seja, de que a pobreza enuncia bandidagem (GUARESCHI et al., 2003, p.50).

³ O conceito de *sujeição criminal* relatado por Michel Misse (1999) indica que quando a transgressão, cuja criminalização é socialmente justificável, projeta-se a transgressão para a subjetividade do transgressor e para sua individualidade, reificando socialmente a ação como caráter, enquadrando-o num tipo social negativo.

Nas respostas de nossa pesquisa, os bandidos são objetivados como pessoas de fisionomias agressivas, vagabundos, que envolvem as crianças em ilicitudes. São atribuídas a eles as alcunhas de marginal, criminoso e assassino. A bandidagem anda sempre armada, em grupos frequentemente numerosos; formam gangues, organizam-se em quadrilhas, participam de “bondes”; impõem toque de recolher nos bairros e enfrentam constantemente seus rivais. São quase sempre jovens, prioritariamente do sexo masculino, que por diversos motivos adentram a marginalidade e fadam-se a terem vidas curtas.

Por não verem formas alternativas de sustento, acrescidas das promessas de ganhos financeiros altos, muitos jovens buscam no tráfico, nos assaltos e na violência, formas de suplantar as carências e privações do cotidiano nas comunidades pobres.

Estas carências, já discutidas quando da análise das representações sociais de lugar pobre, também figuram entre os elementos periféricos das representações sociais de lugar violento. No Grupo 01, a *infraestrutura-ineficiente* figura entre as palavras/expressões situadas no quadrante inferior direito da Tabela 2 – determinante da periferia mais distante da representação – e novamente apresenta referências às ruas esburacadas feitas de terra, que à noite ficam escuras em decorrência da iluminação precária.

Educação precária (*educação-precária*) e falta de segurança (*falta-segurança*) são elementos da periferia distante dos dois grupos e com ordem de evocação e frequência muito similares. A educação varia entre a deficiência e a completa ausência, de mecanismos e acesso. Ineficiente, forma pessoas ignorantes, sem

educação básica ou analfabetas. Não somente em relação à educação, mas em diversos outros campos, o descaso do governo (*descaso-governo*) é elemento da representação de lugares violentos. Outro campo de ação governamental em que os participantes salientam o descaso dos governos é o da segurança. O que se revela na pesquisa é o sentimento de insegurança, expresso principalmente na ausência de policiamento nos bairros. Os governantes não são vistos como atuantes na resolução deste problema por não promoverem políticas públicas adequadas e efetivas.

A *polícia*, assim como a falta dela, também faz parte das representações de lugar pobre para os dois grupos. Em nenhum momento a polícia acompanha predicado positivo. Faz parte apenas do processo de combate à violência em suas rondas; revela-se em sua ausência permissiva com a criminalidade; ou acompanha qualificativos negativos, como ser “amiga” do tráfico ou “sem moral” para atuar.

Em contexto de fragilidade do Estado e de suas políticas públicas de segurança, de ineficiência ou ausência da polícia, a prostituição surge incorporada à realidade das cidades, mas, nesta pesquisa, apenas entre os moradores de bairros periféricos que formam o Grupo 02. Grupo este que, mesmo de forma reduzida, associou em sua representação a pobreza aos lugares violentos.

A associação entre pobreza e violência tem sido constante nos filmes brasileiros contemporâneos. Por este motivo, objetivamos nesta pesquisa apreender as representações sociais do filme *Cidade de Deus* e verificar se os elementos que compõem esta representação são semelhantes ou diferentes dos verificados para lugar pobre e lugar violento.

5.6 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO FILME “CIDADE DE DEUS”.

Cidade de Deus é a síntese do cinema contemporâneo brasileiro, em uma fase de produção e consumo bastante aquecidos, mas, principalmente, de uma produção com significativa qualidade técnica e profissional. De acordo com Nóvoa e Barros:

Filmes como Cidade de Deus (2002) do cineasta brasileiro Fernando Meireles [...] ou títulos como *Lamarca* (Sérgio Rezende, 1994), *O Que É Isso Companheiro* (Bruno Barreto, 1997), *O Quatrilho* (Fábio Barreto, 1995), *A Guerra dos Canudos* (Sérgio Rezende, 1997), *Carandiru* (Hector Babenco, 2003), [...] são exemplos de películas de um elevado senso profissional e, sobretudo, de utilização dos mais avançados dispositivos tecnológicos existentes para a produção fílmica (NÓVOA; BARROS, 2008, p. 162).

Tendo as mazelas do povo brasileiro como *leit motiv*, trata a favela, o tráfico e a violência de forma contundente, por isso surge como espaço para discussão e objeto de representação de lugar pobre e lugar violento.

5.6.1 NÚCLEO CENTRAL DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE “CIDADE DE DEUS”.

A Tabela 7 nos possibilita visualizar para o Grupo 01 os seguintes elementos no núcleo central: **Pobreza**, **Tráfico-drogas-armas** e **Violência**. Para o Grupo 02, as mesmas palavras/expressões foram encontradas: **Pobreza**, **Tráfico-drogas-armas** e **Violência**.

Tabela 7 – Evocações para o termo indutor “filme Cidade de Deus”.

GRUPO 01					
f _{>=09} e OME<2,9			f _{>=09} e OME _{>=2,9}		
Atributos	f	OME	Atributos	f	OME
Pobreza	20	2,650	Armas	10	3,200
Tráfico-drogas-armas	15	2,600	Bandidos	11	3,091
Violência	39	1,949	Drogas	19	3,105
			Favela	12	3,000
F<09 e OME<2,9			F<09 e OME _{>=2,9}		
Atributos	f	OME	Atributos	f	OME
Personagens	08	1,375	Desigualdade	06	3,667
Tristeza-sofrimento	06	1,500	Falta-oportunidade	05	4,400
			Mortes	07	3,571
GRUPO 02					
f _{>=07} e OME<2,7			f _{>=07} e OME _{>=2,7}		
Atributos	f	OME	Atributos	f	OME
Pobreza	22	2,091	Armas	08	3,125
Tráfico-drogas-armas	20	2,500	Bandidos	07	2,714
Violência	35	2,143	Drogas	21	3,333
			Mortes	15	2,800
F<07 e OME<2,7			F<07 e OME _{>=2,7}		
Atributos	f	OME	Atributos	f	OME
Personagens	05	2,000	Corrupção	05	3,400
			Favela	05	2,800

Entre os termos, *Violência* é o mais marcante para os dois grupos de referência, visto que apresenta grande frequência e tem baixa ordem média de evocações. Retratadas de forma ficcional, as violências em Cidade de Deus têm base em acontecimentos reais, extratos da guerra entre quadrilhas do tráfico ao fim dos anos 1970, transformadas em espetáculo pela imprensa da época.

Violências aplicadas com força física excessiva sobre outrem, resultando em lesão grave ou morte marcam o filme Cidade de Deus em todas as suas sequências.

Podemos destacar algumas das principais cenas envolvendo agressões físicas ou assassinatos: a) o assalto ao motel, planejado por Dadinho e executado pelo Trio Ternura, revela muitos socos e tapas, sempre acompanhados de forte intimidação pelo uso de arma de fogo. Durante parte da narrativa fica oculto o resultado final da ação, que vem à tona com a revelação de que Dadinho entrara após a retirada dos comparsas e matara vários clientes e funcionários do local; b) Em perseguição ao Trio Ternura, a polícia depara-se com um rapaz de porte físico semelhante a Alicate e o persegue. O rapaz assustado corre e leva um tiro fatal. Os policiais ao descobrirem tratar-se de um jovem trabalhador e inocente, arranjam provas contrárias colocando uma arma na mão do rapaz; c) Paraíba ao encontrar sua esposa mantendo relações sexuais com Marreco toma uma pá e a espanca até a morte. Com a mesma ferramenta, a enterra na própria casa; d) Cabeleira ao tentar fugir da polícia é perseguido e assassinado com vários tiros por policiais diante da população atônita; e) Dona Zélia, primeira dona da “Boca dos Apês” é agredida e arrastada pelos cabelos por Grande, jovem que a expulsa de casa para tornar-se o “dono da boca”; f) Ao começar a contar a história de Zé Pequeno, Buscapé narra uma série de assassinatos cometidos pelo traficante ainda quando conhecido por Dadinho; g) Bené, o “bom bandido” é assassinado em sua festa de despedida da favela, quando na verdade o alvo da emboscada era Zé Pequeno; h) Em cena considerada por muitos críticos como a mais marcante do filme, Filé com Fritas mata um menino da Caixa Baixa à queima roupa por ordem de Zé Pequeno; i) A violência sexual se faz presente na cena do estupro da noiva de Mané Galinha por Zé Pequeno enquanto seus comparsas seguraram Galinha para que assistisse; j) O grupo de Zé Pequeno mata o irmão de Mané

Galinha e dispara uma rajada de tiros sobre sua casa matando outro familiar; k) a violência justificada pela desumanização do bandido acontece quando Mané Galinha mata o primeiro sujeito do grupo de Zé Pequeno. Logo após, populares surgem e ao invés de recriminá-lo pela ação o parabenizam dizendo frases como: “Legal! Você matou bem”, “Morreu, bem feito” e “Vai saindo que a gente dá cobertura”; l) Os latrocínios também fazem parte da narrativa. O grupo do Cenoura, ao tentar capitalizar-se para a compra de armas, assalta instituições financeiras e, em dois casos, matam seguranças que reagiram contra o assalto. Era a morte de um inocente justificada pela necessidade de proteção do parceiro; m) Uma sequência inteira de assassinatos, brigas, explosões e tiros marca o clímax da narrativa que se processa na guerra final entre as gangues; n) Zé Pequeno é assassinado à queima roupa pelos meninos do Caixa Baixa ao fim do filme.

Sem que sejamos muito criteriosos no detalhamento das cenas, ou que sejamos sistemáticos catalogando todas as imagens que envolvem agressões físicas, podemos afirmar que as representações de Cidade de Deus apresentam a violência como seu aspecto fundamental por efeito da exacerbada exposição icônica do fenômeno na película.

Esta espetacularização da violência não afeta apenas o pensamento social acerca do filme. Perguntamos aos participantes se estes acreditavam que as cenas de violência que ocorrem em Cidade de Deus acontecem na cidade do Rio de Janeiro e, verificamos que todos os integrantes do Grupo 01 acreditam verdadeiramente que fatos como estes acontecem na cidade do Rio de Janeiro.

No Grupo 02 apenas dois sujeitos foram contrários, significando que 96% deles concordam com a relação realidade = ficção.

A maioria dos respondentes também acredita que as cenas de violência expressas no filme fazem parte do cotidiano das cidades onde moram: 68% no Grupo 01 e 70% no Grupo 02. Porém, a maioria dos participantes não pensa que as cenas violentas aconteçam em seus bairros: 86% dos participantes do Grupo 01 pensam que a violência como ocorre no filme acontece em outros bairros que não nos deles; o Grupo 02 divide-se quase igualmente, e mostra que 48% acham que as cenas se repetem entre eles e 52% dizem que as cenas de violência não acontecem em seus bairros.

Para nos auxiliar na compreensão das representações encontradas, propusemos aos participantes sintetizar a essência do filme numa breve sinopse. Algumas delas explicitam os dados expostos:

Sujeito 10 – Grupo 01:

O filme busca retratar o cotidiano vivido nas periferias do Rio de Janeiro em relação à violência e ao narcotráfico. Demonstra as brigas pelo comando do tráfico e acompanha o crescimento de Zé Pequeno, um dos grandes comandantes do tráfico nas favelas.

Sujeito 42 – Grupo 01

É um filme que relata com a maior veracidade possível a violência nos morros cariocas, que afeta a vida de toda uma comunidade, pois transforma crianças e adolescentes de bem em pessoas violentas, que valorizam o poder trazido por armas e pelo tráfico de drogas.

Sujeito 12 – Grupo 01

O filme retrata a realidade de uma comunidade carente do Rio de Janeiro em diferentes épocas, focando na parte da violência.

Sujeito 55 – Grupo 02

O filme mostra a realidade, como são as vidas das pessoas nos morros pobres do Rio de Janeiro. Conta como os traficantes agem, como são as guerras deles para poderem tomar o morro do inimigo, e conta como é o fim de cada traficante.

Sujeito 51 – Grupo 02

Cidade de Deus mostra a realidade dos jovens, pessoas, polícia, agressividade e morte por demais, crianças sendo induzidas a roubar e muita maldade.

Veracidade, retrato, realidade, realismo cultural. É assim apresentada a violência na comunidade Cidade de Deus: imagens de ficção que são incorporadas à imagem que brasileiros e estrangeiros têm da Cidade do Rio de Janeiro. Uma violência que, segundo Nóvoa e Barros (2008), parece naturalizada, estetizada, reproduzindo a sentença de estar unida à miséria, às armas e ao tráfico de drogas numa reprodução da “fragmentação da realidade coisificada do mundo atual e seus fetiches” (NÓVOA; BARROS, 2008, p.178).

O culto à miséria em Cidade de Deus está visível na presença do termo *pobreza* junto aos núcleos centrais das representações nos dois grupos e evidencia-se nas repostas dos participantes à questão de número 16 do questionário que solicitava breve sinopse da narrativa (Anexo I).

Sujeito 37 – Grupo 01

É um filme que mostra a realidade da pobreza de um bairro no Rio de Janeiro no qual as pessoas são desprovidas de oportunidades e a única oportunidade para se tornarem alguém é por meio do tráfico. Porém acabam morrendo jovens.

Sujeito 47 – Grupo 01

Em meio à pobreza e violência de uma comunidade, desde cedo, homens e mulheres se envolvem (e são envolvidos) no tráfico de drogas para sobreviver à miséria, com a ilusão de que esse caminho “mais fácil” os ajudarão a alcançar seus sonhos e objetivos. Há ainda aqueles que resistem e buscam outros meios, legais, de crescimento pessoal e buscam outros meios, legais, de crescimento pessoal e profissional, porém a maioria desiste no meio do caminho.

Sujeito 57 – Grupo 02

O filme retrata claramente a pobreza em uma comunidade e através disso vem a violência. O filme retrata a influência das drogas na vida de jovens de comunidades de baixa renda.

Sujeito 77 – Grupo 02

É um bairro pobre onde as pessoas vivem com muita dificuldade. Sem oportunidade de trabalho e menos ainda quando falam que moram num bairro pobre com alto índice de violência. Onde crianças são obrigadas a matar para provar para os traficantes que são bons.

O conteúdo imagético do filme Cidade de Deus corresponde a elementos das representações de lugar pobre e lugar violento. A expressão icônico-indicial da sujeira nas roupas das crianças e dos jovens é também elemento de representação. Vestir-se bem é necessidade apenas para Bené, algo que recebe cuidado na trama como mecanismo para valorização do personagem. O discurso talvez seja a associação entre bons (Bené) e roupas boas, contra, maus (Zé Pequeno) e roupas velhas e sujas. Discurso satírico do pensamento elitista que associa belo e bom, mau e feio, o que é evidenciado em uma fala do narrador da trama que indica Mané Galinha como o “bonitão do bem” e Zé Pequeno como o “feioso do mal”.

A pobreza pode ser pensada por meio da figura do cão magro roendo ossos no chão ao lado do barraco de madeira onde os moleques da Caixa Baixa discutem seus planos de futuro até serem abordados por Zé Pequeno. Planos de futuro inclusive não são comuns à trama, mesmo tendo na infância e juventude a quase totalidade de seus personagens. Buscapé sonha e, na medida do possível, planeja a carreira de fotógrafo, enquanto os meninos da Caixa Baixa planejam o futuro na marginalidade, como chefes do tráfico. Mas pensar em futuro quando nem sequer a alfabetização é uma realidade torna-se difícil, ao menos na vida no crime. Algumas cenas mostram esse dilema: Zé Pequeno pede a seus comparsas que procurem alguma matéria nos jornais que fale sobre ele, mas vários integrantes do grupo não são alfabetizados. Ao perguntar a um deles se sabia ler a resposta é emblemática, “sei ler apenas as figuras”; na cena final do filme, os meninos da Caixa Baixa relacionam oralmente aqueles que mereciam ser mortos por atrapalharem seus planos. Um deles pergunta ao colega se este sabia escrever, ao receber uma confirmação positiva, solicita que faça uma “lista negra” com os possíveis alvos.

Distante dos sonhos e planejamentos de vida, grande massa de jovens de comunidades carentes veem-se na necessidade de sustentar a si e as suas famílias. Largam os estudos e perpetuam uma das problemáticas centrais da força de trabalho no Brasil, a desqualificação. Parte deles opta por trabalhos temporários (bicos) e/ou que requerem baixa qualificação. Em Cidade de Deus são os casos de Buscapé, que antes de tornar-se fotógrafo, ajuda ao pai na venda de peixes pelas ruas do bairro, posteriormente, torna-se entregador de jornais. Outra evidência se apresenta no início da história de Mané Galinha. Ele,

trocador de ônibus, reclama a sorte de ter um emprego que não permite pensar em algo mais alto, sair da favela.

Outra parte dos jovens encontra no tráfico de drogas a alternativa de rendimentos mais vantajosos, capazes de provê-los de bens de consumo pertencentes à realidade daqueles que moram no “asfalto”. O tráfico de drogas e armas (tráfico-drogas-armas) é mais um dos elementos do núcleo central das representações sociais de Cidade de Deus.

Através da montagem paralela de Cidade de Deus, a história do tráfico de drogas e armas na comunidade é contada em comunhão com as histórias dos personagens centrais da trama; a criação da “Boca dos Apês” é a primeira delas. Dona Zélia vendia drogas e seu apartamento na Cidade de Deus de forma ainda “amadora”, sem a estrutura organizacional que os próprios traficantes chamam de “firma”. Ela inclusive muitas vezes trocava drogas por favores sexuais dos meninos viciados. O personagem chamado Grande toma de Dona Zélia a “boca”, sistematiza o processo com as designações de ocupação que os diversos participantes recebem e desenvolve o tráfico. O processo se mostra tão complexo em sua estrutura e tão próximo aos mecanismos de gestão empresarial que Buscapé preocupa-se em explicar o funcionamento das operações definindo a ação de cada participante, o “vapor”, a “endolação”, o “gerente da boca”.

A comercialização, procura do produto por viciados, está presente ao longo da narrativa. O próprio Buscapé, personagem que estampa a virtude do morador de bairros pobres que deseja subir na vida, participa como comprador e usuário de maconha em algumas cenas, adquirindo inclusive na “boca dos apês”. Na figura

do personagem Thiago, um jovem de melhor condição financeira, branco e de roupas de marca da Zona Sul da cidade, declara abertamente várias vezes que prefere usar cocaína, droga que era sensação e novidade até então. É possível mesmo identificar um número grande de cenas em que as duas drogas são usadas. Curiosamente, a maconha vem acompanhada de climas bucólicos, fins de tarde na praia, cenas de sexo entre personagens e a metamorfose ambulante de Raul Seixas como trilha sonora, enquanto, a cocaína é usada por Zé Pequeno em seus momentos de cólera, com os homens do seu grupo, e são acompanhadas de músicas de ritmos mais acelerados. Talvez, mais um aspecto da dicotomia entre bons e maus que se revela no filme.

O tráfico em Cidade de Deus muda completamente a vida na comunidade, algo se torna mais evidente quando deflagrada a guerra entre as gangues de Cenoura e Zé Pequeno. Buscapé salienta que o início da disputa pelo domínio do território do tráfico mudou radicalmente o cotidiano dos moradores ao ponto de comparar a Cidade de Deus com o Vietnã. No filme, o tráfico é o grande motivador da violência urbana.

Perguntamos aos participantes da pesquisa qual era o grau de influência do tráfico na violência de sua localidade de moradia para verificar se esta representação se processa além da figuração fílmica. A escala permitia a escolha entre os termos “nenhuma”, “fraca”, “forte” e “muito forte”. Entre os participantes do Grupo 01, 46% disseram ser uma influência “forte”, 42% como uma influência “fraca”, 12% como muito forte, e, nenhum deles optou pela inexistência da influência. O Grupo 02 resultou em 36% afirmado ser “forte”, 30% como “fraca”,

26% como “muito forte” e 6% optaram por “nenhuma”. Se somados, por um lado os elementos “nenhuma” e “fraca” e, por outro, “forte” e “muito forte”, temos a indicação de que a maioria identifica significativa influência do tráfico de drogas no cotidiano de seu bairro de moradia.

A pobreza, a violência e o tráfico de drogas estão em associação direta em Cidade de Deus. Fenômenos sociais apresentados com sofisticados movimentos de câmera, montagem ágil e roteiro com apelos aos estilos publicitários de linguagem.

A espetacularização de processos sociais como a pobreza, a violência e o tráfico, à medida que se propõe apresentar o real, possibilita conversações cotidianas sobre os objetos sem que os indivíduos tenham necessariamente vivido de forma concreta tais situações.

A mediação signica do filme, assim como a mediação da imprensa noticiosa e dos atores sociais que compõem nossas redes de relacionamento, implica uma realidade representada, assim como salienta Abric (1998, p.27): “Não existe uma realidade objetiva a priori, mas sim toda realidade é representada”.

Grande crítica recaiu sobre Cidade de Deus por parte da imprensa especializada e de cientistas de diferentes áreas sobre dois aspectos fundamentais. O primeiro uma suposta sobrecarga desnecessária de violência, que suscitou debates acerca dos efeitos da violência nos meios de comunicação, como a aprendizagem de atitudes e condutas agressivas; a dessensibilização ou insensibilização frente à violência; o temor de ser vítima da violência; os processos de justificação

cognitiva; a associação cognitiva; a transferência da excitação (VAZQUEZ; DIAZ, 2000). O segundo pairou sobre a questão da representação da real condição de vida dos moradores da comunidade Cidade de Deus. Grupos de indivíduos, artistas, pesquisadores se manifestaram indignados com a forma de expor a história da localidade e a associação dos pobres com a violência e o tráfico.

Porém, perguntamos se os participantes acreditavam que as cenas de violência apresentadas no filme ocorrem na cidade do Rio de Janeiro, 98% deles responderam positivamente. Quando perguntados se a pobreza do filme corresponde à pobreza das comunidades da cidade do Rio de Janeiro, 70% dos participantes responderam "sim".

Portanto, o que implica a representação de lugar pobre e violento, como afirma Moscovici (1976) citado por Sá (1996), não é simplesmente uma duplicação, uma repetição, trata-se de uma reconstituição, de uma modificação do objeto. Para Moscovici as imagens prevalecem sobre a realidade, pois recuperam o objeto, dando a ele concretude icônica e tornando-o tangível.

Neste contexto, o cinema contém núcleos da representação, "estrutura imagética em que se articulam, de uma forma mais concreta ou visualizável, os elementos do objeto da representação que tenham sido selecionados pelos indivíduos ou grupos em função de critérios culturais e normativos" (SÁ, 1996, p. 65). Representa-se imagetivamente o que se representa socialmente sobre os objetos.

Moscovici (2003) nos indica que as representações sociais são condizentes com nossa sociedade atual, com nossos aportes político, científico e humano.

Crescem em proporção com a “heterogeneidade e flutuação dos sistemas unificadores – as ciências, religiões e ideologias oficiais – e com as mudanças que elas devem sofrer para penetrar a vida cotidiana e se tornar parte da realidade comum” (p.48). Reconhece que foram os meios de comunicação, os responsáveis por acelerar esse processo, pois “multiplicaram tais mudanças e aumentaram a necessidade de um elo entre, de uma parte, nossas ciências e crenças gerais puramente abstratas e, de outra parte, nossas atividades concretas como indivíduos sociais” (p. 48).

A importância dos meios de comunicação reside também em sua propriedade de transmissor do signo mediador, pois as representações adquirem maior autoridade na medida em que os indivíduos recebem mais materiais através de sua mediação (MOSCOVICI, 2003).

Cidade de Deus, bem como outros títulos da cinematografia brasileira contemporânea, objetivam retratar algumas das realidades sociais urbanas do país, suscitam e reproduzem representações sociais. Representações que moldam a realidade em que vivemos; são capazes de criar novos tipos sociais e modificar o comportamento em relação à realidade (MOSCOVICI, 2003).

Tráfico de drogas, violência e pobreza participam do núcleo central da representação de Cidade de Deus para os dois grupos. Tráfico de drogas e violência figuram no núcleo central de lugar violento também para os dois grupos. Pobreza participa do núcleo central da representação de lugar pobre para os participantes do Grupo 02. As centralidades se equivalem e indicam que Cidade de Deus exemplifica o pensamento social acerca dos objetos.

5.6.2 ELEMENTOS PERIFÉRICOS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE “CIDADE DE DEUS”.

Os elementos que compõem a periferia da representação social de Cidade de Deus são congruentes aos elementos pertencentes às representações de lugar pobre e de lugar violento como pode ser verificado nas Tabelas 1 e 2. A diferença está na presença do elemento *Personagens* nas evocações de personas do roteiro do filme. Dadinho, Zé Pequeno, Cenoura, Buscapé e Mané Galinha e a própria palavra *Personagens*, foram evocações presentes, em baixa frequência, porém com predominância nas primeiras colocações.

Estes personagens recebem destaque também nas descrições gerais do filme feitas pelos participantes.

Sujeito 09 – Grupo 01

*Cidade de Deus é um filme que passa numa comunidade pobre do Rio de Janeiro. A história aborda a desigualdade social, a repressão e o descaso das autoridades na década de 60 aonde **Dadinho** torna-se o bandido mais perigoso e temido do local. No começo dos anos 80 **Zé Pequeno** e **Mané Galinha** disputam o controle do narcotráfico na comunidade, dando origem a uma guerra sem precedentes.*

Sujeito 41 – Grupo 01

*O filme se passa em favela do Rio de Janeiro, conhecida como Cidade de Deus. No começo do filme três ladroes assaltam um caminhão de gás e distribuem à comunidade. Uma criança, chamada **Dadinho**, ao ver essa, e outras cenas, decide seguir o caminho do tráfico, diferente de **Buscapé** que, mesmo sendo usuário de droga, decide virar fotógrafo. **Dadinho** se torna um dos traficantes mais poderosos do Rio de Janeiro. Estoura uma guerra na Cidade de Deus e **Dadinho**, que agora se chama **Zé Pequeno**, é assassinado e **Buscapé** fotografa a cena, o que o fez ganhar um emprego em um jornal.*

Sujeito 69 – Grupo 02

O **Dadinho (Zé Pequeno)** cresce no meio da vagabundagem. Desde cedo é envolvido no crime. Cresceu, tomou as bocas de fumo e viveu em guerra com **Mané Galinha**.

Sujeito 60 – Grupo 02

Zé Pequeno matava muito, mas no final do filme morreu e **Buscapé** era fotógrafo. O **Bené** era gerente das bocas e o **Paraíba** era o X9 da favela Cidade de Deus.

A periferia mais próxima do Grupo 01 apresenta os seguintes termos: *Armas, Bandidos, Drogas, Favela*. No Grupo 02 o mesmo quadrante é integrado por *Armas, Bandidos, Drogas e Mortes*.

Favela, partícipe do segundo quadrante no Grupo 01 figura na periferia mais distante na representação estruturada pelo Grupo 02. Por sua vez, o termo *Mortes*, integrante da periferia próxima no Grupo 02, compõe a periferia mais distante na representação elaborada pelo Grupo 01. Há exatamente uma inversão entre os grupos na ordem dos elementos.

Armas, Bandidos, Drogas, Favela e Mortes são elementos que compõem mutuamente as representações de lugar violento. A palavra *Drogas* também surge na representação de lugar pobre.

Na zona de contraste do Grupo 01 encontramos os elementos *Personagens* e *Tristeza-sofrimento*. A zona de contraste do Grupo 02 é formada apenas por *Personagens*. Como ocorrido anteriormente, ao identificar as representações de *lugar pobre*, os sentimentos negativos de tristeza e sofrimento são evocados por

participantes de bairros onde é maior o poder aquisitivo. Os participantes do Grupo 02, que são moradores de bairros com índices mais altos de violência e pior condição financeira, não expressaram sentimentos de tristeza por residir nestes lugares. As dificuldades foram muito apontadas, bem como as deficiências e precariedades, mas sentimentos negativos não fazem parte das representações dos membros deste grupo.

Ter como referencial para a felicidade a satisfação de desejos materiais, a qualidade de moradia, de acumulação de bens, de desfrute de produtos culturais, dentre outros aspectos, pressupõe a existência de critérios de avaliação diferenciados para o Grupo 01. Para eles a concepção de viver na escassez e precariedade que bairros pobres têm por característica, resulta em infelicidade e sofrimento.

A periferia mais distante (quadrante inferior direito) do Grupo 01 abriga as palavras/expressões **Desigualdade**, **Falta-oportunidade** e **Mortes**. O Grupo 02 tem em sua periferia mais distante as palavras **Corrupção** e **Favela**.

Desigualdade e *Falta de oportunidade* são igualmente características das representações dos grupos sobre lugar pobre. *Mortes*, *Corrupção* e *Favela* são elementos também encontrados nas representações de lugar violento.

Os elementos que compõem as representações de Cidade de Deus operam um sistema central nas produções cinematográficas brasileiras da virada do século: violência, tráfico, pobreza e favela. Estes são os fatores essenciais das estéticas do realismo literário e cinematográfico que visam abordar as conflitivas

experiências da modernidade urbana no Brasil e também das representações sociais de lugar pobre e de lugar violento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infraestrutura deficiente, falta de saneamento, fome, sujeira, violência e pobreza. Estes são os elementos que figuram nos núcleos centrais das representações de lugar pobre para os participantes do Grupo 01 e 02 desta pesquisa. *Armas, drogas, tráfico de drogas e armas, violência e mortes* são os constituintes dos núcleos das representações de lugar violento para os sujeitos dos Grupos 01 e 02. As representações sociais de lugar pobre e de lugar violento entre os participantes da pesquisa indicam sempre aspectos negativos dos objetos. Não são evidenciados elementos positivos em lugares marcados pela pobreza e/ou violência. Não são expressas lembranças de pessoas que, mesmo pobres, se divertem, namoram, conversam, brincam e trabalham. Não são citados movimentos comunitários, ações sociais filantrópicas, organizações não-governamentais ou mesmo projetos públicos que atuem na redução dos impactos da pobreza. Da mesma forma, não são mencionadas oficinas culturais, movimentos artísticos, trabalhos de religiosos ou outra espécie de ação que objetive a promoção de uma cultura de paz entre os moradores das localidades afetadas pelas violências.

Os lugares pobres e violentos são representados, nesta pesquisa, pelo descaso e pelo abandono. São marcados pelas precariedades e ausências, pelas privações de oportunidades, pelos sujeitos preguiçosos que não querem trabalhar; pela sujeira e pelo lixo; pelas armas, drogas, traficantes, bandidos, mortes e roubos. Os lugares pobres são, em muitos casos, associados à violência. Os lugares violentos, em muitas circunstâncias, relacionados aos lugares pobres.

O filme *Cidade de Deus* sintetiza essas representações em seu campo discursivo-imagético. Seu roteiro privilegia, em várias cenas já citadas neste trabalho, as enunciações de crimes, mortes, tráfico e pobreza, entre tantos outros elementos. As apresentações imagéticas destas ações são tão significativas que se sedimentam no núcleo central da própria representação do filme a partir dos elementos *tráfico de drogas e armas, pobreza e violência* – elementos também constituintes das representações de lugar pobre e lugar violento. Os elementos constituintes das periferias das representações do filme evidenciam ainda mais a conformidade com os elementos de representação de violência e pobreza. O filme *Cidade de Deus* configura-se então, ao mesmo tempo retrato de lugar pobre e de lugar violento (resguardada a devida acentuação dos fatos em decorrência de sua natureza ficcional) ao reunir tantos elementos pertencentes às representações destes objetos.

A congruência entre elementos de representação do filme *Cidade de Deus* e de lugar pobre e lugar violento indicia, por um lado, a relevância do papel dos meios de comunicação na formação de representações sociais, e, por outro lado, a característica dos meios de comunicação de fazerem-se canais de reprodução das representações vigorantes na sociedade. Clémence, Green e Courvoisier (2011, p.181) afirmam que “[...] para se propagar largamente em uma sociedade, as teorias dos especialistas devem utilizar canais de mídia de grande difusão [...]. Desta forma, eles podem alimentar as conversas e os rumores cotidianos”. E prosseguem destacando o papel da imprensa escrita na formação das representações sociais – o que podemos ampliar para os demais meios de comunicação – salientando que

[...] a formação de uma representação social passa por trocas e por influências recíprocas entre os jornais e seus leitores. Sem a reação destes últimos, é provável que o lançamento de uma nova informação científica atualizada, ou uma re-atualização permaneça sem repercussão. Mas quando esta informação entra progressivamente nas conversas, ela tem grande chance de ser fortemente sustentada e desenvolvida (CLÉMENCE; GREEN; COURVOISIER, p.184).

Os meios de comunicação reproduzem as representações vigentes, assim como reproduzem histórias reais, imaginários sociais e ideias individuais. As agendas dos *media* na contemporaneidade brasileira se abrem para as periferias, para os empobrecidos, para os “interesses populares”, para relatos de atos violentos da criminalidade, para os acidentes nas estradas, para a corrupção política, entre outros. A informação industrializada projeta a cultura da violência e a estética da fome nos meios de comunicação de massa. Camargo e Bousfield (2011, p.435) indicam que “A comunicação midiática se caracteriza pela crescente industrialização dos quotidianos, sobretudo em contextos fortemente urbanizados e industrializados”.

Nas grandes cidades a participação da mídia na circulação de informação aumenta, possibilitando ao homem urbano representar-se como “sábio” por estar “conectado” com o mundo. A midiatização das relações sociais, por consequência do desenvolvimento tecnológico, possibilitou a criação de um público disperso, uma “massa invisível”, fundamentalmente diferente das formações sociais tradicionais das “massas presentes” (CAMARGO; BOUSFIELD, 2011). Camargo e Bousfield (2011, p.436) reproduzem Moscovici para explicar que

[...] a sucessão de meios de comunicação faz constantemente passar as multidões de um estado agregado para um estado disperso. Existe também a alternância remarcável entre

movimentos de associação e dissociação, produzida por procedimentos técnicos, com desdobramentos tanto mentais quanto sociais. [...] Portanto uma comunicação real, boca-a-boca, é alterada com uma comunicação ideal, correspondente a um agrupamento abstrato (MOSCOVICI, 1981, pp. 255-256).

Essas “massas invisíveis” compartilham seus conhecimentos pelos meios de comunicação e tecnologias da informação, a exemplo das redes sociais da internet. Reduzem suas presenças nos espaços públicos, elegendo os espaços privados e os ambientes virtuais como circuitos de interação social.

O recolhimento de segmentos da sociedade aos espaços privados amplia a relevância dos meios de comunicação na dinâmica da formação das representações sociais. Eles tornam-se, ainda mais, os canais para que as representações desempenhem suas funções de aquisição de conhecimentos, orientação de comportamentos e práticas, promoção de uma identidade social e justificção de comportamentos e tomadas de decisão frente ao outro.

Não afirmamos que os contatos interpessoais estão relegados à extinção. O compartilhamento de conhecimento por intermédio das relações diretas entre os indivíduos mantém sua relevância no processo de formação de representações sociais. Porém, mudanças de paradigmas comunicacionais têm possibilitado novas formas de relações sociais, essencialmente promovidas pelas comunicações midiaticizadas e sustentadas pelas tecnologias da informação.

O compartilhamento de tantos elementos de representação para os objetos lugar pobre e lugar violento, bem como para o filme Cidade de Deus, por grupos com distintas condições sociais e ocupações geográficas dos municípios pesquisados,

suscitam uma aquisição de conhecimentos advinda de sistemas de comunicação iguais ou semelhantes, aspecto elementar das mensagens massivas da imprensa e da indústria do entretenimento.

O sistema de comunicação proposto por Moscovici indica que em um primeiro momento, o fenômeno comunicacional corresponde a um processo de duplicação do real por mediação da representação. Posteriormente, a comunicação deve ser “compreendida enquanto um ambiente (político, social, econômico, biológico e ideológico) para a ação humana” (CAMARGO; BOUSFIELD, 2011, p.439). Neste ambiente ela “age pelo homem, sobre seu mundo e, especialmente sobre ele próprio, quase que o apagando” (CAMARGO; BOUSFIELD, 2011, p.441).

Desta forma operam os sistemas fundamentais dos meios de comunicação, duplicando num processo semiótico o real, ambientando os indivíduos a diferentes ambientes sociais, e, agindo sobre eles, sobre suas relações, sobre seu mundo, na perspectiva até, de anulação do sujeito se assim lhe for permitido.

Esta discussão final permite pensarmos na necessidade de progressão do estudo até aqui desenvolvido, e instiga-nos a pensar mais detalhadamente e de forma mais criteriosa nas relações dos meios de comunicação com as representações sociais e com a Teoria das Representações Sociais.

Acreditamos que as políticas públicas, tanto em seus estágios de planejamento quanto de execução, poderiam se beneficiar dos dados apresentados para uma melhor compreensão dos espaços urbanos das cidades brasileiras, possibilitando

bem estar e melhorias nas condições de vida daqueles que habitam bairros caracterizados pela pobreza e com elevados indicadores de violência.

REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. Em MOREIRA, A.S. & OLIVEIRA, D.C. **Estudos interdisciplinares de representações sociais**. Goiânia: AB Editora, 1998.

ABRIC, Jean-Claude. A zona muda das representações sociais. In: OLIVEIRA, D. & CAMPOS, P. **Representações Sociais sem fronteiras**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

ALEXANDRE, Marcos. Representação social: uma genealogia do conceito. **Comum**, Rio de Janeiro, v.10, n°23, p.122-138, julho/dezembro, 2004.

ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira. A pesquisa em representações sociais: proposições teórico-metodológicas. In: SANTOS, M.F. & ALMEIDA, C.M. **Diálogos com a Teoria das Representações Sociais**. Maceió: UFAL/EFPE, 2005.

ANDREW, J. Dudley. **As principais teorias do cinema**: uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

AUMONT, Jaques, *et al.* **A estética do filme**. Campinas: Papyrus, 1995.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BINKOWSKI, Gabriel Inticher. Ônibus 174: leitura sobre uma certa 'mancha'. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, n.22 (1), 78-83, 2010.

CAMARGO, Brígido Vizeu; BOUSFIELD, Andréa Bárbara S. Teoria das Representações Sociais: uma concepção contextualizada de comunicação. Em ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza & TRINDADE, Zeide Araújo, orgs. **Teoria das Representações sociais**, 50 anos. Brasília: Technopolitik, 2011.

CLÉMENCE, Alain; GREEN, Eva G.T. & COURVOISIER, Nelly. Comunicação e ancoragem: a difusão e a transformação das representações. Em ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza & TRINDADE, Zeide Araújo, orgs. **Teoria das Representações sociais**, 50 anos. Brasília: Technopolitik, 2011.

CARVALHO, Cyntia Paes de. **Favelas e as organizações comunitárias**. Petrópolis: Vozes, 1993.

CODES, Ana Luiza Machado de. A trajetória do pensamento científico sobre pobreza: em direção a uma visão complexa. **Texto para discussão**, 1332, Brasília, abr. 2008.

COUTINHO, Lúcia Loner. *Favela-Movies e Favela-Series: Novas Representações na Produção Audiovisual Brasileira*. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/2009/resumos/R4-1274-1.pdf>.

ENDO, Paulo César. Violências, sistemas violentos e horizonte testemunhal. In: **Psicologia, ciência e profissão**, 2009, 29 (1), 30-39.

ESPÍNDULA, D.H.P., ARANZEDO, A.C., TRINDADE, Z.A. *et al.* (2006) “Perigoso e violento”: representações sociais de adolescentes em conflito com a lei em material jornalístico. **PSIC – Revista de Psicologia**, Vetor Editora, 7(2), 11:20. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/psic/v7n2/v7n2a03.pdf>.

FLEURY, Sônia. Pobreza, desigualdade ou exclusão?. In: **Ciência & Saúde Coletiva**, 12(6):1422-1428, 2007.

FREITAS, Maria do Carmo Soares de. *Uma abordagem fenomenológica da fome*. **Revista Nutrição**, Campinas, 15(1):53-69, jan./abr., 2002.

GRISOTTI, Márcia e GELINSKI, Carmen Rosário Ortiz G. Visões parciais da pobreza e políticas sociais recentes no Brasil. **Revista Katál**. Florianópolis, v. 13, nº2, p. 210-219 jul./dez, 2010.

GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima et al. Pobreza, violência e trabalho: a produção de sentidos de meninos e meninas de uma favela. **Estudos de Psicologia**, 2003, 8(1), 45-53.

HAMBURGER, Esther. Violência e pobreza no cinema brasileiro recente, reflexões sobre a ideia de espetáculo. In: Conferência *Anual Visible Evidence*. São Paulo, 2006.

HERNÁNDEZ, Tosca. Des-cubriendo la violencia. In: BRICEÑO-LÉON, Roberto org. **Violencia, sociedad y justicia en América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2002.

JODELET, Denise. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, Bader Burihan. **As artimanhas da exclusão**. Niterói, Vozes, 2002.

MARCONDES FILHO, Ciro. Violência fundadora e violência reativa na cultura brasileira. **São Paulo em Perspectiva**, 15(2), 2001, pp. 20-27.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Lisboa: Dinalivro, 2005.

MATTOS, Rossana Ferreira da Silva. **Desigualdade sócio-espacial e violência urbana: a Região Metropolitana da Grande Vitória**. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

MATTOS, Rossana Ferreira da Silva. *Segregação sócio-espacial e violência urbana na região metropolitana da Grande Vitória*. **Dimensões**, vol. 25, 2010, p. 249-265.

MISSE, Michel. **Malandros, marginais e vagabundos & a acumulação social da violência no Rio de Janeiro**. 1999. (Tese doutorado). Rio de Janeiro, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1999.

MISSE, Michel. Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. **Civitas**, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p. 371-385, set.-dez. 2008.

MONTEIRO, Carlos Augusto. Fome, Desnutrição e Pobreza: além da Semântica. **Saúde e Sociedade**, v.12, n.1, p.7-11, jan-jun, 2003.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

MÜNSTERBERG, Hugo. **The photoplay, a psychological study**. Nova York: Dover, 2004.

NÓVOA, Jorge & BARROS, José D'Assunção. **Cinema-história**: teoria e representações sociais no cinema. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

ORDAZ, Olga & VALA, Jorge. *Objetivação e ancoragem das representações sociais do suicídio na imprensa escrita*. Em MOREIRA, A.S. & OLIVEIRA, D.C. **Estudos interdisciplinares de representações sociais**. Goiânia: AB Editora, 1998.

OYEN, Else. Produção da pobreza: um enfoque diferente para entendê-la. **Participe**, ano 3, nº 4 e 5, jan./jun. 2003 - jul./dez. 2003, p. 3-14.

RAZZOLINI, Maria Tereza Pepe e GÜNTHER, Wanda Maria Risso. *Impactos na Saúde das Deficiências de acesso a água*. **Saúde Sociedade**. São Paulo, v.17, n.1, p.21-32, 2008.

ROAZZI, Antônio, FEDERICCI, Fabiana C.B e CARVALHO, Maria do Rosário. A Questão do Consenso nas Representações Sociais: Um Estudo do Medo Entre Adultos. **Psicologia**: Teoria e Pesquisa, Brasília, mai-ago 2002, Vol. 18, n. 2, pp. 179-192.

ROCHA, Zeferino. O problema da violência e a crise ética de nossos dias. **Síntese** - rev. de filosofia, v. 28 n. 92 (2001): 301-326.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo Central das Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SOUZA, Lídio. Alteridade, processos identitários e violência acadêmica. In: ROSA, Edinete Maria; SOUZA, Lídio; AVELLAR, Luziane Zacche. (Org.). **Psicologia Social: temas em debate**. Vitória: UFES/Abrapso/GM Editora, 2008. p.168-198.

SOUZA, Lídio de. Processos de Categorização e Identidade: Solidariedade, Exclusão e Violência. In: SOUZA, Lídio de & TRINDADE, Zeide. A. (Orgs.). **Violência e exclusão: Convivendo com paradoxos**. 1. ed. (pp. 57-74). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

VALA, Jorge. *Representações Sociais, para uma psicologia social do pensamento social*. Em: Vala, Jorge & Monteiro, Maria Benedicta (coords.) **Psicologia social**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997 (PP. 353-384).

WAGNER, Wolfgang. Sócio-gênese e características das representações sociais. In: MOREIRA, A.S. & OLIVEIRA, D.C. **Estudos interdisciplinares de representações sociais**. Goiânia: AB Editora, 1998.

VAZQUEZ, Miguel Ángel Vidal & DIAZ, Miguel Clemente. A atração pela violência midiática. In: **Psico**, Vol.31, nº2, p.49-80, Porto Alegre, jul-dez 2000.

WANDERLEY, Mariangela Belfore. Refletindo sobre a noção de exclusão. In: SAWAIA, Bader Burihan. **As artimanhas da exclusão**. Niterói, Vozes, 2002.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

XAVIER, Marlon. Arendt, Jung e Humanismo: um olhar interdisciplinar sobre a violência. **Saúde Sociedade**. São Paulo, v.17, n.3, p.19-32, 2008.

XIBERRAS, Martine. **As teorias da exclusão**. Lisboa: Instituto Piaget. 1993.

ZALUAR, Alba & ALVITO, Marcos. **Um século de favela**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ZALUAR, Alba. Oito temas para debate, violência e segurança pública. In: **Sociologia**, problemas e práticas, nº 38, 2002, pp. 19-24.

ZALUAR, Alba. **Da revolta ao crime S/A**. São Paulo: Moderna, 1996.

ZALUAR, Alba. Agressão física e gênero na cidade do Rio de Janeiro. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol.24, nº71, outubro, 2009.

ANEXO I – MODELO DE QUESTIONÁRIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - MESTRADO

QUESTIONÁRIO

Somente para sujeitos que tenham assistido por completo ao menos uma vez ao filme *Cidade de Deus*.

Dados demográficos

1. Sexo: () feminino () masculino

2. Idade:

() Entre 16 e 17 anos

() Entre 18 e 25 anos

() Entre 26 e 35 anos

3. Profissão:

4. Bairro onde reside:

5. Escolaridade

() Ensino Fundamental

() Ensino Médio

() Ensino Superior

6. Renda familiar:

() Até 1 salário mínimo

() Entre 1 e 3 salários mínimos

() Entre 4 e 5 salários mínimos

() Acima de 5 salários mínimos

Sobre violência e pobreza

7. Você considera violento o lugar onde mora?

() sim

() não

8. Como você classificaria o lugar onde mora?

() pobre () classe média () rico

9. Cite 05 coisas que vêm à sua mente quando você pensa em um lugar pobre.

10. Cite 05 coisas que lhe vêm à mente quando pensa em um lugar violento.

11. Relacione os 05 motivos principais para a pobreza.

12. Relacione os 05 motivos principais para a pobreza em seu bairro ou comunidade.

13. Relacione os 05 motivos principais para a violência.

14. Relacione os 05 motivos principais para a violência em seu bairro/comunidade

15. Qual é a influência do tráfico de drogas na violência em seu bairro ou comunidade?

- () Nenhuma
 () Fraca
 () Forte
 () Muito forte

Sobre cinema, violência e pobreza

* O filme referencial para as respostas é Cidade de Deus.

16. Faça um breve resumo (sinopse) do filme Cidade de Deus.

17. As cenas de violência apresentadas no filme acontecem na cidade onde você mora?

- () sim () não

18. As cenas de violência apresentadas no filme acontecem no bairro ou comunidade onde você mora?

- () sim () não

19. As cenas de pobreza apresentadas no filme refletem a comunidade ou a cidade onde você mora?

- () sim () não

20. Você acredita que as cenas de violência apresentadas no filme acontecem na cidade do Rio de Janeiro onde foi filmado?

() sim () não

21. Você acredita que as cenas de pobreza mostram exatamente o que são as comunidades da cidade do Rio de Janeiro?

() sim () não

22. Você acredita que existem bandidos considerados como “gente boa” em bairros violentos?

() sim () não

23. Você acredita que o filme mostra os moradores de bairros pobres como eles são?

() sim () não

24. Cidade de Deus representa bem o que é a vida na periferia das cidades?

() sim () não

25. Cite 05 coisas que vêm à sua mente quando se lembra do filme Cidade de Deus

26. Qual é o ritmo musical que vem a sua mente ao pensar em uma comunidade pobre?

ANEXO II – SINOPSE E FICHA TÉCNICA DO FILME CIDADE DE DEUS

Sinopse⁴

O principal personagem do filme Cidade de Deus não é uma pessoa. O verdadeiro protagonista é o lugar. Cidade de Deus é uma favela que surgiu nos anos 60, e se tornou um dos lugares mais perigosos do Rio de Janeiro, no começo dos anos 80. Para contar a história deste lugar, o filme narra a vida de diversos personagens, todos vistos sob o ponto de vista do narrador, Buscapé. Este, um menino pobre, negro, muito sensível e bastante amedrontado com a ideia de se tornar um bandido; mas também, inteligente suficientemente para se resignar com trabalhos quase escravos. Buscapé cresceu num ambiente bastante violento. Apesar de sentir que todas as chances estavam contra ele, descobre que pode ver a vida com outros olhos: os de um artista. Acidentalmente, torna-se fotógrafo profissional, o que foi sua libertação. Buscapé não é o verdadeiro protagonista do filme: não é o único que faz a história acontecer; não é o único que determina os fatos principais. No entanto, não somente sua vida está ligada com os acontecimentos da história, mas também, é através da sua perspectiva que entendemos a humanidade existente, em um mundo aparentemente condenado por uma violência infinita.

⁴ Extraída do sítio oficial do filme: <http://cidadededeus.globo.com/> em 23 de abril de 2010 às 00h53.

Ficha Técnica⁵

Título original: Cidade de Deus

Lançamento: 30 de outubro de 2002

Direção: Fernando Meireles

Co-produção: Globo Filmes, O2 Filmes, Vídeo Filmes

Distribuição: Lumière

Diretor de Fotografia: César Charlone, ABC

Montagem: Daniel Rezende

Direção de Arte: Tulé Peake

Produtores: Andrea Barata Ribeiro, Maurício Andrade Ramos

Co-Produtores: Walter Salles, Donald K. Ranvaud, Daniel Filho, Hank Levine, Marc Beauchamps, Vincent Maraval, Juliette Renaud

Co-Direção: Katia Lund

Produção Executiva: Elisa Tolomelli, Bel Belinck

Música Original: Antônio Pinto, Ed Côrtes

Produção Executiva: Elisa Tolomelli, Bel Belinck

Elenco principal:

Alexandre Rodrigues – Buscapé

Leandro Firmino da Hora – Zé Pequeno

Seu Jorge – Mané Galinha

Matheus Nachtergaele – Sandro Cenoura

Phellipe Haagensen – Bené

Johathan Haagensen – Cabeleira

Douglas Silva – Dadinho

Roberta Rodrigues – Berenice

⁵ Fonte: sítio Globo Filmes, <http://globofilmes.globo.com/GloboFilmes/Site/0,,GFF8-5402,00-CIDADE+DE+DEUS.html> extraído em 23 de abril de 2010 às 01h09.

ANEXO III – ÍNDICE DE QUALIDADE URBANA DE VITÓRIA-ES.

Tabela 8 – IQU do município de Vitória-ES por ranking⁶

Ranking	IQU	Bairros	Região
1	0,84	Santa Helena	5
2	0,83	Mata da Praia	6
3	0,81	Ilha do Frade	5
4	0,8	Praia do Canto	5
5	0,8	Ilha Bela	5
6	0,79	Jardim da Penha	6
7	0,78	Barro Vermelho	5
8	0,77	Santa Lúcia	5
9	0,75	Enseada do Suá	5
10	0,75	Bento Ferreira	3
11	0,74	Parque Moscoso	1
12	0,74	Morada de Camburi	6
13	0,73	Jardim Camburi	8
14	0,73	Centro	1
15	0,71	Santa Cecília	4
16	0,69	Jabour	6
17	0,69	De Lourdes	3
18	0,68	Santa Clara	1
19	0,67	Pontal de Camburi	6
20	0,66	Fradinhos	3
21	0,66	Santa Luiza	5
22	0,66	Horto	3
23	0,65	República	6
24	0,64	Nazareth	3
25	0,64	Jucutuquara	3
26	0,63	Maruípe	4
27	0,6	Antônio Honório	6
28	0,59	Consolação	3
29	0,58	Vila Rubim	1
30	0,57	Segurança do Lar	6
31	0,56	Solon Borges	6
32	0,56	Boa Vista	6
33	0,55	Universitário	2
34	0,55	Aeroporto	6

⁶ Extraído de sitio da Prefeitura Municipal de Vitória, ES.
<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/indicadores/iqu/ranking.asp> em 04 de maio de 2010 às 23h13.

35	0,54	Monte Belo	3
36	0,54	Ilha de Santa Maria	3
37	0,53	Praia do Suá	5
38	0,53	São Cristovão	4
39	0,53	Joana Darc	4
40	0,52	Do Quadro	2
41	0,52	Santo Antônio	2
42	0,52	Goiabeiras	6
43	0,51	Ilha do Príncipe	2
44	0,51	Ariovaldo Favalessa	2
45	0,5	Tabuazeiro	4
46	0,5	Maria Ortiz	6
47	0,49	Mário Cypreste	2
48	0,49	Andorinhas	4
49	0,49	Santa Tereza	2
50	0,48	Caratoíra	2
51	0,47	Santa Marta	4
52	0,47	Itararé	4
53	0,45	Santos Dumont	4
54	0,44	Estrelinha	2
55	0,44	Forte São João	1
56	0,44	Comdusa	7
57	0,44	Grande Vitória	2
58	0,44	Bela Vista	2
59	0,44	Do Moscoso	1
60	0,43	São Pedro	7
61	0,43	Inhanguetá	2
62	0,42	Bonfim	4
63	0,42	Cruzamento	3
64	0,42	São José	7
65	0,42	Santo André	7
66	0,42	Do Cabral	2
67	0,41	Da Penha	4
68	0,4	Redenção	7
69	0,39	Romão	3
70	0,37	Jesus de Nazareth	3
71	0,37	Resistência	7
72	0,36	Gurigica	3
73	0,36	Nova Palestina	7
74	0,34	Santos Reis	7
75	0,34	Fonte Grande	1
76	0,3	Piedade	1
77	0,29	Ilha das Caieiras	7

78	0,22	Conquista	7
79	0,2	São Benedito	4